

TEOLÓGICA

Uma publicação da Faculdade Teológica Batista de São Paulo

Ano 12 | Nº13 | 2016

Artigos

Cânticos do Servo do Senhor em Isaías 42 e 49

Pedro Evaristo Conceição Santos

Os relatos do êxodo no período helenístico

Willibaldo Ruppenthal Neto

O cânon do Novo Testamento

Helber Benhami

Há elementos de graça na Ceia do Senhor?

Fernando Vítolo Gonzalis

Em defesa da fé: um panorama dos conflitos enfrentados pelos apologistas

Rafael da Silva França

A estruturação do ateísmo na primeira década do século XXI - parte 2

Renato Leon Bourdon

Suicídio e o ministério pastoral

Adrielly Machado Araujo Santos

Resenha

LUEPNITZ, Débora Anna. Os porcos-espinhos de Schopenhauer: a intimidade e seus dilemas. Cinco histórias de Psicoterapia.

Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

Silas Molochenco

Apresentação

Entregamos ao público a 13ª edição da Revista Teológica. A elaboração de cada edição recebe cuidado especial na escolha dos temas de modo que possam ser úteis aos variados públicos que têm acesso à Revista.

A produção deste material segue de perto o tripé caracterizador do Ensino Superior no País – ensino / pesquisa / extensão. Durante o cotidiano da escola o ensino é a atividade que tem lugar especial ao apresentar-se como o meio pelo qual o estudante tem contato com novos conhecimentos, novas alternativas, que o levam a ampliar suas possibilidades de aprofundamento e descobertas não apenas no campo cognitivo, mas também pessoal, relacional, vivencial e prático, e, aqui, temos os dois processos seguintes – a pesquisa e a extensão das possibilidades.

Uma revista acadêmica, portanto, vem estimular aos leitores a compreender pesquisas mais recentes que estão sendo objetos de priorizações na agenda de estudos de diversos estudiosos. A Revista Teológica não foge deste caminho.

Esperamos que você possa aproveitar esta oportunidade.

Lourenço Stelio Rega, PhD

Diretor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo

Prefácio

*“O escritor é um homem que, mais do que qualquer outro,
tem dificuldade para escrever”.*

Thomas Mann, vencedor do prêmio Nobel de literatura de 1929.

Quando nossos alunos estão iniciando o processo de escrita do Trabalho de conclusão de curso – TCC – fazem comentários do tipo: “é muito difícil escrever, não vou conseguir”. Com o passar do tempo e com ajuda dos professores orientadores, eles voltam e dizem: “me empolguei, gostei do que fiz, é bom escrever”.

Sentir prazer pelo que se estuda e pelo que se pode reproduzir a partir de pesquisas realizadas, traz uma satisfação ao ser humano. Mas as palavras não são mágicas e não surgem no nosso pensamento pela magia. Diz Carlos Drumond de Andrade em seu poema “O Lutador” que *Lutar com palavras é uma luta vã [...] deixam-se enlaçar [...] e súbito fogem*. Palavras vem à mente dos escritores e fazem o mesmo movimento, vão e vem, e como numa dança harmoniosa vão construindo textos, vão escrevendo.

Nesta revista Teológica se apresentam escritores, que não sem dificuldades, escreveram para nossa aprendizagem.

Iniciamos com o texto de Adrielly Machado Araujo Santos que nos aproxima do tema do Suicídio Pastoral, tema atual e de difícil discussão. A autora nos leva a compreender o stress provocado pela atividade pastoral que leva alguns sujeitos à depressões profundas e até ao suicídio. Propõe alguns métodos preventivos para se evitar questões extremas.

Anne Bertolino Fleury, ex-aluna da Pós graduação escreve sobre O aconselhamento inserido na capelania hospitalar no cuidado ao jovem com câncer. O presente artigo visa mostrar como a medicina atrelada à fé pode ser benéfica se utilizada por profissionais especializados que saibam aplicar métodos eficazes no cuidado de jovens com câncer. A fé e a medicina são analisadas de uma perspectiva científica propondo uma dialogia entre elas, de forma que favoreça o paciente.

O livro de Isaías nos traz textos interessantíssimos e o prof. Pedro Evaristo Conceição Santos nos ensina sobre os Cânticos do Servo do Senhor em Isaías 42 e 49. Pretende tratar de dois textos presentes na segunda parte do livro de Isaías (40-55), chamada de Livro da Consolação. Nesta parte do livro de Isaías, por meio da exegese do texto, buscar-se-á conhecer quem é o Senhor, quem o chama, qual a sua missão e a que se destina sua missão.

Fernando Vítolo Gonzalis busca responder se atualmente realizamos a ceia da maneira que a igreja primitiva também praticava e se a nossa maneira de ceia é a maneira correta através da exposição do texto de I Coríntios 11.17-34. A pergunta que se quer responder é: Há elementos de graça na ceia do senhor?

Um estudo histórico nos conduz aos relatos do êxodo no período helenístico a fim de compreender se tais relatos como elementos históricos se constituem em bases para a identidade judaica ao mesmo tempo que sofre reformulações a partir da leitura de gregos e egípcios. Prof Willibaldo Ruppenthal Neto da UFPR nos apresenta este estudo fazendo uma leitura a respeito da tradição judaica em um contexto helenístico, no qual a comunidade judaica no Egito crescia e a hostilidade egípcia à mesma também.

Helber Benhami, ex-aluno da Pós graduação em Exposição e Ensino da Bíblia, busca esclarecer o conceito de cânon e relatar a trajetória de como o Novo Testamento foi formado para o uso da igreja atual. O Cânon do Novo Testamento esclarece como os principais líderes cristãos ou pais da igreja contribuíram e influenciaram na aceitação de cada livro do Novo Testamento nos quatro primeiros séculos.

Rafael da Silva França, ex-aluno da graduação e mestrando na PUCSP relata de forma panorâmica os conflitos enfrentados pelo cristianismo mediante as refutações dadas por aqueles que se propuseram defender a fé cristã, os apologistas. Por meio desta pesquisa foi possível elaborar um compilado de adversidades que se levantaram nos primórdios da fé cristã em formato de ataques á fé cristã. Entretanto, a coragem, fé e sabedoria dos apologistas foi forte para refutar esses conflitos em defesa daquilo que criam. É possível concluir que o movimento cristão foi bastante atacado, porém foi eficazmente defendido.

Por fim, Dr. Silas Molochenco nos apresenta uma resenha do já conhecido livro **Os Porcos-espinhos de Schopenhauer**: A intimidade e seus dilemas. Cinco Histórias de psicoterapia. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. Interessante, intrigante e não menos valioso para uma leitura de avaliação que nos faz pensar no cotidiano do aconselhamento pastoral.

CÂNTICOS DO SERVO DO SENHOR EM ISAÍAS 42 E 49

Pedro Evaristo Conceição Santos ¹

RESUMO

O presente artigo tratará de dois textos presentes na segunda parte do livro de Isaías (40-55), chamada de Livro da Consolação. Nesta parte do livro de Isaías há quatro textos que são chamados de Cânticos do Servo do Senhor. Neste artigo apenas os cânticos presentes nos capítulos 42 e 49 serão tratados. Por meio da exegese do texto, buscar-se-á conhecer quem é o Senhor, quem o chama, qual a sua missão e a que se destina sua missão.

Palavras Chave: Senhor, Servo, Cântico, missão.

ABSTRACT

This article deals with two texts present in the second part of the book of Isaiah (40-55), called the Book of Consolation. In this part of the book of Isaiah there are four texts that are called Songs of the Servant of the Lord. In this article only the songs in chapters 42 and 49 will be dealt with. Through the exegesis of the text, one will seek to know who the Lord is, who calls him, what his mission is and what his mission is destined for.

Keywords: Lord, Servant, Song, mission.

INTRODUÇÃO

Os textos de Isaías 42.1-4 e 49.1-6 fazem parte do grupo de passagens que pertencem ao conjunto de textos denominado de Cânticos do Servo, no bloco de literatura de Isaías 40-55. Além dessas passagens, há também os textos de Isaías 50.4-9 e 52.13-53.12. Entretanto, não há unanimidade quanto à extensão dessas passagens. Há quem (LINDSEY, 1985, p. xi) inclua mais versículos nos três primeiros cânticos (42.1-9; 49.1-13; 50.4-11). Há também quem acrescente Isaías 61.1-3 ao grupo (LINDSEY, 1985, p. 4).

Os Cânticos do Servo foram, primeiramente, separados do resto do livro de Isaías por Bernard Duhm (WARD, 1968, p. 433-434), um erudito alemão, em 1892, em seu comentário sobre o livro de Isaías. Duhm fez contraste entre o servo individual, que ele pensou ser um rabino judeu leproso, com o servo coletivo anônimo dessas passagens, o qual ele identificou com Israel/Jacó (41.8; 44.1-2; 45.4; 48.20). Duhm afirmou que o motivo de isolar essas passagens se devia a que elas haviam sido escritas por outro autor, um século mais tarde, o Dêutero-Isaías (LINDSEY, 1985, p. 3).

Desde o trabalho de Duhm, pontos de vista têm sido levantados sobre a identidade do Servo a quem as passagens se referem. Os quatro pontos básicos serão apresentados a seguir de forma resumida (LINDSEY, 1985, p. 9-11).

Primeiro, há a interpretação individual que afirma ser o servo do Senhor uma pessoa específica, quer no passado, quer no presente ou futuro, do ângulo do profeta Isaías. Algumas subdivisões desta interpretação incluem os pontos de vista biográfico do próprio autor e o messiânico. É natural para os leitores assumirem interpretação individual, posto que tais passagens falem das experiências de um indivíduo (nascimento, obediência, sofrimento, morte e triunfo).

Há identificações individuais. Há quem afirme que o servo do Senhor é Moisés, Josias, Ezequias, Uzias, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Jeoaquim, Ciro, Dêutero-Isaías, entre outros. Entretanto, do Novo Testamento até o fim do século passado, o servo do Senhor é o Messias, identificado com o Jesus de Nazaré.

Segundo, há a interpretação coletiva que acha ser o servo do Senhor um grupo personificado num indivíduo. As interpretações desse grupo identificam o servo do Senhor com: a totalidade do povo judeu; o Israel ideal; o remanescente justo da nação de Israel; a dinastia davídica; a ordem profética; a

ordem sacerdotal; ou algum tipo de combinação entre essas interpretações.

Terceiro, há a interpretação mitológica que afirma que o servo do Senhor é um símbolo mitológico que sai de uma cerimônia cútica, envolvendo a morte e ressurreição do rei baseada no mito babilônico de morte e ressurreição do deus Tamuz.

Por último, encontram-se as interpretações sintéticas que procuram associar duas ou mais interpretações dadas acima.

Antes de seguir para desenvolver o trabalho no texto de Isaías, duas observações devem ser colocadas. Primeiro, assume-se a unidade do livro, pondo-o como sendo de autoria de Isaías, reconhecendo que há diferenças literárias e de conteúdo entre Isaías 1 a 39 e 40-66. Porém, encontra sentido para as diferenças no tipo de assunto abordado em cada bloco literário, principalmente que o chamado “Livro da Consolação” (Isaías 40-55) cabe perfeitamente dentro da unidade do livro, pois segue ao caos provocado pela invasão assíria sob Senaqueribe narrada nos capítulos 36 a 39, dando sentido para as palavras iniciais em Isaías 40.1: “Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus”. Mesmo assim, presume-se que o livro tenha passado por edição como fim de experimentar atualização de sua mensagem às audiências posteriores.

Segundo, este artigo não tem por finalidade tratar dos quatro cânticos do Servo do Senhor. Fixar-se-á na exegese dos dois primeiros cânticos (42.1-4; 49.1-6), os quais comporão as duas últimas partes do artigo. A primeira será um panorama do contexto de Isaías 42 e 49.

1. Panorama do contexto

1.1. Os servos do Senhor no Antigo Testamento (AT)

Através do AT, muitos homens foram chamados de servos de Deus ou do Senhor. Tanto Abraão como Isaque são chamados pelo título de “servo do Senhor” (Gênesis 24.14; 26.24; Êxodo 32.13). Nem sempre tais afirmações vieram dos lábios do próprio Deus. Moisés é visto pelo povo de Israel como “servo de Deus”, haja vista a grande confirmação que Deus lhe fizera pelo milagre na travessia do Mar Vermelho (Êxodo 14.31). Josué, após a sua morte (antes ele era comumente chamado de “servidor de Moisés”), é chamado de “servo do Senhor” (Josué 24.29).

Entre os reis, particularmente Davi é chamado de “servo do Senhor” (1 Reis 11.38). Porém, entre os seus descendentes, poucos são chamados de “servo do Senhor”. Apenas Ezequias (2 Crônicas 32.16), Eliaquim (Isaías 22.20-22), e Zorobabel (Ageu 2.23). Até Nabucodonosor, um rei gentil, foi honrado com o título de “servo do Senhor” para uma ocasião especial (Jeremias 25.9).

Profetas e sacerdotes foram designados, nas Escrituras, como servos de Deus. Elias (1 Reis 18.36), os profetas que exortaram a Israel quanto a seus pecados antes da deportação para a Assíria (2 Reis 17.23; Jeremias 17.25). Houveram sacerdotes apontados como pertencentes ao seletor grupo de servos do Senhor (Salmo 134.1).

Por fim, pode-se afirmar que todos os que adoram e atentam para as palavras de Deus são chamados de servos do Senhor (Isaías 56.6). Os anjos também estão incluídos no grupo de servos do Senhor (Salmo 103.20-21). Tudo isso indica que o servo do Senhor é alguém que desfruta de sua companhia, partilha de sua presença e realiza a sua vontade. A exceção fica por conta daqueles que não conhecem o Senhor, mas ainda assim são chamados para realizar a sua vontade, como Nabucodonosor. Pode-se colocar aqui Ciro, o qual é chamado pelo próprio Deus de Israel como sendo um “ungido” dele para uma ocasião especial (Isaías 44, 45).

1.2. O significado da palavra “servo”

A palavra “servo/escravo” (*‘ebed*) vem da raiz verbal hebraica *‘bd*, cujo sentido vem a ser o de “servir, trabalhar”, e que parece aglutinar várias ideias de raízes semíticas em sua etimologia: no Aramaico tem o sentido de “fazer”; e em Árabe carrega também o sentido de “adorar, obedecer”, e num tronco intensivo tem a ideia de “escravizar ou reduzir à escravidão” (HARRIS *et alli*, 1980, p. 639).

Dentro do AT, *‘ebed* significa basicamente “servo, escravo” e tem variadas aplicações. Primeiro, *‘ebed* se refere a um escravo (Êxodo 21.20-21), considerando que em Israel a escravidão era mais humanizada, haja vista que o escravo, principalmente o israelita, era cercado de certos direitos. Segundo, um rei vassalo era servo do rei, ou reino, a quem ele devia lealdade e prestar contas (2 Samuel 10.19), e como tal, sua nação, ou povo, devia pagar tributo aquele e era chamada de serva (1 Crônicas 18.2, 6, 13).

Terceiro, aqueles que prestavam algum tipo de serviço ao rei, como oficiais – homens do exército e embaixadores, eram considerados servos daquele rei que representavam (Gênesis 40.20; 1 Samuel 19.1; 2 Reis 22.12). “No uso secular, ‘o servo do rei’ foi um importante ministro” (WHYBRAY, 1987, p. 71). Porém, eles tinham algum tipo de ganho por seu serviço prestado. Portanto, ‘*ebed*’ implica em dependência e serviço, por um lado. Por outro lado, pode implicar em alto grau de honra quando designa alguém como “servo do Senhor” (LINDSEY, 1985, p. 2).

Quarto, ‘*ebed*’ também foi empregada para expressar, de forma polida, uma referência pessoal de humildade (Gênesis 33.5), o que poderia chegar a extremos quando a pessoa se autodenominava de “teu servo, este cão” (2 Reis 8.13; 2 Samuel 9.8), demonstrando elevada desvalorização pessoal.

Por último, o mais importante uso de ‘*ebed*’ é em relação ao Messias (HARRIS *et alli*, 1980, p. 639-640). Ela é empregada como termo técnico no ensino sobre o Messias, estando o foco central dentro dos últimos vinte e sete capítulos do livro de Isaías (LINDSEY, 1985, p. 1, rodapé nota 1). Em Isaías 56-66, ‘*ebed*’ aparece dez vezes somente no plural, “meus servos” (56.6; 63.17; 65.8, 9, 13 [3x], 14, 15; 66.14).

Dentro do Livro da Consolação (Isaías 40-55), em contraste, registram-se todas as aparições de ‘*ebed*’ no singular, exceto uma (54.17): aponta para o profeta Isaías uma vez (44.26); onze vezes a mira é Jacó/Israel fora dos Cânticos do Servo (41.8, 9; 42.19 [2x]; 43.10; 44.1, 2, 21 [2x]; 45.4 ; 48.20); oito vezes aponta para o servo presente nos Cânticos do Servo (42.1; 49.3, 5, 6, 7; 50.10; 52.13; 53.11). Já no bloco de Isaías 1 a 30, a palavra ‘*ebed*’ aparece apenas quatro vezes no singular (20.3; 22.20; 24.2; 37.35), e seis no plural (14.2; 36.9, 11; 37.5, 6, 24). Notoriamente, na maior divisão literária de Isaías, a palavra ‘*ebed*’ nunca faz referência ao Messias, deixando para o Livro da Consolação empregar-la para o Messias – indicando a única fonte de verdadeira consolação. O título completo, “servo do Senhor”, por sua vez, aparece somente em 42.19, e aponta para Israel.

1.3. O contexto dentro do livro de Isaías

1.3.1. Isaías 40-41

Os capítulos anteriores ao Livro da Consolação (36-39) trataram da invasão assíria que destruiu cidades importantes de Judá, tornando a vida em Jerusalém um caos pela chegada de fugitivos de vários lugares de Judá, e

de Israel, que buscavam proteção na capital do Reino do Sul. Essa situação fez com que as promessas dos capítulos seguintes tenham sentido e grande significado para o povo dos tempos difíceis de Ezequias e Isaías com a invasão assíria.

O contexto imediato do primeiro Cântico do Servo tem Isaías 40, onde o tema básico é a libertação que o Senhor fará aos exilados de Judá. Essa libertação ocorreria dois séculos depois da morte do profeta Isaías. O consolo viria para Judá (e todo o Israel) porque o sofrimento pelo qual ele passou foi suficiente, e o Deus de Israel, em misericórdia, perdoou seus pecados (40.1, 2).

A promessa mais enfática desse capítulo é aquela que aponta para o Deus de Israel vindo para recompensar seu povo (40.9, 10). Aquele que clama deve preparar o caminho do Senhor (40.3). Com a vinda do Senhor, sua glória será manifesta (40.5). Haverá mudança na topografia da terra (40.4) para que todo obstáculo à chamada do Senhor seja removida. O próprio Deus de Israel será quem recolherá seu povo de forma terna, como o pastor faz com suas ovelhas e o pai com o filho a quem quer bem e o consola (40.11). Essa profecia tem a promessa de garantia de cumprimento fixada pelo Senhor, cuja palavra jamais passará, diferentemente do que acontece com a erva do campo (40.8).

O Deus que faz as promessas de libertação é Deus soberano e poderoso. Ele é criador e mantenedor de tudo o que existe (40.12-14). As nações, por mais poderosas que sejam (incluindo a Assíria), não escapam de seu controle. Ao contrário, quando comparadas com ele, a sua insignificância é manifesta, e seus ídolos são transformados em coisas sem valor (40.15-20). A humanidade, por sua vez, é efêmera em seus dias de vida, ela é como gafanhoto aos olhos do Deus de Israel (40.20-24). Mesmo sendo tão exaltado, o Criador é com os humildes para fortalecê-los (40.31). Porém, ele é contra os soberbos, e os que esperam em seus próprios esforços terão sua oposição (40.29-30).

De forma sucinta, pode-se notar que o que é dito nesse capítulo está também em Isaías 42.5-9, versículos subsequentes ao primeiro Cântico do Servo. Nesses, Deus é tanto Criador dos céus e da terra como dos homens, cuja existência é dependente dele (41.5). O Criador será quem chamará seu Servo para torná-lo mediador de Nova Aliança (ver Jeremias 31). Do ponto de vista de Isaías 40, esse é o Servo do Senhor quem libertará o povo de Israel. A garantia disso está na capacidade do Senhor para fazer cumprir o que ele promete (40.8; 41.8-9). Se o Servo do Senhor é quem mediará a Nova Alian-

ça, então será ele quem libertará o povo de Israel.

1.3.2. Isaías 47-48

O tema da libertação também está presente nos capítulos que antecedem o segundo Cântico do Servo. A libertação é o centro dos capítulos 40-55. Por isso que esse bloco de literatura é chamado de Livro da Consolação.

Israel não tem motivo para se preocupar. Ele tem a proteção sempre presente de seu Deus (43.1-7). Em certo sentido, essa profecia teve seu cumprimento nos retornos do Exílio. Entretanto, seu cumprimento fora parcial, haja vista que não houve um retorno total para a sua terra depois do Exílio. E isso ainda não aconteceu até hoje.

Mesmo que o povo do tempo de Isaías estivesse experimentando sofrimento sob o Império Assírio, Isaías aponta que, como o Reino do Norte fora exilado sob a Assíria, Judá também experimentaria o Exílio sob a Babilônia que, nos dias de Isaías ainda não havia sido elevada à posição de império mundial. Mas quando isso acontecer, o Deus de Israel virá a cuidar da Babilônia, como fará com a Assíria. A Babilônia experimentará o juízo divino (43.14). Ciro, o primeiro imperador do império mundial medo-persa, será quem fará o juízo divino cair sobre a Babilônia. Ele é chamado de Servo do Senhor (44.26). Como ele virá sob as ordens divinas, os deuses de Babilônia, particularmente Bel, não terão a capacidade de resistirem ao juízo do Deus de Israel (45; 46). “Esta designação de ‘servo’ (*‘ebed*) indica um agente escolhido para tarefas específicas. Pode ser predito uma agente humano escolhido por Deus, seja um indivíduo ou uma coletividade” (BLENKINSOPP, 2002, p. 299).

A Babilônia passará. Porém, Deus erguerá Israel, e o reunirá como seu povo (48.17, 20). A reunião de Jacó como povo do Senhor será obra do Servo do Senhor (49.5, 6). Ele salvará Israel e ainda alcançará os gentios. Como em 42.6, outra vez é dito que o Senhor fará seu Servo mediador de aliança (49.8). A forma como o Servo mediará essa Aliança será desvendado no Quarto Cântico do Servo (Isaías 52.13-53.12). Mas esse está fora de alcance desta pesquisa.

Os próximos pontos desenvolverão a pesquisa sobre os Cânticos do Servo do Senhor em Isaías 42.1-4 e 49.1-6. A questão a ser levantada aqui é: Como o Servo do Senhor é caracterizado nestes cânticos? Qual é o papel que ele tem para se desenvolver como o Servo do Senhor por excelência?

2. Primeiro Cântico – A missão do Servo: agente de justiça (Isaías 42.1-4)

2.1. As características do Servo do Senhor

A apresentação do Servo é feita por uma interjeição (*hen*) que traz em si um pedido, ou mesmo uma ordem, para que se dê atenção a alguma coisa (HARRIS *et alli*, 1980, p. 220-221). Assim, seu sentido para a tradução pode ser: “veja”, “olhe”¹ – o próprio Deus é o orador e está fazendo “uma apresentação formal do Servo que equivale a um ato de apontamento a, ou confirmação em, um ofício” (WHYBRAY, 1987, p. 71). Com *hen* na abertura de 42.1, há como que um grito de um arauto proclamando a apresentação do Servo: “vejam! Mirem o Servo do Senhor!”.² Ela aponta para o Servo do Senhor como aquele em quem se deve fixar os olhos, em lugar de pôr os olhos nos ídolos, como aqueles que ele tratou no capítulo anterior a partir do versículo 21. “Através da palavra profética os olhos do leitor são dirigidos dos deuses pagãos, com suas imagens, para o servo de Deus” (GROGAN, 1986, p. 254).

Ela aparece em 41.29 para introduzir a conclusão sobre os deuses das nações que, em suma, são nada e nada operam. Por sua vez, contrastando com a vacuidade dos ídolos, o Servo do Senhor é introduzido cheio de poder e significado. Enquanto que os ídolos nada são, o Servo do Senhor é o seu escolhido. Os ídolos das nações são detestados pelo Senhor, mas o seu Servo tem a sua alma, pois ele promove a justiça, já os ídolos a injustiça.

Agora, como o *‘ebed* do Senhor é apresentado? Quais são as qualidades que ele apresenta que o qualificam para ser o *‘ebed* do Senhor por excelência? Em primeiro lugar ele é chamado de “o meu servo” (42.1). Mesmo que esta construção não abra o versículo, ela aponta para certa ênfase – “o *‘ebed* é meu”. Ele pertence ao Senhor e a sua intimidade. O Deus de Israel, como Grande Soberano, aponta seu representante. Ele tem um relacionamento especial com o Senhor e o representa. Assim, em segundo lugar, tal é a importância do Servo que ele está sob a segurança do Senhor para que ele cumpra a sua missão. Porém, a afirmação “eu o seguro”, ou “eu o sustenho”, pode ser traduzida por “eu tomo posse dele” (*‘etmak-bô*), estabelecendo que a presença divina, no Servo, será completa. Então, a seguridade do Servo está na presença de Deus nele e com ele. A implicação disso é que ouvir ou desobedecer a palavra do Servo é o mesmo que ouvir ou desobedecer a palavra daquele que o enviou, o Deus de Israel.

Essa presença divina é vista melhor com a colocação que o Senhor “dará seu Espírito sobre ele” – ele será alguém habitado pelo próprio Deus de Israel e, com isso, ele será “Deus conosco” (Emanuel). Lindsey (1985, p. 1, nota 1) entende que o verbo *natan* (“dar”) é um perfectivo¹ profético. A segurança de cumprimento está na revelação que é dada por Deus e na fé do profeta que a passa adiante. O Servo do Senhor será inteiramente possuído e sustentado pelo poder de Deus. Esse será o motivo primário de ele agir no inteiro agrado do Senhor e de fazer justiça aos gentios (Isaías 11.2; 61.1-3; Marcos 1.11; Mateus 12.28). Pode-se concluir, a partir dessas características, que o *‘ebed* do Senhor será um ser divino-humano.

Em terceiro lugar, Isaías 41.1 diz: “No meu escolhido (*b^ehîrî*) a minha alma tem completo gozo”. Ser escolhido do Senhor coloca o Servo na posição de alguém especial, destinado para uma missão específica, definida em 42.2-4. “Meu escolhido” indica que a escolha pessoal é do próprio Deus (HARRIS *et alli*, 1980, p. 110-101), e mostra que eleição e serviço andam lado a lado dentro das Escrituras.

E para fechar o completo envolvimento do Deus de Israel com seu Servo, ele mostra que ele tem prazer de alma no seu escolhido. A palavra “alma” mostra que a pessoa integral de Deus está envolvida nesse relacionamento. O prazer do Senhor com o Servo é de forma tal que envolve a sua pessoa integral naquilo que o Servo terá que realizar na sua missão. Essa afirmação faz lembrar as declarações divinas no batismo de Jesus (Mateus 3.17) e na sua transfiguração (Mateus 17.5). O Servo do Senhor é alguém em quem está a totalidade de seu deleite (gozo ou alegria).

Por último, o *‘ebed* do Senhor “fará vir justiça para os gentios”. A preposição “para” (*l*) mostra a direção para a qual irá a justiça que ele fará sair. Perifrasticamente, pode-se traduzir essa oração assim: “Ele começará a fazer sair a justiça em direção (para) aos gentios”. “Justiça” (*mišpat*) tem haver com decisão legal, mas também com a conformidade com tal decisão. Para que os gentios se tornem em conformidade com as decisões divinas, eles terão que conhecer estas decisões. Somente por meio do verdadeiro conhecimento do Senhor é que os gentios alcançarão essa justiça. O Servo do Senhor trará o conhecimento divino para os gentios para que eles alcancem tal justiça (RIDDERBOS, 1986, p. 346-347).

Em 42.4, a palavra “justiça” vem seguida pela palavra “instrução” (*tôrah*), mostrando que o Servo será quem revelará o Deus de Israel para os gentios numa grande quebra de paradigma até ali. O verbo “pôr”, no v. 4, e “fazer sair (ou vir)”, no v. 1, indicam que o Senhor fará de seu Servo o meio de revelação

aos gentios e aquele que legislará a justiça em favor deles (Isaías 49.6).

Com todas essas características, pode-se afirmar que o Servo do Senhor será o Servo que representará perfeitamente o Deus de Israel, tanto para Israel como para os gentios, e fará isso por causa de sua qualificação divina. “Podemos dizer que nele, a missão de servo de Israel encontra expressão perfeita” (GROGAN, 1986, p. 254). Somente alguém com essas qualidades realizaria plenamente a missão divina entre os povos, onde Israel havia falhado.

2.2. O papel do Servo do Senhor – o que ele fará e o que ele não fará

Isaías 42.2-4 descreve a missão do Servo. O texto pode ser dividido em dois seguimentos. O primeiro é constituído por 42.2-3 e o outro por 42.4. Os dois começam com série de negativas e terminam com declaração positiva. Eles dizem primeiro o que o servo não fará, para depois mostrar o que ele fará. Cada ação verbal é formada por um verbo imperfectivo progressivo atestando o começo de uma ação ou a proibição dela, dependendo da presença ou não da negativa.

2.2.1. A humildade do Servo (42.2-3)

A humildade do Servo é demonstrada no trato com os fracos. Isaías 42.2 diz: “Não começará a gritar nem a levantar (sua voz), nem a fazer ouvir sua voz em campo aberto”. A tradução mostra que o verbo “levantar” deixa subentendido que se trata da voz do Servo, a qual é colocada na seguinte oração de forma clara. O que essas afirmações negativas fazem é mostrar a mansidão e humildade do Servo no trato com os fragilizados de seu povo. Pessoalmente, o Servo não buscará publicidade e, no desempenho da sua função, ele não manifestará ostentação (LINDSEY, 1985, p. 46-47), pois o seu poder está na ação do Espírito de Deus em ocupar todo o seu ser (RIDDERBOS, 1986, p. 347-348).

Em seu comportamento humilde, o Servo tratará com brandura os já amargurados de seu povo. Isaías 42,3 diz que ele “não começará a quebrar em pedaços a cana já quebrada, nem a sufocar o pavio que fuma”. A cana que já está trilhada não será mais esmiuçada nem o pavio que acende uma luz que se apaga será extinto. A ideia transmitida pelo paralelismo é que o Servo tratará os fracos e oprimidos com ternura. Ele não explorará a vida que já está a extinguir-se. Ela a poupará e a revitalizará (RIDDERBOS, 1986, p. 348). Suas ações serão opostas as do tirano (notar Mateus 11.28-30; Isaías 61.1-4; Lucas 4.1-4).

A parte final do v. 3, “em verdade promulgará o direito”, está presente no v. 1, exceto que aqui ela não traz a palavra “gentios”, e foi acrescentada a construção “em verdade”. Também por questão de ênfase, no v. 1, o substantivo aparece antes do verbo. A tradução “em verdade” (*le’emet*) significa “segundo a verdade” ou “verdadeiramente”. Possivelmente ela “expresse conformidade histórica entre a realidade do cumprimento pelo Servo e a predição dada pelo Senhor” (LINDSEY, 1985, p. 48). Assim, o que o Servo será e fará será exatamente conforme Deus falou. Uma expressão recorrente dentro do Pentateuco para demonstrar precisão na obediência é: “... fez conforme lhe fora ordenado”. O Servo do Senhor terá obediência conforme lhe foi ordenado.

2.2.2. A força (determinação) do Servo (42.4)

O segundo seguimento (Isaías 42.4), como nos v. 2 e 3, também apresenta ênfase por meio de empregar uma palavra sinônima em paralelo com a anterior, com “desanimar” e “quebrar-se” empregados para dizer a mesma coisa. Dos quatro verbos usados no v. 4, dois aparecem com a partícula negativa e dois fazem declaração positiva: “Não começará a desanimar-se nem a se quebrar, até que comece a pôr justiça na terra. No seu (pelo seu) ensino, as terras distantes esperarão”.

Deve-se observar a repetição da palavra “justiça” (*mišpat*) neste cântico do Servo. No v. 1 o texto diz: “ele começará a promulgar a justiça”; no v. 3: “e verdadeiramente ele começará a promulgar a justiça”; e no v. 4: “até que comece a pôr a justiça na terra”. As três declarações mostram que a missão central do Servo, neste cântico, será trazer justiça para quem não tem justiça, ou fará justiça contra quem não é justo. O tipo de justiça que o Servo trará não está disponível por meio do próprio homem.

A presença da preposição “até” (*‘ad*) aponta para a força da determinação do Servo para fazer cumprir a sua missão. Ele não desistirá diante da oposição até cumprir o seu projeto – fazer com que a justiça chegue aos fracos de seu povo e às terras distantes, aos gentios. Esse projeto satisfará a expectativa dos povos que aguardam pela sua palavra ou ensinamento.

Assim, a missão do Servo no primeiro cântico é trazer justiça tanto aos debilitados de seu povo como aos excluídos de seu povo por serem gentios. No próximo cântico, o Servo mostra o outro lado de sua missão – reunir. Quando há justiça, há unidade, ou união.

3. Segundo Cântico: A missão do Servo: agente de reunião (Isaías 49.1-6)

Enquanto que no primeiro cântico a voz é a do Deus de Israel, chamando e dando sua missão para o Servo, no segundo cântico, a voz que se ouve é a do próprio Servo.

3.1. A convocação do Servo antes de seu nascimento (49.1)

O cântico já começa com a voz do Servo e com um imperativo (“ouvi”), não com “a fórmula “Assim diz o Senhor”, a qual provaria que ele seria um profeta” (BALTZER, 2001, p. 305-306). “Ouvi” é uma ordem positiva (WATTS, 1964, p. 88-91) onde a autoridade do Servo é revelada pela forma como ele fala, onde é empregado o paralelismo sinonímico: “Ouvi-me terras do mar // Escutai povos de longe”. A palavra “terras do mar” (*’iyyîm*) já apareceu em 42.4 (ver 40.15; 41.1, 5; 42.10, 12, 15) para mostrar que a justiça do Servo alcançará as terras distantes. Normalmente é traduzida por “ilhas”, numa provável referência às ilhas do Mar Mediterrâneo ou ao mundo de fala grega (BALTZER, 2001, p. 306), mas pode-se considerar, neste texto, a totalidade do mundo gentílico (RIDDERBOS, 1986, p. 349), numa indicação do alcance da missão do Servo. Ao mesmo tempo que ele é *’ebed* do Senhor para Israel, ele também o é para o mundo. Já a palavra para “povos” é *l’ummîm*, uma palavra que designa uma comunidade étnica. Novamente apontando para a universalidade da missão do Servo. Assim, não somente Israel deve prestar atenção ao que o Servo dirá, mas todos os povos, sejam os de perto, sejam os de longe.

No formato de quiasmo, o Servo aponta, inicialmente, para o que ele deseja que os povos ouçam dele: “O Senhor me chamou do ventre (da minha mãe) // Do ventre da minha mãe fez menção do meu nome”. O uso do perfectivo na construção dos verbos mostra que, no entendimento do Servo, a chamada divina, comum em pensamentos proféticos, é vista como um todo, indicando que Deus o chamou para investir sua vida inteira na missão do Senhor, e isso de forma definitiva. Ao colocar a palavra “Senhor” no início da frase, o Servo aponta para a soberania divina sobre o destino dos homens, bem como destaca que foi o Senhor o chamou.

3.2. A proteção e preparação dadas ao Servo (49.2)

O versículo 2 está estruturado na forma de paralelismo, onde, no final de cada comparação, há frases semelhantes: “Fez a minha boca como uma espada aguda; na sombra da sua mão me escondeu // Fez-me como uma

flecha polida; e me guardou na sua aljava”. As comparações são feitas nas primeiras linhas: “boca como espada aguda; como uma flecha polida”. O término de cada paralelo termina com a ideia de proteção, ou amparo.

O texto em análise fala da proteção dada ao Servo, depois de sua vocação. Nesse texto, o Senhor dá ao Servo, depois de seu nascimento, a garantia que ele não será derrotado diante de seus inimigos, mas que a missão para a qual ele foi convocado prosperará. A proteção do Servo é destacada por verbos que apontam ocultação. Essa ocultação na mão e na aljava parece indicar o período antes do ministério público do Servo. Mas não somente isso, pois esses verbos indicam ação no perfectivo, e, por isso, podem ser entendidos como que apontando para a sua vida inteira.

Mas essa ocultação não implica em permanecer escondido, mas em proteção. As figuras da espada e flecha polida (ou pura) destacam que o Servo foi preparado para “falar palavras poderosas e penetrantes” (RIDDERBOS, 1986, p. 348).⁴ A flecha polida demonstra a penetração na vida dos ouvintes atingidos pela sua poderosa palavra. Tudo isso para apresentar um Servo eficiente por meio daquilo que ele fala. Essa eficiência vem pela pessoa que o protege e o acompanha – o Senhor. Portanto, a certeza do sucesso do *‘ebed* do Senhor está na garantia da presença divina no Servo com o fim de capacitá-lo para realização de sua missão. Tal missão será realizada essencialmente pela palavra falada.

3.3. O objetivo do Servo (49.3)

O Cântico do Servo, nesse versículo, está escrito na forma de um paralelismo climático ou de escada. Esse tipo de paralelismo conduz a um ponto elevado na sua escrita que, no caso desse versículo, é a glória de Deus. A maneira como essa glória será alcançada é mais bem descrita nos versículos 5 e 6. Assim declara o versículo 3: “E começou a dizer-me: Servo meu tu és = (és) Israel. Porque em ti começarei a ser glorificado”. Se entender-se a glória de Deus como a manifestação divina (seja na natureza ou na Palavra, como no Salmo 19), então o Servo será o meio de Deus se desvendar pessoalmente a Israel. Porém, como ele também é “Israel”, então este desvendamento será para toda a humanidade.

3.4. O aparente desânimo do Servo ante seu objetivo (49.4)

De alguma forma o Servo se encontra desanimado com o desenvolvimento de sua missão. Aqui temos uma fala do Servo que começa com uma

declaração enfática, onde aparece a presença do pronome pessoal: “E eu [wa’anî] disse” declara uma conversa de si para si. É um monólogo onde sua fala é consigo mesmo, como se ele descrevesse sua frustração com os resultados do que ele fez até ali. O que ele vai dizer não se trata de um pensamento permanente. Porém, nalgum momento da vida do Servo, essa foi sua observação integral, mas que, no final, é contraposta com a declaração de fé presente no final do versículo.

Nas declarações do Servo, ele parece entender que seu trabalho árduo foi em vão (literalmente: “Eu trabalhei arduamente para o vazio”, ou trabalhei sem resultado). Sua lamentação prossegue, e, empregando a palavra “sem forma” (Gênesis 1.2 - *tôhû*), ele destaca que seu trabalho parece ter sido inútil: “e para uma coisa sem forma e (como) vapor, eu gastei todas as minhas forças”.

A estrutura do versículo é a de paralelismo sinonímico, onde a ideia de um trabalho nulo é repetida de outro modo na segunda linha: “E eu disse para mim mesmo: Em vão trabalhei arduamente. Gastei todas as minhas forças em coisa sem forma (sem sentido) e como vapor (efêmera)”. Entretanto, como num ressurgimento em fé, ele estabelece que, mesmo com o aparente insucesso, seu trabalho está diante de Deus: “Porém, minha justiça (aqui – recompensa, a realização da justiça – ele fez o que lhe foi pedido) está perante o Senhor, e o meu feito (realização) perante o meu Deus”. Assim, o *‘ebed* do Senhor encontra forças em Deus, na convicção pessoal que seu trabalho não será “sem forma” muito menos efêmero em seus resultados, porque o que ele realiza para seu Deus está firmado perante o Senhor. Portanto, não somente sua capacitação vem de seu Deus, mas a garantia de sucesso e a recompensa pertencem a Deus.

3.5. O objetivo do Servo para Israel (49.5)

Depois de um aparente desânimo, curado com uma declaração de fé, o Servo fala de sua missão a dois públicos-alvo definidos: Israel e os gentios. Em Isaías 49.2, o Servo do Senhor é chamado para reunir Israel e Judá em um só povo. Aparentemente, é essa missão que ele considera ingloria no versículo anterior. Em uma nota de conclusão das declarações do Servo, o v. 5 começa com “e agora” [*we’atah*], a qual “introduz o próximo ponto na sequência” (HARRIS *et alli*, 1980, p. 681).

Assim, depois de declarar sua frustração com a sua missão a Israel, o Servo estampa a vontade divina estabelecida para ele desde o ventre de sua mãe. Independentemente de como ele se sente, ele sabe qual é a vontade divina para ele, e sabe também que Deus o exaltará por cumprir sua missão ao seu povo, independentemente dos resultados – o próprio Deus o glorificará, numa provável referência ao sucesso de sua missão aos gentios. O verbo “glorificar” corta a citação das palavras do Senhor ditas diretamente ao Servo.

O verbo “dizer” [*amar*] segue *‘atah* (“agora”) para destacar o conteúdo do que o Servo recebeu de seu Deus. Esse verbo é repetidamente empregado para trazer revelação direta de Deus (HARRIS *et alli*, 1980, p. 55). E o que foi que Deus revelou ao Servo? Este conteúdo novo está relacionado ao “prêmio” dado ao Servo por seu serviço a Israel – uma missão de sucesso aos gentios (49.6). Mesmo que Israel não se deixe reunir pelo Servo, os gentios se deixarão juntar pelo *‘ebed* do Senhor.

3.6. O objetivo do Servo para os gentios (49.6)

Qual é, finalmente, o conteúdo do que o Senhor disse para seu Servo? Que é pouco o que o Servo fará a Israel quando comparado com o alcance de seu ministério aos gentios. Diante do alcance mundial do trabalho do Servo, converter Israel se tornaria pouco. Desse modo, em termos proporcionais, trabalhar com Israel para reconstruir as tribos numa confederação unificada é pequeno, quando comparado com os resultados de seu ministério aos gentios. Esse se estenderá até aos confins da terra. É como se o Senhor dissesse ao seu Servo: “Você acha pequeno o trabalho de reunir as tribos de Israel num só povo? Eu vou te mostrar até onde vai o teu ministério”.

A construção “é coisa pequena seres um servo para mim” possui a formação do verbo “ser” [*hayah*] no infinitivo construto, o qual, com a preposição *min* (“de, por”, entre outros sentidos), dá a ideia de existência continuada na condição de *‘ebed* do Senhor para Israel (WATTS, 1964, p. 98). Por isso, pode-se dizer que, além de Servo para converter Israel ao Senhor, ele também será um Servo divino que trará “luz” e “salvação” para os gentios. A palavra “luz” está em paralelo com a palavra “salvação”, indicando que o Servo trará salvação divina para os gentios. A luz do mundo será luz salvadora (que salva) para os gentios.

Como se o Senhor quisesse recompensar o Servo por seu árduo ministério com Israel, ele dá ao Servo o privilégio de se tornar luz para os gentios. A ideia é que, além dele ser Servo do Senhor com relação a Israel, ele também

(a conjunção *vav*, “e”, prefixado ao verbo “dar” pode ter este sentido) será Servo como doação do Senhor aos gentios.

Antes de seguir para a conclusão, uma proposta de tradução para Isaías 49.6 será dada, com o fim de notar a ideia que este artigo quis apresentar do texto: “E continuou o Senhor a dizer: É coisa pequena tu seres um servo para mim, a fim de levantar as tribos de Jacó, e fazer voltar os remanescentes de Israel? Também te darei para (ser) luz para os gentios, para ser a minha salvação até as extremidades da terra”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, no primeiro cântico, a missão do Servo é trazer justiça aos fracos e oprimidos. No segundo, sua missão é ser luz salvadora, tanto para Israel como para os gentios. Salvação tem a ver com libertação e paz plena.

O que se pode dizer mais sobre esses dois textos? A quem eles se referem? À luz do Novo Testamento, pode-se afirmar que eles se referem a Jesus, o Cristo, o Filho do Deus vivo. Diretamente ou não, esses são aplicados a Jesus. Isaías 42.1-4 é aplicado integralmente a Jesus pelo evangelista Mateus (12.18-21).

O alcance da mensagem de Jesus aos gentios é tônica presente tanto no primeiro quanto no segundo cânticos. Aliás, esses dois cânticos terminam falando da salvação aos gentios. Essa parte da missão do Servo está em harmonia com a ordem de Jesus para que sua mensagem seja levada a todo mundo (Mateus 28.18-20). Os apóstolos entenderam que esses cânticos se aplicavam a Jesus, ao ponto de chamarem-no de Servo no livro de Atos (3.13, 26; 4.30).

Portanto, Jesus é o Servo do Senhor profetizado por Isaías. Esse, como profeta divinamente inspirado, mirava além das fronteiras de seu tempo, para os dias de cumprimento de sua mensagem.

Partindo desse pressuposto, os evangelhos apontam para Jesus como o Servo do Senhor por excelência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALTZER, Klaus. *Deutero-Isaiah – a commentary on Isaiah 40-55*. Minneapolis: Fortress Press, 2001.
- BLENKINSOPP, Joseph. *Isaiah 40-55*. IN: **The Anchor Yale Bible**. New haven & London: Yale University Press, 2002.
- BROWN, Colin, editor. *O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, v. 4. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983.
- ELWELL, Walter, editor. *Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã*, v. 3. São Paulo: Edições Vida Nova, 1990.
- GROGAN, Geoffrey W. **Isaiah** IN: *Expositor's Bible Commentary*, volume 6. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1986.
- HARRIS, R. Laird, ARCHER, Gleason L. Jr., WALTKE, Bruce K. *Theological Wordbook of the Old Testament*, volume 2. Chicago: Moody Press, 1980.
- LINDSEY, F. Duane. *A study in Isaiah – the Servant songs*. Chicago: Moody Press, 1985.
- RIDDERBOS, J. *Isaías – Introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1986.
- SHEDD, R. P., editor. *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983, v. 2.
- WARD, James M. "The Servant Songs in Isaiah". IN: *Review and Expositor*, volume LXV, número 4, Faculty of the Southern Baptist, 1968, p. 433-446.
- WATTS, J. Wash. *A survey of syntax in the hebrew Old Testament*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1964.
- WHYBRAY, Roger Norman. *Isaiah 40-66*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1987.

¹ Pedro E. C. Santos tem Mestrado em Teologia (FTBSP) e em Ciências da Religião (UMESP). É Doutor em Letras com ênfase em Estudos Judaicos pela Universidade de São Paulo (USP). Sua graduação em Teologia aconteceu em 1985 (SBC) e a convalidação em 2007 (FTBP). santosp20@yahoo.com.br

² A tradução dessa palavra depende do contexto, pois em 2 Crônicas 7.13, ela é traduzida por "se".

³ Whybray destaca que o papel de Israel, como Servo do Senhor, é sempre passivo, "enquanto que aqui, ao Servo é dado enfaticamente um papel ativo" (1987, p. 71).

⁴ Perfectivo é a forma hebraica de ver a ação do verbo como um todo. É comumente encontrado em profecia para atestar a garantia de seu cumprimento. O perfectivo vê a ação como um quadro em sua totalidade. Por sua vez, um imperfectivo denota a ação em seu desenvolvimento, ou em sua repetição, mas não em sua totalidade.

⁵ De forma ilustrativa, em Marcos 1 encontramos reações diferentes dos ouvintes de Jesus, numa sinagoga em Cafarnaum, à sua palavra de autoridade. Em Marcos 1.22 diz que os ouvintes "estavam sendo maravilhados" com o ensino com autoridade de Jesus, e faziam comparação com os escribas. O verbo "maravilha-se" pode conter duas ideias. A primeira é de surpresa - eles não esperavam tal autoridade no ensino de Jesus. A segunda é de dominação - eles se sentiram dominados pelo ensino de Jesus. Mais adiante, em Marcos 1.27, outra palavra destaca o espanto dos presentes com Jesus. Depois da expulsão de um demônio de alguém, os presentes "ficaram espantados", pois Jesus tinha palavra de autoridade até sobre os espíritos imundos.

OS RELATOS DO ÊXODO NO PERÍODO HELENÍSTICO

Willibaldo Ruppenthal Neto¹

RESUMO

Este artigo visa analisar os relatos do êxodo no período helenístico a partir da compreensão de que esta história se torna um elemento constitutivo da identidade judaica, ao mesmo tempo que sofre reformulações a partir da leitura de gregos e egípcios. São apresentados, portanto, os relatos de Hecateu de Abdera, Manetão, Lisímaco, Querémon e Apião, assim como são identificadas as transformações no mesmo por parte de judeus como Artapanus e Ezequiel. Trata-se, portanto, de um estudo a respeito da leitura de uma tradição judaica em um contexto helenístico, no qual a comunidade judaica no Egito crescia e a hostilidade egípcia à mesma também.

Palavras chave: Êxodo, Moisés, Judaísmo, Mundo Helenístico.

ABSTRACT

This article aims to analyze the accounts of the exodus in the Hellenistic period from the understanding that this story became a constitutive element of the Jewish identity while it undergoes reformulations from its reading by Greeks and Egyptians. Therefore, the reports of Hecateus of Abdera, Manetho, Lysimachus, Chaeremon and Apion are presented, as well as the transformations in the same by Jews like Artapanus and Ezekiel. It is, therefore, a study of the reading of a Jewish tradition in a Hellenistic context, in which the Jewish community in Egypt grew just like the Egyptian hostility to it.

Keywords: Exodus, Moses, Judaism, Hellenistic World.

INTRODUÇÃO

Segundo o relato bíblico do Êxodo, o povo de Israel havia sido escravizado pelos egípcios, de modo que a saída do Egito foi uma libertação. Com o direcionamento divino e o auxílio de Deus, puderam por fim conquistar a terra prometida e habitar nela. Mesmo assim, porém, vários judeus decidiram posteriormente migrar para outras regiões a fim de fazerem suas vidas como mercenários, comerciantes, e assim por diante. Um dos locais escolhidos foi justamente o Egito, de modo que, vivendo séculos depois do êxodo, se viram em uma situação completamente diferente, mas que trouxe o relato do êxodo à tona para além do círculo do judaísmo, onde sempre marcou presença como o evento histórico mais mencionado da literatura bíblica (NA'AMAN, 2011, p. 39).

A volta dos judeus ao Egito no período helenístico

Com a dispersão do povo judeu ao longo de todo o mundo helenístico e principalmente com a intensa e constante troca cultural neste mundo, o relato judaico do Êxodo não se fez somente conhecido, como também importante. Enquanto os judeus mantinham-se na Judeia, ou mesmo em regiões como a Mesopotâmia, o relato judaico do Êxodo não chamava muita atenção. Porém, conforme aumentava a concentração de judeus no próprio Egito, tão importante neste relato, o mesmo começava a ser notado. De fato, no período helenístico os judeus marcaram uma presença cada vez mais forte no Egito: “a principal onda de reentrada judaica no Egito parece ter sido no fim do período persa e nos primeiros anos da era helenística” (GRUEN, 1998, p. 93). Além da grande comunidade judaica em Alexandria¹, também se destacavam a colônia militar em Elefantine e a comunidade judaica em Leontópolis. A presença judaica nestas duas últimas cidades foi tão grande e tão importante, que até foi construído um templo judaico em cada uma delas².

Conforme a comunidade judaica no Egito aumentou, também a cultura judaica se fez mais conhecida: gregos e mesmo egípcios começaram a escrever sobre os costumes e a história deste povo tão peculiar. No que diz respeito às origens dos judeus, porém, encontraram entre os judeus um relato bastante crítico do Egito, segundo o qual os judeus teriam sido escravizados pelos egípcios, e somente libertos após Deus castigar o maldoso faraó e a população egípcia, idólatra e hostil aos judeus. Certamente tal perspectiva, tão negativa em relação aos egípcios, dificilmente seria seguida pelos gregos, e principalmente pelos próprios egípcios. Deste modo, começaram a surgir reações e respostas ao relato judaico, de forma que “ecos de uma variedade diferente do

relato emergiram na literatura produzida pelos autores pagãos no Egito” (GRUEN, 1998, p. 93).

O relato de Hecateu de Abdera

Apesar dos contatos entre judeus e gregos datar de pelo menos o século X a.C., tal como indicam os materiais arqueológicos, o relato grego mais antigo que temos a respeito dos judeus data do século IV a.C., tendo sido escrito por Hecateu de Abdera, em pleno despontar do período helenístico. Apesar dos judeus serem interessantes para os gregos pelas suas particularidades, parece que, pelo menos a um primeiro momento, possuem importância justamente pela ampla presença no Egito. Assim, mesmo que Flávio Josefo tenha indicado que Hecateu escreveu um livro a respeito dos judeus³, a primeira referência grega ao povo judaico se dá justamente em uma obra deste autor grego a respeito do Egito, denominada *Aegyptiaka*⁴. Neste relato, Hecateu apresenta o êxodo dos judeus do Egito, sendo uma expulsão decorrente de uma peste (STERN, 1976, p.):

[1] Em tempos antigos, quando uma peste se alastrou pelo Egito, o povo simples atribuiu a causa de seus males à intervenção divina, pois, como havia muitos estrangeiros, de todas as partes do mundo, que viviam no meio deles e tinham diferentes costumes a respeito da religião e dos sacrifícios, seu próprio culto ancestral dos deuses deixou de ser observado.

[2] Por causa disto, os nativos da terra entenderam que, a menos que os estrangeiros fossem removidos, seus problemas não seriam resolvidos. Imediatamente, então, os forasteiros foram banidos daquela terra, tendo os mais distintos e competentes se juntado em grupos que foram expulsos, alguns dizem, para a Grécia e outros lugares, estando sob líderes notáveis, dos quais os mais famosos são Dânao e Cadmo. A maioria, porém, se dirigiu ao que hoje se chama Judeia, que não é distante do Egito e que naquele tempo se encontrava completamente desabitada.

[3] A colônia foi liderada por um homem chamado Moisés, que era notável em prudência e em bravura. Tomando posse da terra, ele fundou muitas cidades, dentre as quais aquela que atualmente é a mais famosa de todas, chamada Jerusalém. Ele também construiu o Templo pelo qual eles têm a maior veneração, instituiu as formas de adoração à divindade e seus rituais, e estabeleceu a forma de sua constituição. Ele também os dividiu em doze tribos, por considerar este como o número mais perfeito e correspondente ao número de meses que formam o ano.

[4] Mas ele não fez qualquer imagem de divindade, pois ele acreditava que deus não possuía forma humana, mas que apenas o céu, ao redor da terra, é o único deus e senhor de tudo. Ele estabeleceu sacrifícios e um estilo de vida que diferem daqueles dos demais povos, pois como resultado de sua própria expulsão ele introduziu um modo de vida antissocial e inospitaleiro. Ele escolheu os homens mais talentosos e mais capazes para liderarem todo o povo, os quais nomeou como sacerdotes, e prescreveu que deveriam se ocupar no cuidado do Templo e na adoração e sacrifícios à divindade.

Assim, de modo muito diferente do relato judaico, no qual os judeus solicitam que os egípcios os deixem partir, no relato de Hecateu os judeus são simplesmente expulsos, juntamente com outros estrangeiros. Enquanto alguns estrangeiros, liderados por Dânao e Cadmo vão para a Grécia, aqueles que são liderados por Moisés vão para a Judeia, formando uma colônia egípcia com novos costumes, novas leis e uma nova forma de organização (tribal). Mas, de onde Hecateu teria tirado a ideia de que a Judeia é uma colônia egípcia de estrangeiros expulsos? Aparentemente, trata-se de uma leitura sob a perspectiva egípcia, segundo a qual diversos povos teriam sido estabelecidos como colônias do Egito, que seria, portanto, como uma espécie de berço civilizacional. Esta ideia, apesar de ser egípcia em sua origem, parece ter ganho força entre os gregos pela obra de Heródoto⁵, que influenciou Hecateu fortemente, mesmo que o tenha criticado.

Flávio Josefo e os relatos egípcios do Êxodo

Se o relato de Hecateu se distancia do relato judaico por um lado, apresentando aspectos da história que não correspondem ao registro da Bíblia Hebraica, por outro lado também não acompanha as duras críticas aos judeus que os egípcios irão apresentar. Afinal, os judeus são apresentados como um povo fechado (“antissocial e inospitaleiro”), mas somente “como resultado da sua própria expulsão” por parte dos egípcios. Deste modo, Flávio Josefo, no século I d.C., terá Hecateu de Abdera como referência positiva em relação aos judeus, especialmente se comparado às críticas egípcias que pretende contestar. Assim, sua obra *Contra Apionem* é fundamentalmente uma defesa do judaísmo frente aos ataques direcionados contra os judeus, especialmente da parte dos egípcios, dentre os quais Apião, que dá nome à obra (“Contra Apião”). Dentre as suas defesas, que variam até mesmo ao ponto de ter que responder à acusação de onolatria – uma vez que se dizia que os judeus teriam adorado uma cabeça de asno de ouro⁶ –, Josefo indica e cita alguns relatos egípcios do êxodo, que variaram consideravelmente em relação ao relato judaico.

Se no relato judaico os egípcios aparecem como vilões da história e os judeus como os heróis, nos relatos egípcios ocorre o inverso: “os judeus aparecem como vilões ao invés de vítimas, opressores ao invés de oprimidos, os perpetradores de sacrilégios ao invés dos protetores da fé, e finalmente os derrotados ao invés dos triunfantes” (GRUEN, 1998, p. 93-94). Para se perceber estas tão profundas transformações, cabe analisar cada um dos principais relatos egípcios helenísticos a respeito do êxodo, tal como nos apresenta Flávio Josefo.

O desenvolvimento da tradição egípcia

A despeito da imagem negativa do Egito nos relatos judaicos, é bem possível que a hostilidade egípcia aos judeus também tenha sido decorrente do fato de que os judeus “como um resultado de quase exclusiva afiliação com os governantes gregos eles não se integraram bem com a cultura egípcia local” (KUGLER, 2005, p. 78). De toda forma, haja ou não um antijudaísmo que perpassasse todos os relatos, cabe se perceber cada um individualmente.

Segundo Flávio Josefo, o relato do historiador e sacerdote egípcio Manetão (séc. III a.C.)⁷ apresentaria o êxodo judaico dentro de “uma história religiosa e política da sua terra nativa de seu começo até a véspera do período helenístico” (GRUEN, 1998, p. 103), ou seja, na sua obra *Aegyptiaca*. Nesta obra, Manetão relata a invasão do Egito pelos hicsos, que reinam por seis gerações até serem finalmente expulsos para a Síria, onde fundam a cidade de Jerusalém. Após certo tempo, se unem a Osarsiph, sacerdote de Heliópolis (ou Leontópolis), que, liderando um grupo de leprosos e doentes, realiza uma rebelião contra o Egito e ocupa primeiramente a cidade de Avaris, dedicada ao deus Seth, associado pelos gregos ao titã Tifão. Durante esta rebelião, cidades são queimadas, templos saqueados e mesmo as imagens dos deuses profanadas, até que o faraó Amenófis retorna da Etiópia e expulsa os revoltosos para a Síria. Mesmo que Manetão não indique os hicsos como judeus ou mesmo Osarsiph como outro nome de Moisés, Josefo faz tais conexões. Como bem indicado por Erich Gruen, é mais provável que Manetão, diferente do que pensa Josefo, tenha apresentado somente um relato egípcio, uma “tradição egípcia estabelecida” (GRUEN, 1998, p. 106), a qual não tem necessariamente a ver com os judeus (GRUEN, 1998, p. 106). Mas, por que teria Josefo visto aqui um relato do êxodo judaico? Muito provavelmente porque os demais autores, mudando o relato de Manetão, tenham incorporado elementos deste às suas formas do êxodo.

Lisímaco (séc. II-I a.C.)⁸, por exemplo, apesar de mudar o nome do sacerdote (Bocchoris, e não Amenófis), preserva o elemento dos leprosos: Moisés (e não Osarsiph) teria, portanto, liderado um grupo de leprosos sobreviventes de uma expulsão do Egito. Se Osarsiph foi marcado pela profanação de templos, também o teria sido Moisés: este, liderando o grupo, deu maus conselhos, incentivando que fossem destruídos todos os templos e altares que encontrassem pelo caminho, até chegarem à Judeia. Lá chegando, fundaram a cidade de Hierosyla, chamada assim pela profanação dos templos, sendo posteriormente denominada Hierosolyma (Jerusalém). Mas, se por um lado a profanação e os saques parecem influência da leitura de Manetão, por outro

também podem ser decorrentes do próprio relato judaico: afinal, mesmo que Flávio Josefo tenha negado⁹, o livro de Êxodo fala que os judeus levaram diversos objetos de valor dos egípcios quando partiram (Êx 3.21-22; 11.2-3; 12.35-36).

Se em Lisímaco os nomes são diferentes, Querémon (séc. I d.C.) apresenta um relato no qual o faraó Amenófis (tal como Manetão) teria expulsado uma multidão infectada, a qual foi guiada por Moisés (!) e José (?). Também neste relato Amenófis teria fugido para a Etiópia, após ser invadido. Diferente do relato de Manetão, porém, foi somente seu filho, Ramsés, que expulsou os invasores que fugiram para a Síria. Sendo assim, seu relato parece um tanto quanto confuso, como indicou Josefo (*Cont. Ap.*, 1.293-303), revelando ser “mais confusão que hostilidade” (GRUEN, 1998, p. 112). Por fim, a incorporação total entre Osarsiph e Moisés parece ter se dado no relato de Apião (séc. I d.C.)¹⁰, que chega a afirmar que Moisés “era um nativo de Heliópolis que, estando comprometido com os costumes de seu povo, erigiu casas de oração, ao ar livre, nos vários distritos da cidade, todas voltadas ao leste, sendo esta também a orientação de Heliópolis”. Em todos estes casos, mesmo que Josefo tenha enfatizado um caráter “antijudaico”, pode-se perceber elementos presentes dentro do próprio relato dos judeus (RUPPENTHAL NETO, 2016b, p. 126), adaptados em relação a outra tradição, egípcia, como por exemplo: a lepra em relação a Moisés (cf. Êx 4.6-7), a Etiópia (cf. Êx 12.1), o despojo tomado (cf. Êx 3.21-22), e assim por diante. Se seria tal “mistura” que Josefo viu de forma tão ofensiva (GAGER, 1998, p. 131), não há como saber.

O desenvolvimento da tradição judaica

Assim como o relato do êxodo ganhou destaque entre egípcios no período helenístico, também ocorreu uma transformação na percepção desta história por parte dos próprios judeus. Afinal, antes o relato era algo interno, de tal forma que podia ser estático – agora, porém, deveria ser apresentado de tal forma que respondesse às questões e acusações dos egípcios. Deste modo, o êxodo não somente “tomou um lugar central na consciência judaica e autopercepção dos judeus” (GRUEN, 1998, p. 98), mas também sofreu alterações e reformulações dentro da tradição judaica, especialmente no que diz respeito à imagem de Moisés. Deste modo, mais provável que o uso da tradição judaica pelos egípcios para alterar o relato do êxodo é a expropriação dos mitos egípcios, por parte dos próprios judeus, a fim de inserirem nestes os seus heróis, suas qualidades e seus triunfos (GRUEN, 1998, p. 113).

Afinal, assim como Moisés passa a incorporar elementos da mitologia grega, sendo indicado por Artapanus como sendo Museu, mestre de Orfeu (RUPPENTHAL NETO, 2016a, p. 378), também o próprio êxodo se torna uma tragédia, aos moldes gregos, nas mãos de Ezequiel, o trágico (RUPPENTHAL NETO, 2016a, p. 380). Deste modo, “a supervalorização da imagem de Moisés entre os judeus helenísticos se deu dentro de um contexto de readequações dos relatos do Êxodo para um novo público e um novo propósito” (RUPPENTHAL NETO, 2016a, p. 387).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se, por um lado, o livro do Êxodo teve “profundo significado para a identidade e memória judaica” (GRUEN, 1998, p. 113), por outro lado se pode perceber que não permaneceu imóvel e inalterável: o relato do Êxodo, tal como se apresenta no período helenístico, tanto pelas suas transformações estranhas, por gregos, egípcios e romanos, assim como pelas mudanças realizadas dentro do próprio judaísmo, foi algo vivo, presente e latente. Não foi algo estático, sobre o qual a identidade judaica se firmou como sobre uma pedra. Antes, foi algo fluido, como um rio no qual a identidade judaica navegou e por fim se encontrou. Nem por isso, porém, perdeu sua importância como elemento constitutivo desta identidade. Afinal, “mesmo que a formação da história na consciência histórica tenha passado por diversas mudanças, permaneceu como um elemento central na memória israelita por todas as gerações” (NA’AMAN, 2011, p. 69).

De fato, não se pode saber até que ponto as transformações vieram de uma ou outra parte. Como bem colocou Gmirkin: “Será que Manetão contém uma resposta polêmica ao relato do Êxodo? Ou será que o relato do Êxodo contém uma resposta polêmica às histórias em Manetão?” (GMIRKIN, 2006, p. 170). Não há como saber precisamente. O que se pode saber, porém, é que uma identidade não se forma somente na autoafirmação para si, mas principalmente na auto compreensão a partir do contato com o outro. Não é de se surpreender, portanto, que a identidade judaica tenha se configurado de modo especial neste tempo tão intenso em trocas culturais que foi o período helenístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Vítor Luiz Silva de. O Templo de Heliópolis e o julgamento de Ptolomeu VI Filometor: o javismo descentralizado. *Revista Jesus Histórico*, Ano VII, No. 13, 2014. p. 83-94.
- GAGER, John G. Some Thoughts on Greco-Roman Versions of the Exodus Story. *Jewish History*, Vol. 12, No. 1, Spring 1998. p. 129-132.
- GMIRKIN, Russell E. *Berosus and Genesis, Manetho and Exodus: Hellenistic Histories and the Date of the Pentateuch*. New York/London: T&T Clark, 2006.
- GRUEN, Erich S. The Use and Abuse of the Exodus Story. *Jewish History*, Vol. 12, No. 1, Spring 1998. p. 93-122.
- KUGLER, Rob. Hearing the Story of Moses in Ptolemaic Egypt: Artapanus accommodates the tradition. In: HILHORST, Anthony; VAN KOOTEN, George H. (eds.). *The Wisdom of Egypt: Jewish, Early Christian, and Gnostic Essays in Honour of Gerard P. Luttikhuisen*. Leiden/Boston: Brill, 2005. (Ancient Judaism and Early Christianity, 59), p. 67-80.
- NA'AMAN, Nadav. The Exodus Story: Between Historical Memory and Historiographical Composition. *Journal of Ancient Near Eastern Religions*, Vol. 11, 2011, p. 39-69.
- REINACH, Théodore. *Textes d'auteurs grecs et romains relatifs au judaïsme*. Reunis, traduits et annotés par Théodore Reinach. Paris: Ernest Leroux, 1895. (*Fontes rerum Judaicarum*).
- ROSENBERG, Stephen G. The Jewish Temple at Elephantine. *Near Eastern Archaeology*, Vol. 67, No. 1, Mar. 2004. p. 4-13.
- RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. A imagem de Moisés no judaísmo helenístico. *Reflexus*, Ano X, n. 16, 2016a. p. 375-393.
- _____. A imagem de Moisés no mundo helenístico. *Revista Jesus Histórico*, Ano IX, n. 17, 2016b. p. 116-132.
- STERN, Menahem. *Greek and Latin Authors on Jews and Judaism*. Edited with Introductions, Translations, and Commentary by Menahem Stern. Volume 1: From Herodotus to Plutarch. Jerusalem: Israel Academy of Sciences and Humanities, 1976.

¹ Mestrando em História na Universidade Federal do Paraná. Graduado em História pela Universidade Federal do Paraná e Bacharel em Teologia pela FABAPAR. Membro discente do NEMED. Bolsista CNPq. E-mail: willibaldoneto@hotmail.com

² Não é à toa que a primeira tradução grega da Bíblia Hebraica, denominada Septuaginta (LXX) será indicada como tendo sido feita em Alexandria, segundo a *Carta de Aristeas*. Apesar de defender que foi uma obra dirigida e financiada por Ptolomeu, rei do Egito, é bem possível que tenha sido uma tradução empreendida dentro da própria comunidade judaica na Diáspora, especialmente em Alexandria, em decorrência do aumento do uso do grego entre os judeus e mesmo nas liturgias.

³ Sobre o Templo de Elefantine, cf. ROSENBERG, 2004. Sobre o Templo de Leontópolis (ou Heliópolis), cf. ALMEIDA, 2014.

⁴ Segundo Josefo, se alguns autores gregos deram valor aos judeus mencionando Abraão, "Hecateu fez mais que apenas mencionar Abraão: Hecateu deixou um livro que escreveu sobre Abraão" (Flávio Josefo, *Ant. Jud.*, 1.159). Clemente de Alexandria também menciona uma obra de Hecateu sobre os judeus (*Stromateis*, 5.113 = Eusébio, *Praeparatio Evangelica*, 8.13.40), que seria intitulada "Sobre Abraão e os egípcios".

⁵ Hecateu de Abdera, *Aegyptiaca* apud Diodoro Sículo, *Bibliotheca Historica*, 40.3 = Photius, Cod. 244 = FrGH III A264 F= 13 Müller = 9 Reinach = 11 Stern.

⁶ Heródoto, *Historiae*, 2.2,4,51,54-58,82,109,177.

⁷ Esta acusação parece ter como fonte mais antiga Mnaseas de Patara, na Lícia, mas parece ter influência egípcia. Segundo Menahem Stern, esta acusação "nasceu no Egito helenístico, em uma atmosfera hostil aos judeus" (STERN, 1976, p. 97-98). Cf. Flávio Josefo, *Cont. Ap.*, 2.81. Sobre esta acusação, cf. meu artigo "A acusação de onolatria judaica no período helenístico" (no prelo).

⁸ Flávio Josefo, *Cont. Ap.*, 1.75-90; 1.93-105. Cf. STERN, 1976, p. 66-77 (Stern 19 e 20).

⁹ Flávio Josefo, *Cont. Ap.*, 1.304-311; STERN, 1976, p. 383-385 (Stern 158).

¹⁰ Flávio Josefo, *Ant. Jud.*, 2.314.

¹¹ Flávio Josefo, *Cont. Ap.*, 2.1-11; STERN, 1976, p. 392-394 (Stern 164).

O CÂNON DO NOVO TESTAMENTO

Helber Benhami¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo definir o conceito de cânon e relatar a trajetória de como o Novo Testamento foi formado para o uso da igreja atual. Aponta os principais líderes cristãos ou pais da igreja que contribuíram e influenciaram na aceitação de cada livro do Novo Testamento nos quatro primeiros séculos. Apresenta a lista de livros aceitos ou rejeitados por cada liderança cristã, desde Marcion até Atanásio de Alexandria, com o objetivo de comparar e mostrar a progressão e desenvolvimento do Novo Testamento. Não omite os livros que hoje são chamados de apócrifos para simplesmente mostrar que estes concorreram para entrar no cânon e fizeram parte da história da igreja. Apresenta a divisão feita por Orígenes para classificar os livros reconhecidos e os discutidos. Descreve os livros que foram facilmente aceitos pela igreja e comenta as dificuldades de Hebreus, Tiago, 2ª Pedro, 2ª e 3ª João, e Apocalipse de João para serem aceitos no cânon, colocando também os seus pontos favoráveis que os levaram a serem considerados como Escritura.

Palavras chave: Cânon, Evangelho, Novo Testamento.

ABSTRACT

The objective of this article is to define the concept of canon and to report the trajectory of how the New Testament was formed for the use of the current church. It points out the leading Christian leaders or church fathers who have contributed and influenced the acceptance of each book of the New Testament in the first four centuries. It presents the list of books accepted or rejected by each Christian leadership, from Marcion to Athanasius of Alexandria, in order to compare and show the progression and development of the New Testament. The books called Apocrypha were not omitted to simply to show that they have competed to enter the canon and have been part of the church's history. Presents the division made by Origen to classify the books recognized and discussed. Describes the books that were easily accepted by the church and discusses the difficulties of Hebrews, James, 2 Peter, 2 nd and 3 rd John, and Revelation of John to be accepted in the canon, also placing their favorable points which led them to be considered as Scripture.

Keywords: Canon, Gospels, New Testament.

INTRODUÇÃO

O termo grego cânon significa “vara de medição”, “regra fixa” ou “padrão”. A igreja se apropriou deste termo para classificar os livros que são divinamente inspirados e aceitos pelas comunidades cristãs. No início da igreja, não havia um Novo Testamento pronto com 27 livros que os cristãos conhecem hoje. A princípio, eles tinham em mãos somente as Escrituras do Antigo Testamento e os feitos de Jesus que eram transmitidos oralmente. Os livros do Novo Testamento foram todos escritos até o final do primeiro século, mas somente no período pós-apostólico que esses escritos foram reunidos e canonicizados para formar o Novo Testamento.

A história do Cânon do Novo Testamento - A contribuição de Marcion

Marcion foi o primeiro a propor um “cânon” do Novo Testamento. Em 138 d.C. foi para Roma onde desenvolveu e apresentou os seus estudos. Ele considerava Paulo como o único interprete e transmissor correto dos ensinamentos de Jesus. Defensor severo da justificação pela graça divina, colocando de lado qualquer observância da lei. Por isso, ele desprezava o Antigo Testamento ao ponto de afirmar que o Deus do Antigo Testamento era diferente do Deus apresentado no Novo Testamento. Seu cânon consistia de uma versão do livro de Lucas com algumas omissões, e mais dez epístolas paulinas da seguinte forma: Gálatas, 1 e 2 Coríntios, Romanos, 1 e 2 Tessalonicenses, Efésios (chamado Laodicenses), Colossenses, Filipenses e Filemon.

Os líderes da igreja de Roma não aceitaram os ensinamentos de Marcion, considerando-o um herege. Assim, ele se desligou da igreja católica e fundou a sua própria igreja. Mas, apesar de toda essa rejeição à Marcion, seu trabalho trouxe uma importante contribuição para iniciar um cânon para o Novo Testamento. A igreja católica, em resposta às heresias de Marcion, começou a observar com atenção os escritos apostólicos, e pouco tempo depois, aproximadamente em 170 d. C., elaborou uma lista de livros que veio a ser chamado de Cânon Muratoriano.

O Cânon Muratoriano

O Cânon Muratoriano não recebeu este nome logo na sua concepção. Na verdade, foi herdado pelo teólogo e historiador italiano Lodovico Antonio Muratori em 1740, quando este publicou uma lista dos livros do Novo Testamento em latim. Tudo começou quando Muratori encontrou um fragmento de códice do século VII ou VIII no mosteiro de Bobbio, na Lombardia. Posterior-

mente, este material foi levado para a Biblioteca Ambrosiana de Milão onde está guardado até hoje.

Este fragmento, na verdade, é uma cópia de outro documento anterior ao ano 170 d.C., provavelmente produzido por um contemporâneo de Pio (10º papa da Igreja Católica). No conteúdo deste manuscrito, encontra-se uma lista de livros do Novo Testamento reconhecida pela igreja católica da época. Mas, as primeiras linhas desta obra desapareceram, e o texto¹ inicia citando Lucas como o terceiro livro do evangelho.

Muitos estudiosos especulam que os dois primeiros livros possam ser Mateus e Marcos. Entretanto, o Cânon Muratoriano lista de forma clara e precisa os seguintes livros: Evangelho de Lucas, Evangelho de João, Atos dos Apóstolos, Coríntios, Gálatas, Romanos, Efésios, Filipenses, Colossenses, Tessalonicenses, Filemon, Tito, 1ª e 2ª Timóteo, Judas, Apocalipse de João e Apocalipse de Pedro. O documento ainda menciona a aceitação do livro Sabedoria de Salomão, considerado como deuterocanônico para os católicos e apócrifo para os protestantes. As cartas aos Laodicenses e Alexandrinos são rejeitadas pois foram “forjadas de acordo com as heresias de Marcion” (BRUCE, 2011, p.145). Tiago, Hebreus, 1ª e 2ª Pedro foram omitidas ou não são claramente identificadas. Algumas expressões da 1ª epístola de João (1:1-3) são citadas no comentário sobre o Evangelho de João no fragmento Muratoriano, e alguns estudiosos sugerem que há também indícios da 2ª e 3ª epístolas do apóstolo.

Irineu, bispo de Lyon

O Cânon Muratoriano foi um importante subsídio para o trabalho de Irineu. Nascido em 130 d.C. na província da Ásia menor, recebeu ainda jovem influências de Policarpo, bispo de Esmirna, que fora discípulo do apóstolo João e também o elo de ligação entre João e Irineu.

Dentre as obras literárias que Irineu produzira a mais importante é a coleção *Contra as Heresias* composta por cinco livros. Nos seus escritos é claramente visível a existência dos quatro evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João. Irineu faz uso do livro Atos dos apóstolos para combater os ebionitas. Quanto às cartas de Paulo, todas eram aceitas por Irineu, exceto Filemon que não aparece em nenhuma de suas obras. Ele reconhecia a 1ª epístola de Pedro como obra do próprio apóstolo e realiza citações de 1ª e 2ª João em seus escritos. Irineu chega a considerar o Pastor de Hermas como escritura e também utilizava o Apocalipse de João nos seus conceitos escatológicos.

Quanto a Hebreus, Tiago, 2ª Pedro, 3ª João e Judas parecem não haver nenhuma menção. Desta forma, observa-se por enquanto um cânon de 22 livros para o Novo Testamento.

Tertuliano de Cartago

Tertuliano foi o principal apologista da Igreja Ocidental e suas obras literárias em latim surgiram no período de 196 a 212 d.C. Foi em seus escritos que surgiu pela primeira vez a expressão “Novo Testamento”.

Não existe uma lista formal e direta dos livros que compunham o Novo Testamento de Tertuliano, mas em seus escritos há referências que se aproxima muito da lista de Irineu. Tertuliano incluiu a epístola de Judas e rejeitou o Pastor de Hermas, pois em 206 d.C. ele se tornou montanista e considerava “o Pastor” de fraco ensino moral. Sobre Hebreus ele acreditava que era obra de Barnabé e que poderia ser considerado como uma escritura apostólica, porém “ele não tinha autoridade para adicioná-lo à lista” (BRUCE, 2011, p. 164). Quanto às cartas de Tiago, 2ª Pedro, 2ª e 3ª João, Tertuliano não faz nenhuma referência.

Orígenes

Orígenes (185 a 254 d.C.) foi um teólogo e filósofo de grande erudição. Em 203 d. C. dirigiu a escola catequética de Alexandria e foi autor de seis mil pergaminhos. Ele dividiu os livros do Novo Testamento em dois grupos. O primeiro chamado de *homologoumena*, e o segundo de *antilegoumena*, que respectivamente, no grego significam “reconhecidos” e “discutidos”. Os escritos “reconhecidos” eram aqueles que foram aceitos de forma ampla e imediata pela igreja, composto pelos quatro Evangelhos, Atos dos Apóstolos, as quatorze Epístolas de Paulo (se Hebreus for considerado), 1ª Pedro, 1ª João e o Apocalipse de João. Por outro lado, os “discutidos” que sofreram alguma resistência e não foram aceitos logo de início pela igreja, por causa da brevidade das cartas, pela circulação limitada ou às vezes pela autoria incerta. Incluíam-se nesta categoria a epístola de Tiago, 2ª Pedro, 2ª e 3ª João, Judas, Epístola de Barnabé e Pastor de Hermas.

Assim, o Novo Testamento de Orígenes era formado pela junção dos livros “reconhecidos” e “discutidos”, totalizando em 29 livros. Dois a mais (Epístola de Barnabé e Pastor de Hermas) comparando com o atual Novo Testamento. Apesar desta diferença, a lista de Orígenes é exatamente igual à lista do mais antigo manuscrito bíblico existente, o Códice Sinaítico, escrito no século

IV, exposta atualmente na Biblioteca Britânica.

Eusébio de Cesaréia

Aproximadamente 75 anos após a morte de Orígenes, surge Eusébio de Cesaréia (240 a 340 d.C.), mais conhecido como o pai da História da Igreja. Goodspeed comenta que a lista de Eusébio é mais semelhante do Novo Testamento atual do que a de Orígenes, pois ele eliminou o Pastor de Hermas e a epístola de Barnabé (1968, p.94).

De forma parecida como fez Orígenes, Eusébio dividiu o Novo Testamento em 3 categorias. A primeira compreende os livros universalmente “reconhecidos” que eram os quatro evangelhos, Atos dos apóstolos, as quatorze epístolas de Paulo (incluindo Hebreus), 1ª João, 1ª Pedro e Apocalipse de João. A segunda, os escritos “contestados” por algumas comunidades cristãs mas aceito pela maioria, estes eram Tiago, Judas, 2ª Pedro, 2ª e 3ª João. E, por último, os livros “espúrios” que consistiam no Pastor de Hermas, Apocalipse de Pedro, Atos de Paulo, epístola de Barnabé, Ensino dos Apóstolos e o Evangelho segundo aos Hebreus. Na categoria dos “espúrios”, Bruce (2011, p.180) comenta que apesar de serem não-canônicos eles eram pelo menos ortodoxos e muitos clérigos estimavam essas obras.

No entanto, a grande contribuição de Eusébio para a determinação do cânon ocorreu logo após a fundação de Constantinopla em 330 d.C., quando Constantino encomendou de Eusébio cinquenta cópias das Escrituras para o uso das igrejas na nova capital do império romano. Além disso, é importante ressaltar que nessas cópias continham exatamente os livros “reconhecidos” e “contestados”, totalizando 27 livros.

Atanásio de Alexandria

Ainda no século IV, aparece outro grande personagem no cristianismo, Atanásio de Alexandria (296 a 373 d.C.). Estudou na escola catequética de Alexandria e tornou-se bispo desta cidade após o Concílio de Nicéia em 325 d.C. Historicamente, sugere-se que foi Atanásio, bispo de Alexandria, que empregou o termo “cânon” pela primeira vez em 367 d.C.

Anualmente, Atanásio tinha a incumbência de enviar uma carta às igrejas de sua administração informando a data da próxima Páscoa. E na trigésima nona carta², em 367 d.C., ele aproveitou para anunciar o cânon do Antigo e Novo Testamento, pois estava incomodado com a infiltração de livros “espú-

rios” ou heréticos.

Segundo Bruce (2011, p.189) “Atanásio é o primeiro escritor conhecido que alistou exatamente os 27 livros que tradicionalmente constituem o Novo Testamento do cristianismo católico e ortodoxo”. Quanto ao Ensino dos Apóstolos (ou Didaquê) e o Pastor de Hermas, ele não os coloca no cânon, mas recomenda apenas para leitura.

Muitas pessoas influentes no cristianismo surgiram depois de Atanásio, como Epifânio de Salamina, Crisóstomo, Teodoro de Mopsuéstia, LúCIFER (bispo de Cagliari), Filastro, Ambrósio e outros. Mas nenhum deles trouxe grandes diferenças ou acréscimos para o cânon. Basicamente, eles sempre tomavam a lista de Atanásio como referência. Exemplo disso foi Jerônimo (331 a 420 d.C.), comentarista e tradutor, produziu uma tradução latina da Bíblia conhecida como *Vulgata*. A qual viera ser a Bíblia padrão da Europa Ocidental. Seu Novo Testamento continha os mesmos 27 livros da lista de Atanásio.

Obras de canonicidade questionada

No desfecho da história do cânon do Novo Testamento, nota-se que alguns livros sempre foram bem presentes na maioria das listas dos pais da igreja ou de líderes cristãos: como os quatro evangelhos, Atos dos Apóstolos e as treze cartas de Paulo. Essas obras foram facilmente incluídas no cânon porque respeitavam o critério de apostolicidade. Tal critério exigia que a obra deveria ser de um apóstolo ou de alguém que tinha fortes laços com algum apóstolo. Sendo assim, os evangelhos de Mateus e João foram logo aceitos pois eram apóstolos designados por Cristo (Mt 10.2-3). Marcos foi chamado de “meu filho” (1Pe 5.13) pelo apóstolo Pedro e também foi companheiro do apóstolo Paulo (2Tm 4.11). Lucas foi cooperador de Paulo (Fm 1.24) e chamado de “médico amado” (Cl 4.14).

Mas, por outro lado, outros livros tiveram uma aceitação tardia ou conflituosa, estes são Hebreus, Tiago, 2ª Pedro, 2ª e 3ª João, e Apocalipse de João.

Hebreus foi muito discutido por causa da obscuridade do seu autor, por isso, ficou difícil aceitá-lo pelo prisma da apostolicidade. Orígenes diz que esta carta contém os pensamentos do apóstolo Paulo, mas o discurso e a fraseologia pertenciam a alguém que registrou o seu discurso. Por outro lado, Hebreus se enquadra no critério da antiguidade pois sua composição fora no período apostólico, e também no critério da ortodoxia pois seu conteúdo é

baseado nas promessas de Cristo respeitando os ensinamentos dos apóstolos.

De igual modo, Tiago também teve o seu reconhecimento tardio. Primeiro, pelo seu conteúdo predominantemente prático e não doutrinário, ou seja, não há menção sobre a vida, morte e ressurreição de Jesus. Segundo, por ser destinada somente a judeus cristãos sua divulgação foi limitada. E terceiro, porque o autor não se identifica como apóstolo, mas apenas como “servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” (Tg 1:1), e o Novo Testamento faz referência de quatro personagens que possuem o mesmo nome que são: Tiago, filho de Zebedeu e irmão de João (Mc 1.19); Tiago, filho de Alfeu (Mc 3.18); Tiago, pai do apóstolo Judas (Lc 6.16); e Tiago, meio-irmão de Jesus (Mt 13.55).

Segundo Kistemaker (2006, p.18) a tradição ensina que foi Tiago, meio-irmão de Jesus, que escreveu a epístola. Os primeiros cristãos o reconheciam como “coluna” na igreja (Gl 2.9), foi testemunha ocular de Cristo ressurreto (1Co 15.7), e falou com autoridade no Concílio de Jerusalém (At 15.13). Mas apesar de todo esse reconhecimento pela igreja primitiva, foi somente com Orígenes que tal carta foi pela primeira vez incluída no Novo Testamento.

Orígenes também foi o primeiro a incluir nas chamadas obras “discutidas” a epístola de 2ª Pedro. Esta carta foi questionada porque o seu estilo literário é diferente de 1ª Pedro, suscitando dúvidas se ambas seriam do mesmo autor, mas Gundry (2008, p.586) comenta que o trabalho de dois amanuenses já poderia explicar o fato.

A 2ª e a 3ª epístolas de João também enfrentaram dúvidas quanto à sua autoria joanina e certa resistência por causa da brevidade do seu conteúdo. Mas as duas cartas possuem o mesmo estilo de linguagem e a mesma estrutura, sugerindo fortemente que ambas foram escritas pelo mesmo autor. Os seus cabeçalhos trazem a identificação “o presbítero” (2Jo 1; 3Jo 1) que, segundo Kistemaker (2004, p. 267): “o termo presbítero nessas epístolas é praticamente equivalente à expressão apóstolo”. Sendo assim, João escreve com autoridade apostólica e, apesar destas cartas serem curtas e com destinos específicos (“à senhora eleita” e “ao amado Gaio”), elas tiveram influência universal.

Quanto ao Apocalipse de João, Orígenes tinha convicção que era de autoria do próprio apóstolo. Foi largamente aceito como Escritura até a metade do século III. Mas a sua ausência na primeira lista de Marcion não deve causar preocupações, pois ele considerava-o como essencialmente judaico. Todavia, este livro está presente no fragmento Muratoriano, na obra Contra as Heresias

de Irineu e nos escritos de Tertuliano.

Os problemas com o Apocalipse começaram com Dionísio de Alexandria (250 d.C.). Ele negou que o livro foi escrito pelo apóstolo João, alegando que o estilo literário de Apocalipse era diferente comparado com o Evangelho e as epístolas joaninas. Entretanto, Dionísio não rejeitou a autoridade de Apocalipse, mas defendia que este fora escrito por outro João, da cidade de Éfeso. Eusébio chegou a incluir o Apocalipse de João em sua lista, mas ele tinha uma posição insegura sobre este livro, porque na verdade, “ele simplesmente preferia que o livro não estivesse no cânon” (BRUCE, 2011, p.180). Mas apesar de toda essa ofuscação sobre o Apocalipse de João, Atanásio na sua 39ª carta o incluiu no cânon onde permanece desde então.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Novo Testamento que se conhece hoje não surgiu de forma súbita, por uma pessoa específica e para um propósito isolado. Pode-se dizer que a sua constituição foi de forma gradual sendo o fruto de diversas “negociações” durante os 4 primeiros séculos.

Mas, apesar do cânon já estar fechado, será que nos dias atuais poderia surgir um novo livro para ser incluído? Esta questão, é feita por muitos curiosos, mas a aceitação de um novo livro no Novo Testamento seria bem improvável. Primeiro, porque a era apostólica já passou. Segundo, deveria haver um comum acordo entre várias lideranças cristãs de diferentes denominações. E terceiro, pelo simples temor de se acrescentar algo às Escrituras (Ap 22.18).

Por fim, como explicar o fato da constância e da integridade da Palavra por tanto tempo. Algo que começou com Jesus, passou para os apóstolos, prosseguiu com os pais da igreja e, até o momento, continua fazendo efeito sobre muitos. Com certeza, a intervenção de Deus foi um fator importante para a formação e preservação das Escrituras. Apesar das tribulações e perseguições que a igreja já sofreu (e continua sofrendo), as portas do inferno não prevaleceram (Mt 16.18), e as Escrituras do Novo Testamento ainda permanecem vivas na história cristã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA de Estudo Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. vol. 2.

BRUCE, F. F. *O Cânon das Escrituras*. São Paulo: Hagnos, 2011.

CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica: os primeiros quatro séculos da igreja cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

COSTA, Hermisten M. P. *A inspiração e inerrância das Escrituras: uma perspectiva reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

GOODSPEED, Edgar J. *Como nos veio a bíblia?* 2 ed. São Paulo: Imprensa Metodista: São Paulo, 1968.

GUNDRY, Robert. *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HALL, Christopher A. *Lendo as Escrituras com os pais da igreja*. Viçosa: Ultimato, 2000.

HARRIS, Laird. *Inspiração e Canonicidade da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: Tiago e epístolas de João*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

THIEME. R. B. Jr. *Canonicity*. Houston: Berachah Tapes & Publications, 1973.

¹ Helber Benhami é Engenheiro Elétrico com MBA em Serviços de Telecomunicações. Pós-graduado em Exposição e Ensino da Bíblia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Professor de Bíblia, atualmente é pastor auxiliar na Comunidade Evangélica "Cristo Eu e Você" em São Paulo.

² Reprodução do texto pode ser encontrado em *O Cânon das Escrituras* (BRUCE, 2011, p.144).

³ Disponível em <http://www.veritatis.com.br/epistola-39/>

HÁ ELEMENTOS DE GRAÇA NA CEIA DO SENHOR?

Fernando Vítole Gonzalis¹

RESUMO

Este artigo busca responder se atualmente realizamos a ceia da maneira que a igreja primitiva também praticava e se a nossa maneira de ceia é a maneira correta. Estamos aplicando os conceitos que realmente importam ou estamos mais preocupados com os elementos como o pão e o vinho que a compõem? Através da exposição do texto de I Coríntios 11.17-34, veremos quais pontos que mais preocupavam Paulo e por que a Igreja é exortada nessa prática.

Palavras chave: Ceia, Comunhão, Banquete, João Calvino, Graça, Transubstanciação, Consubstanciação, Coríntios, Paulo, Pão, Vinho, Elementos.

ABSTRACT

This article seeks to answer whether we actually have supper in the way the early church also practiced and whether our supper way is the right way. Are we applying the concepts that really matter or are we more concerned with the elements like bread and wine that make it up? Through the exposition of the text of 1 Corinthians 11: 17-34, we will see which points were of greatest concern to Paul and why the Church is exhorted in this practice.

Keywords: Supper, Communion, Banquet, John Calvin, Grace, Transubstantiation, Consubstantiation, Corinthians, Paul, Bread, Wine, Elements.

INTRODUÇÃO

Há temas que são comuns no cristianismo e dentre eles está o tema sobre ceia, e talvez, um dos mais discutidos. O título desse artigo pode levar alguém a imaginar que se trata da ideia se realmente Jesus se faz presente na ceia, ou então se o pão e o vinho se tornam no corpo e sangue de Jesus.

Será que esse tema de discussão sobre ceia, não está um tanto saturado? Será que não há mais elementos importantes de discussão, quando falamos em ceia do Senhor?

Falar sobre transubstanciação, consubstanciação, ponto de vista dinâmico (aplicado por João Calvino e os Presbiterianos, por exemplo) ou ponto de vista simbólico (aplicado mais pelos Batistas), sabendo que já existem muitos livros que colocam cada uma das propostas e seus respectivos argumentos a mesa, se torna apenas uma reiteração onde muitos desses pontos acabam caindo nas crenças pessoais de cada indivíduo.

Talvez esse artigo seja apenas mais um do mesmo diálogo teológico, uma mera repetição daquilo que a vasta gama de livros já nos conta, só que de maneira resumida. Mas, há ainda uma pequena fração do texto de I Coríntios 11.17-34 que deveria incomodar bastante, e que, muitos têm dificuldade em encontrar material sobre o tema ou até mesmo sendo discutido entre os irmãos.

Paulo fala sobre a questão da comunhão. O texto começa com uma chamada dura de Paulo com relação a isso. Há um grande problema na maneira que a ceia é realizada nesse contexto. Ela está sendo feita de maneira displicente com os próprios irmãos. E a chamada de Paulo parece ser tão dura que é possível não estarmos dando a devida atenção a ela e estamos nos preocupando com elementos secundários da passagem.

Esse artigo, como maneira de estudo e reflexão, não deve ser encarado para termos mais um ponto de divergência, assim como os demais citados anteriormente. Esperamos que sirva de ponto de partida para execução da ceia de maneira mais próxima do texto bíblico.

Esse tema é muito importante por se tratar de doutrina e um importante ponto de partida é a leitura do livro “O Drama da Doutrina” de Kevin J. Vanhoozer². Logo na introdução, podemos identificar elementos que ajudam a compreender melhor o que é doutrina e como ela deve servir a igreja.

Mas, por que estudar doutrina se num primeiro momento ela parece ser tão nociva à comunhão da igreja?

Uma igreja desprovida de doutrina é levada por modismos culturais e intelectuais. Doutrinas não surgem de teorias especulativas, mas das práticas fundamentais. A saber, batismo, ceia, oração, adoração, temas que constituem a vida e a identidade da igreja. É a consequência da busca de entendimento bíblico que é empreendida pela fé e deve nos ensinar a enfrentar as várias crises da vida real. A doutrina fornece um caminho a seguir, e é necessária para o ser humano florescer, ajuda a igreja a entender seu papel em seu contexto.

Entendendo esses pontos, começamos a também compreender qual o papel do teólogo dentro da igreja. É responsabilidade do teólogo, garantir que o discurso e a ação da Igreja correspondam a palavra de Deus, regra de fé e prática do cristão. John Milbank²³ declara que a teologia consiste em explicar a prática cristã.

O problema da igreja é um problema prático. Ela não consegue reproduzir as escrituras. O que faz com que acabemos caindo em meras tradições, que são praticadas sem nosso coração estar naquilo, acaba saindo no modo automático. A doutrina já não desempenha um papel expressivo na vida e no pensamento dos cristãos comuns. E na grande maioria das vezes isso ocorre, pois o teólogo (pastor) terceiriza o ensino da igreja a outras pessoas (ex.: seminarista).

Destacados esses aspectos, podemos refletir sobre a ceia do Senhor realizadas nas igrejas nos dias de hoje. Será que temos executado a ceia como a Bíblia nos narra ou estamos reproduzindo um ato que aprendemos com as outras pessoas na igreja? Será que não se tornou apenas uma repetição impensada? Não estaríamos tratando a ceia com certo “relaxo”?

A ceia do Senhor

Achei muito interessante o texto a seguir retirado da Enciclopédia do Protestantismo:

Na tradição da igreja antiga, o protestantismo considera a ceia e o batismo como os sacramentos que conduzem a vida da igreja. A ceia é a refeição comunitária instituída por Jesus Cristo e celebrada no culto. Como a maior parte das igrejas, o protestantismo considera, na mesma linha da igreja antiga, que a comunhão em torno da mesa santa e a comunhão entre as

diversas comunidades locais e igrejas estão em estreita relação. A ceia não é apenas o momento em que Cristo oferece ao cristão como indivíduo o perdão e a vida, mas o momento festivo da reunião comunitária, expressão visível da realidade da igreja uma, Corpo de Cristo. Comer e beber juntos é algo que une os participantes ao Senhor que preside a mesa, criando laços novos entre os convivas. (GISEL, Pierre. Enciclopédia do Protestantismo, 1995, p.301)

Dessa citação podemos perceber a ênfase na ceia como uma refeição comunitária focada na comunhão e, além disso, um evento festivo da comunhão. Será que, lendo esse pequeno trecho que descreve a ceia do Senhor, realmente remete aquilo que temos desenvolvido hoje em nossas igrejas locais? Podemos de fato dizer, com coração sincero, que estamos prezando pela comunhão, fazendo uma festa, e que esse fato nos une ao Senhor?

Antes de respondermos plenamente a essa questão é interessante avaliarmos se há precedentes dessa cerimônia no Antigo Testamento. Parece que sim, pois na antiga aliança também há exemplos em que se come e se bebe na presença de Deus.

Vamos ver o seguinte texto do livro de Êxodo 24.9-11: *Moisés, Arão, Nadabe, Abiú e setenta autoridades de Israel subiram e viram o Deus de Israel, sob cujos pés havia algo semelhante a um pavimento de safira, como o céu em seu esplendor. Deus, porém, não estendeu a mão para punir esses líderes do povo de Israel; eles viram a Deus, e depois comeram e beberam.*

Interessante notar que Deus não puniu os líderes, mas estendeu as mãos para eles e em seguida comeram e beberam na presença do Senhor. Será que a ceia do Senhor no Novo Testamento reproduz esse aspecto?

A ceia é uma cerimônia atribuída a Igreja, e de que os membros devem participar, já que tal cerimônia foi criada por Jesus, segundo as narrativas que aparecem nos evangelhos, cuja participação é um sinal de obediência.

Vamos ver agora o texto de Mateus 26.26-29:

Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, deu graças, partiu-o, e o deu aos seus discípulos, dizendo: *Tomem e comam; isto é o meu corpo*. Em seguida tomou o cálice, deu graças e o ofereceu aos discípulos, dizendo: *Bebam dele todos vocês. Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para perdão dos pecados. Eu lhes digo que, de agora em diante, não beberei deste fruto da videira até aquele dia em que beberei o vinho novo com vocês no Reino de meu Pai.*

E agora o texto de I Coríntios 11.23-25:

Pois recebi do Senhor o que também lhes entreguei: Que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: 'Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim'. Da mesma forma, depois da ceia ele tomou o cálice e disse: 'Esse cálice é a nova aliança no meu sangue; façam isso sempre que o beberem em memória de mim'.

Percebam que em ambos os textos, de Mateus e de Coríntios, Jesus se refere ao pão como “meu corpo”. A ceia do Senhor recorda-nos de que o pagamento em favor dos nossos pecados já foi realizado por Jesus, de modo que agora comemos na presença do Senhor com grande alegria. É por isso que celebramos a ceia. É um ato da sua permanência na fé em Cristo Jesus, diferente do batismo que marca o início da fé cristã do indivíduo.

Mas, será que ainda não falta algo? Existem diversos significados sobre a ceia do Senhor: simboliza a morte de Cristo (evidente em I Coríntios 11.26); nossa participação nos benefícios da morte de Cristo; a unidade dos Cristãos; simbolismo da ceia como alimento espiritual. Nesse artigo especificamente, devemos focar sobre a unidade e comunhão da Igreja.

Vamos olhar a seguir o que nos diz o texto de I Coríntios 10.17: *Como há somente um pão, nós, que somos muitos, somos um só corpo, pois todos participamos de um único pão.*

A ceia do Senhor aponta para uma refeição de comunhão, na presença de Deus, e esta comunhão é dupla: ela une o Cristo a Igreja e une entre si os cristãos, dando sinal nítido de unidade uns para com os outros. Esses dois aspectos da comunhão são, alias, indissolúveis, o segundo sendo determinado pelo primeiro, mas, também, sendo contido nele. Ou seja, uma observação muito importante é que sem a presença dos irmãos da Igreja, a ceia se torna inútil para termos comunhão com Jesus Cristo. A ceia não é feita de maneira individual.

E o que acontece quando, na conduta diária de uma pessoa, a comunhão entre os irmãos não recebe devida atenção? O que deve fazer o homem que não está vivendo em harmonia com o irmão? Esse relacionamento tenso afetaria de alguma forma a sua comunhão com Deus?

A ceia e a comunhão

Vamos ler o texto de Mateus 5.23-24:

Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta.

Jesus está se dirigindo a cada individuo em particular. Que cada homem examine o seu próprio coração. Revela também a atitude de amar a Deus e, portanto, trazer-lhe uma oferta, não combina com a atitude de não amar o irmão, e de permanecer inimizando com ele.

O que também é confirmado na passagem de I João 4.20: *Se alguém afirmar: Eu amo a Deus, mas odiar o seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.*

A passagem de Mateus 5.23-24 é muito utilizada por pastores na ministração da ceia e na sequencia muitos já conduzem para a passagem de I Coríntios 11.28-29:

Examine-se cada um a si mesmo, e então coma do pão e beba do cálice. Pois quem come e bebe sem discernir o corpo do Senhor, come e bebe para a sua própria condenação.

O problema era, antes, a conduta egoísta e irrefletida para com os outros, sem entender a unidade e a interdependência das pessoas na Igreja, que é o corpo de Cristo. Devemos dar atenção a todos os nossos relacionamentos no corpo de Cristo. Será que às vezes não estamos provocando desunião em nosso meio?

Diante dos fatos colocados devemos imaginar como era a ceia realizada na época da Igreja Primitiva.

Interessante destacar que encontramos a palavra *ceia* no grego, *δειπνον*, que podemos traduzir como “refeição principal”, “almoço”, “jantar” e até “banquete”. E soa algo muito diferente daquilo que fazemos hoje. Era muito comum nas religiões antigas o fato de beber e comer em atos de comunhão pública ou privada como maneira de representar a união desse grupo com a divindade. Assim como podemos ver diversas vezes no

Antigo testamento, personagens comendo e bebendo na presença do Senhor, assim como destacado anteriormente.

Durante os três primeiros séculos, a igreja se reunia nas casas dos cristãos. As sinagogas também se reuniam às vezes em casas até que a comunidade judaica pudesse ter recursos para adquirir um edifício especial; entre a perseguição e a necessidade de fundos para libertar escravos, alimentar os pobres e sustentar os missionários, as igrejas acabavam ficando sem dinheiro para construir edifícios próprios.

Alguns estudiosos observam que as casas dos patronos em Corinto geralmente tinham um quarto chamado *triclinium* (o melhor aposento), onde nove a doze pessoas podiam reclinar-se, e outro chamado *atrium* (o maior aposento mobiliado), em que cabiam até quarenta pessoas. É possível que tenha havido casas maiores, pois os domicílios variavam muito de tamanho. Mas a maioria das casas era muito menor que isso (os pobres não raro viviam em apartamentos precários no andar superior, com pouco espaço, a não ser para dormir).

Apesar da ideia dos gregos de igualdade até mesmo para os banquetes, a ordem dos assentos nos antigos eventos públicos seguia a hierarquia social – os banquetes não eram exceção. As igrejas de Corinto reuniam-se principalmente nas casas dos patronos abastados.

Na sociedade greco-romana, os patronos costumavam fazer que os membros de sua classe social se assentassem no *triclinium*, que de forma ideal, seria ocupado por nove pessoas, mas o número poderia ser maior dependendo do tamanho do aposento e da disposição dos assentos. Caso precisasse de mais espaço, outros convidados poderiam ser servidos no *atrium*. Os convidados assentados a uma distância maior do anfitrião recebiam (ou lhes traziam) comida e vinho de qualidade inferior. Era comum os clientes se queixarem do lugar que o patrono lhes havia designado. Esse problema social havia se infiltrado na igreja.

A refeição da igreja estava baseada na refeição pascal judaica. Ela era uma refeição sagrada que celebrava a redenção. Contudo, parece que a maioria dos cristãos de Corinto não percebia esse fato. Estavam tratando a ceia como um banquete festivo conforme o modelo dos banquetes dos festivais gregos ou das reuniões de associações religiosas gregas.

Vamos seguir a exposição do texto de I Coríntios 11.17-34. O objetivo é uma avaliação mais cuidadosa do que Paulo desejava transmitir a igreja de Corinto. Mas, antes de ir ao texto propriamente dito vamos iniciar falando sobre a carta aos Coríntios.

Conforme os escritores Gordon Fee³ e Douglas Stuart⁴ no livro “Como ler a Bíblia livro por livro”, a carta aos Coríntios tem como autoria o apóstolo Paulo, na época de 53-54 d.C, escrevendo em Éfeso.

A igreja em Corinto é composta principalmente de gentios. É uma carta de correção, em que Paulo se posiciona contra os coríntios, questão após questão, em geral ligadas ao comportamento deles, mas que não obstante consistem em infidelidade ao evangelho de Cristo e à vida no Espírito. A carta tem o Messias crucificado como a mensagem central do evangelho; a cruz como sabedoria e o poder de Deus; o comportamento cristão que se conforma ao evangelho; a verdadeira natureza da vida no Espírito; a futura ressurreição corporal dos cristãos mortos.

Vê-se que esses itens listados estão fortemente relacionados com o texto de Coríntios, onde Paulo trata sobre a ceia (11.17-34), e, onde podemos verificar um problema de divisão entre pobres e ricos (v.22), um problema de egoísmo (v.21), de não saber discernir o corpo (v.29) e a importância da morte e retorno de Cristo (v.26), demonstrando um grave problema de comunhão que muito provavelmente temos nos dias atuais.

Uma breve análise no texto de I Coríntios 11.17-34

Entretanto, nisto que lhes vou dizer não os elogios, pois as reuniões de vocês mais fazem mal do que bem (11.17).

Parece que aqui vem uma crítica acusativa, já pelo uso da palavra, “entretanto”. O que se confirma na sequencia quando ele diz que não será “elogio” o que eles irão ler. “As reuniões” – aparentemente eram reuniões frequentes entre os irmãos, que estavam sendo maléficas.

Em primeiro lugar, ouço que, quando vocês se reúnem como igreja, há divisões entre vocês, e até certo ponto eu o creio (11.18).

Parece que são muitos os pontos a serem tratados – “Em primeiro lugar”. “Ouço que” – parece indicar que alguém o contou. “Quando vocês se reúnem como igreja” – ou seja, em um momento específico e não em qualquer

reunião executada, e teoricamente na reunião mais importante que era quando estavam reunidos em “forma” de igreja. “há divisões entre vocês” – Paulo já tratava sobre as divisões no capítulo 1, versos 10 a 17 e isso parece ser um problema. “e até certo ponto eu creio.” – Indica que ele acredita certa medida e não integralmente no que ele ouviu. Alguns estudiosos afirmam que essa passagem sugere uma *dissimulatio* retórica, isto é, Paulo finge incredulidade para envergonhar os destinatários e leva-los a reconhecer quão terrível é seu procedimento.

Pois é necessário que haja divergências entre vocês, para que sejam conhecidos quais dentre vocês são aprovados. (11.19)

A frase, “Pois é necessário que haja divergências entre vocês” – indica que as divisões e diferenças são benéficas. E dessa maneira sejam realçados os fiéis e verdadeiros aos olhos de Deus.

Quando vocês se reúnem, não é para comer a ceia do Senhor (11.20): mostra que a intenção da reunião era de comer a ceia do Senhor, mas isso aparentemente não estava acontecendo. Paulo estabelece um contraste irônico entre a ceia do Senhor (11.20) e a deles (11.21).

“Porque cada um come sua própria ceia sem esperar pelos outros. Assim, enquanto um fica com fome, outro se embriaga” (11.21): Cada indivíduo estava comendo sozinho deixando outras pessoas sem o que comer ou beber. Não mostrando preocupação com o próximo. Alguns são tratados com maior honra do que outros na refeição. Isso reflete os valores mundanos de status.

Será que vocês não têm casa onde comer e beber? Ou desprezam a igreja de Deus e humilham os que nada têm? Que lhes direi? Eu os elogiarei por isso? Certamente que não (11.22)!

Nesse trecho Paulo parece muito zangado. Fazendo diversas perguntas que levam a reflexão e ao embaraço. Dizendo inclusive que os que não esperam os irmãos desprezam a igreja de Deus.

Pois, recebi do Senhor o que também lhes entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: ‘Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim’. Da mesma forma, depois da ceia ele tomou o cálice e disse: ‘Este cálice é a nova aliança no meu sangue; façam isto, sempre que o beberem, em memória de mim’ (11.23-25).

Paulo provavelmente está indicando que os discípulos anteriores lhe haviam contado sobre a última ceia. Assim como foi contada pra ele, ele repassa a igreja de Corinto. A representação da nova aliança no sangue de Jesus, da salvação dada ao seu povo. O pão sem fermento da páscoa era normalmente interpretado de modo figurado como “o pão da aflição que os nossos ancestrais comeram” na época de Moisés. Jesus havia aplicado esse pão a si mesmo: *Porque, sempre que comerem deste pão e beberem deste cálice, vocês anunciam a morte do Senhor até que ele venha (11.26).*

A ceia deveria ser praticada regularmente e quando isso era feito, anunciava-se a morte de Jesus e também lembrava que Jesus retornaria. Esse anúncio talvez se dê devido as conversas entre os irmãos. Uma vez que só estavam reunidos mediante aquilo que tinham em comum, acreditar na morte e ressurreição de Jesus e por isso eram salvos.

Portanto, todo aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será culpado de pecar contra o corpo e o sangue do Senhor. (11.27)

Aquele que comia de modo irreverente ou egocêntricamente estava pecando. Isto é, todos aqueles que comiam e bebiam apenas para se satisfazerem sem se preocupar com os outros irmãos. O “comer indignamente”, nessa passagem, refere-se ao ato de comer seguindo divisões de status, o que acaba separando a igreja. Ao rejeitar ou desprezar outros membros do corpo de Cristo, a igreja, eles também rejeitavam o dom salvador de seu corpo representado pelo pão.

Examine-se cada um a si mesmo, e então coma do pão e beba do cálice (11.28): aqui Paulo diz que cada um deve avaliar suas atitudes para participar da ceia de maneira excelente e desta forma, venha a ser um meio espiritual de graça.

Pois quem come e bebe sem discernir o corpo do Senhor, come e bebe para sua própria condenação (11.29): A palavra “corpo” pode referir-se ao corpo físico de Jesus ou a igreja. No primeiro caso, significaria que a pessoa participa da ceia sem reconhecer que simboliza o corpo crucificado de Cristo. No segundo caso, significaria que o participante não tem consciência da natureza da igreja como corpo de Cristo, o que resultada nas ações egoístas. Já a questão da condenação se refere à condenação disciplinar como doenças e morte como vemos no versículo a seguir e não sobre o juízo eterno de Deus que sobrevirá ao incrédulo.

Por isso há entre vocês muitos fracos e doentes, e vários já dormiram. Mas, se nós tivéssemos o cuidado de examinar a nós mesmos, não receberíamos juízo. Quando, porém, somos julgados pelo Senhor, estamos sendo disciplinados para que não sejamos condenados com o mundo” (11.30-32): Devemos nos avaliar para não receber a disciplina de Deus. Mas quando somos disciplinados, o somos da maneira como quando um pai ou uma mãe faz com um filho. Por amor. E dessa maneira podemos nos arrepender e crescer na graça.

Portanto, meus irmãos, quando vocês se reunirem para comer, esperem uns pelos outros. Se alguém estiver com fome, coma em casa, para que, quando vocês se reunirem, isso não resulte em condenação. Quanto ao mais, quando eu for lhes darei instruções (11.34): Outra referência à refeição e que devemos esperar pelos outros, e se tivermos fome, então saciar nossa fome e sede em casa para não trazer às reuniões, atitudes egoístas. Paulo dá a entender que tinham outros problemas a serem tratados, mas que seriam tratados posteriormente em sua próxima visita.

No tempo apostólico as ceias eram também chamadas de “ágapes” (ou “festas de amor”), conforme podemos verificar no texto de Judas 12: *Esses homens são rochas submersas nas festas de fraternidade que vocês fazem, comendo com vocês de maneira desonrosa. São pastores que só cuidam de si mesmos. São nuvens sem água, impelidas pelo vento; árvores de outono, sem frutos, duas vezes mortas, arrancadas pela raiz.*

Transmitindo assim, parte de seu propósito. As ênfases na expressão “corpo” que encontramos no ensino bíblico da ceia, reflete esta visão de unidade e comunhão. A mesa é um lugar de comunhão em praticamente quase todas as culturas e épocas, e a mesa do Senhor não deixa de ter também esta característica.

Compartilhar de um monte de migalhas de biscoito ou pão e de uma boa quantidade de copinhos de vinho nos traz a imagem de divisão e individualidade. Enfim, isso afasta completamente a ideia de união. A comunhão através do comer em conjunto tem sequência no livro de Atos, onde aprendemos que a igreja primitiva se devotava ao “congraçamento no partir do pão”, conforme podemos verificar em Atos 2.42: *Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações.*

Essa versão verificada do português é a Nova Versão Internacional. Nas versões em inglês, não há a separação da vírgula nem o “no” depois dela.

Assim, traduzida literalmente, ela ficaria assim: *E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão partir do pão e nas orações*. Essa segunda forma é mais correta, pois em grego as palavras “comunhão” e “partir do pão” são ligados entre si, denotando atividades simultâneas.

Eles tinham comunhão uns com os outros, quando partiam o pão em comum. Lucas nos informa que essa refeição era realizada com “alegria e sinceridade de coração”, como podemos ver em Atos 2.46: *Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração*.

Pergunta-se: assim, soa convidativo? Muitos comentários associam, no livro de Atos, a frase “partindo o pão” com a Ceia do Senhor. Por isso é que Lucas, que escreveu Atos, registrou no seu evangelho que Jesus tomou o pão e “partiu-o” na última ceia, conforme a passagem em Lucas 22.19: *Tomando o pão, deu graças, partiu-o e o deu aos discípulos, dizendo: ‘Isto é o meu corpo dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim’*.

Se essa conclusão é correta, então a igreja primitiva festejava a Ceia do Senhor como um momento de comunhão e alegria, exatamente como fazemos hoje numa festa de casamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em alguns momentos é necessário deixarmos de lado temas que são amplamente comentados e discutidos e olharmos para algumas coisas que são deixadas de lado e talvez sejam muito mais valiosos para nós como igreja. É exatamente o que aconteceu com esse artigo.

O objetivo deste artigo era o de tratar sobre os elementos pão e vinho que são destaques na ceia, mas durante pesquisa e reflexão, o artigo foi tomando outro rumo.

Quando falamos de doutrina, estamos tratando de algo de extrema importância para uma vida saudável na igreja. E para uma avaliação ou pesquisa honesta, devemos primeiro analisar o texto bíblico e também o seu contexto para entendermos o momento histórico da época e o que o autor queria dizer. Também é importante procurarmos outros textos bíblicos que dão base aquilo que estamos querendo afirmar.

Após tudo que foi percorrido nesse texto, acredito que temos executado a ceia de maneira errada, não nos preocupando com a comunhão entre os irmãos e talvez não remetendo esse momento a um momento de alegria e comemoração. Na verdade mais parece um ato espiritual de reflexão individual. Ou seja, do mesmo jeito que aprendemos com nossos pais na Igreja é o jeito que executamos hoje; uma simples tradição evangélica. Isso se deve a falta de mensagens e estudos sobre a ceia, pois parece algo muito banal ou sem mistérios para se discutir e debater. É muito mais interessante discutirmos sobre seitas ou apologética do que algumas doutrinas “básicas” que fazem parte do dia-a-dia da Igreja, ou então em elementos secundários.

O elemento de graça que podemos encontrar na ceia do Senhor é a comunhão em si. Quando nos colocamos no mesmo nível do nosso próximo, quando nos tornamos iguais, apesar de posição social, e ainda desejamos tal comunhão. Apesar da maneira *drive-thru* que desenvolvemos para realizar a ceia, com copinhos descartáveis, suco de uva e um pedacinho de pão, devemos desejar a comunhão com os irmãos, fazendo nossa avaliação que todos estão ali pela graça e que todos não são merecedores de tal graça. Todos estão no mesmo patamar quando nos colocamos diante do Senhor.

O teólogo quando em posição de pastor não deveria terceirizar o ensino. Na verdade ele é o treinador da vida cristã de seus jogadores (ovelhas). E se algo na doutrina não caminha bem e estamos rumo à ação de uma mera tradição e ato religioso impensável, então, o que nos diferencia de outras religiões? Aliás, Jesus nunca pregou uma religião.

Um texto bíblico que me marcou muito em minhas pesquisas foi o de Apocalipse 19.9: *E o anjo me disse: ‘Escreva: Felizes os convidados para o banquete do casamento do Cordeiro!’ E acrescentou: ‘Estas são as palavras verdadeiras de Deus’.*

É assim que Jesus nos aguarda: com um grande convite para um banquete. A palavra banquete já nos diz muita coisa. Um lugar com fartura, mas também onde estaremos todos juntos. Nesse lugar você não poderá escolher quem é o seu irmão, coisa que me parece que fazemos muito no nosso dia-a-dia como quando estamos reunidos como igreja. Muitas vezes temos irmãos que pisam em nosso calo e isso já se torna um motivo para desviarmos dele na celebração. Parece que quando um irmão te decepciona isso te dá o direito de então desprezar ele e deixá-lo de lado. Então qual a diferença da igreja? Não é assim também o conceito do mundo? A passagem de Colossenses 3.13 muitas vezes é esquecida, ou então lembrada apenas

quando convém: *Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros. Perdoem como o Senhor lhes perdoou.*

Como é possível suportar alguém quando não estamos reunidos em comunidade?

É nesse momento que podemos nos conhecer, saber das nossas fraquezas e dificuldades, ser ajudado e também ajudar o nosso irmão. Acredito que muitos de nós acham que podemos escolher os nossos irmãos. Todos nós somos imerecedores da graça de Deus e de sua salvação. Precisamos ter misericórdia uns dos outros assim como Deus teve e tem misericórdia para conosco. Não devemos gerar expectativas erradas sobre os nossos irmãos.

Muitas vezes pensamos que a igreja é um local seguro, um lugar onde estamos protegidos do mundo que está ao nosso redor e nos esquecemos de que todos nós somos seres humanos, pecadores, passíveis de erros e falhas. Nesse momento, quando temos uma decepção, o tombo acaba sendo muito grande, e nos esquecemos de que somos tão piores quanto o irmão que pisou em nosso calo. Devemos praticar o perdão aos irmãos com mais frequência. Pedir perdão com mais frequência. Reconhecer nossos erros. E aí sim, depois disso, de braços abertos e coração tranquilo, ir para o convite feito por Jesus e participar de sua festa, de seu banquete, todos juntos, em comunhão, em um só corpo, e adorar o único Deus, merecedor de toda honra e toda glória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATKERSON, Steve. *A Ceia do Senhor: Banquete ou migalhas?* NTRF, 2003.
- BARKER, Kenneth. *Bíblia de Estudo NVI*. São Paulo: VIDA, 2003.
- CALVINO, João. *1 Coríntios*. São Bernardo do Campo: Parakletos, 2003.
- CARSON, D. A. *Comentário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- COENEN, Lothar e BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- Dicionário de Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Loyola, 2008.
- FEE, Gordon e STUART, Douglas. *Como ler a Bíblia livro por livro*. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- FERREIRA, Franklin e MYATT, Alan. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- GISEL, Pierre. *Enciclopédia do Protestantismo*. São Paulo: Hagnos, 2016.
- GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática Atual e Exaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- KEENER, Craig. *Comentário Histórico-Cultural da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- KISTEMAKER, Simon. *1 Coríntios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- MCGRATH, Alister. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.
- MORRIS, Leon. *1 Coríntios*. São Paulo: Vida Nova, 1992.
- SAYÃO, Luiz. *Bíblia Brasileira de Estudo*. São Paulo: Hagnos, 2016.
- SILVA, Valdemir Alves. *Apostila de História do Cristianismo I, p4*. Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.
- VANHOOZER, Kevin J. *O Drama da Doutrina*. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- VON ALLMEN, Jean-Jacques. *Estudo sobre a Ceia do Senhor*. Editora Duas Cidades, 1968.
- YOUNGBLOOD, Ronald. *Dicionário Ilustrado*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

¹ Fernando Vitolo Gonzalis, graduado em Comunicação Social pela Universidade São Judas Tadeu, pós-graduado em Exposição e Ensino da Bíblia pela Faculdade Teológica de São Paulo, é líder do ministério de adolescentes e pré-adolescentes da IBNU e também auxilia nos projetos em vídeo do ministério Rota 66.

² Kevin Jon Vanhoozer (nascido em Março de 1957) é um teólogo Americano que atualmente é professor e pesquisador de Teologia Sistemática. Além da Teologia Sistemática, muito do seu trabalho é focado em hermenêutica e pós-modernismo.

³ Alasdair John Milbank (nascido em 1952) é um teólogo Cristão Anglicano e era o professor pesquisador de religião, política e ética na universidade de Nottingham, onde também dirigia o Centro de Teologia e Filosofia.

⁴ Gordon Donald Fee (nascido em 1934 em Ashland, Oregon) é um estudioso do Novo Testamento, após ensinar brevemente no Wheaton College em Illinois, lecionou no seminário Gordon-Conwell em South Hamilton, Massachusetts até 1986. Ele em seguida foi para o Regent College em Vancouver, Canada onde é agora Professor Emérito. Ele também serviu no quadro consultivo do Instituto Internacional para Estudos Cristãos.

⁵ Douglas K. Stuart (nascido em 8 de fevereiro de 1943) é professor do Antigo Testamento no Seminário Teológico Gordon-Conwell, um Seminário Evangélico Interdenominacional. Em 1971 recebeu seu doutorado em Línguas do Oriente Próximo e Literatura da Universidade de Harvard, em poesia hebraica.

EM DEFESA DA FÉ: UM PANORAMA DOS CONFLITOS ENFRENTADOS PELOS APOLOGISTAS

Rafael da Silva França¹

RESUMO

O presente artigo visa relatar de forma panorâmica os conflitos enfrentados pelo cristianismo mediante as refutações dadas por aqueles que se propuseram defender a fé cristã, os apologistas. Os apologistas eram os defensores da fé do segundo século em diante, substituindo os apóstolos do primeiro século, e analisando as obras de alguns deles, em meio suas refutações, é possível esboçar um panorama dos conflitos que o cristianismo enfrentou em seus primórdios. Não entraremos nas minúcias dos conflitos e nem nos embasamentos ideológicos e retóricos utilizados para defender a fé cristã, analisaremos apenas os relatos de determinado apologista, ressaltando qual era e a complexidade do conflito que este se propôs a defender. Com isso, foi possível elaborar um compilado de adversidades que se levantaram nos primórdios da fé cristã e seus ataques e, em contrapartida, a coragem, fé e sabedoria dos apologistas para refutar esses conflitos em defesa daquilo que criam. É possível concluir que o movimento cristão foi bastante atacado, porém foi eficazmente defendido.

Palavras chave: Apologistas, Conflitos, Defesa da fé.

ABSTRACT

This article lens report in order panorama the conflicts faced by Christianity through the refutations given for by those proposed defend the faith Christian, the apologists. The apologists were defenders of faith in second century onward, replacing the apostles of first century, and analyzing the works some theirs, through refutations, it is possible to outline the panorama of conflicts that the Christianity faced in yours beginnings. We will not enter in the minutiae of conflicts and not in the ideological and theoretical base for defender the faith Christian, we will analyzer just about the relates of determined apologist, highlighting what were and the complexity the conflict that those apologists proposed to defense. Thus it was possible to elaborate a compilation of adversities that raised in the beginnings of faith Christian and your attacks and, in counterpart, the courage, faith and wisdom of the apologists for to refute this conflicts in defense of that believe. It is possible to conclude that the movement Christian was a lot attacked, but was effectively defended.

Keywords: Apologists, Conflicts, Defense of Faith.

INTRODUÇÃO

Desde sua origem o cristianismo sofreu grande perseguição do Estado Romano, chegando ao martírio de seguidores desse movimento. Além da pressão estatal havia a pressão social que pressionava o cristianismo, por causa do senso patriota do povo romano. “As acusações contra o cristianismo eram de três tipos: ateísmo – não criam nos deuses tradicionais-; hábitos anormais – assassinato: beber o sangue e comer o corpo; e desobediência ao governo – não adoravam ao imperador” (ALMEIDA, 2012, p.82).

Este clima de tensão vivido pelos cristãos também do segundo século em diante, ocasionou, sem motivo aparente, julgamentos em tribunais, pois eram julgados por sua fé e conduta como sendo não apropriados. Foi nesse contexto e por essas razões que surgiram os apologistas como comenta Almeida (2012, p.82): “Aí entram os apologistas! Era preciso assegurar o direito à existência!”. A intenção dos apologistas era de se defender das acusações sociais e políticas, e de pregar a superioridade sobre as demais religiões.

Os apologistas tinham um duplo objetivo em seus escritos. Por um lado queriam refutar as falsas acusações de ateísmo, canibalismo, incesto, preguiça e práticas anti-sociais atribuídas a eles por vizinhos pagãos, entre os quais Celso, por exemplo. O outro objetivo era desenvolver uma perspectiva construtiva para demonstrar que, ao contrário do cristianismo, o judaísmo, as religiões pagãs e o culto do Estado eram tolice e pecado (CAIRNS, 2009, p.90).

De forma panorâmica, esse artigo visa relatar os conflitos que o movimento cristão enfrentou, sob a óptica de alguns daqueles que se colocaram em defesa da fé após os apóstolos: os apologistas. Não é possível citar a pessoa e obra de cada defensor da fé levando em conta a delimitação para este artigo, por isso a escolha dos mesmos foi a critério do pesquisador. Porém, com os apologistas estudados é possível encontrar conflitos, tais como, embate contra o governo e contra a sociedade romana e tudo que a compunha, as religiões pagãs, a cultura grega, as injustiças sociais, as acusações de ateísmo dos cristãos que abrangiam, em menor escala, mas existente, uma posição contra o judaísmo.

Contra o governo

Justo González explica essa transição do confronto entre o Estado e o cristianismo do primeiro século para o segundo, expondo que as incitações do povo romano e suas especulações, como, canibalismo, incestos e outras acusações fraudulentas, foram crescendo com o passar do tempo. Com isso, o cristianismo no segundo século é visto, confusamente, como crime. Confusamente, pois não havia um padrão definido para acusar e julgar os cristãos.

A carta do governador romano Plínio, o Jovem, para o imperador Trajano, demonstra claramente essa confusão. Plínio achava confuso litigar acerca do cristianismo e pergunta ao imperador como tratar tal situação. A resposta do imperador declara a falta de padronização contra o “crime” dos cristãos.

Segundo ele [Trajano], não há uma regra que possa ser aplicada em todos os casos. Por um lado, o crime dos cristãos não era de tal natureza que devessem ser usados recursos do Estado para buscá-los. Por outro lado, entretanto, se alguém os acusa e eles se negam a adorar aos deuses, devem ser castigados (GONZÁLEZ, 2011, p.47).

Tertuliano, que além de teólogo era advogado, comenta em uma de suas apologias quase cem anos depois, sobre essa incompatibilidade da lógica processual do Estado Romano contra o cristianismo: “Oh! Sentença necessariamente confusa! Nega-se a buscá-los, como se fosse a inocentes. E manda castigá-los, como a culpados. Tens misericórdias e és severa; dissimulas e castigas. Como evitas então censurar-te a ti mesma?” (TERTULIANO *apud* GONZÁLEZ, 2011, p.47).

Vale lembrar, que essas perseguições não eram em todo o império romano, desde Nero, o precursor da afronta contra os cristãos, até Décio, precursor de uma perseguição universal no império romano, elas eram locais e esporádicas (CAIRNS, 2009). Assim, a tensão que existia no primeiro século, existiu no segundo século:

Em resumo, a situação dos cristãos ao longo do século II foi precária. Nem sempre eram perseguidos. Muitas vezes perseguiam-nos em umas regiões do Império e não em outras. Tudo dependia das circunstâncias do momento e do lugar. Em particular, era de que houvesse ou não alguém com suficiente ódio para com os cristãos a fim de delatá-los ante os tribunais. (GONZÁLEZ, 2011, p.54).

O imperador de espírito culto e amante do saber, Marco Aurélio, não era como Nero e Domiciano, porém, como explica Justo González, era filho de sua época, ou seja, embora sua razão não se rebelara contra os cristãos, sua superstição somada com as calamidades ocorridas em seu tempo, fizeram com que ele entendesse que alguém era culpado. “Inclinado a atribuir as calamidades naturais e artificiais que ocorriam em seu império ao crescimento do cristianismo, deu ordens para a perseguição aos cristãos” (CAIRNS, 2009, p.78).

Eusébio de Cesaréia expõe de forma ampla e detalhada como foi essa perseguição nos tempos de Marco Aurélio em sua obra *Recompilação de Martírios*, e, em *Histórias Eclesiásticas* ele cita quão grande foi ela:

Corria o décimo sétimo ano do imperador Antonino Vero [Marco Aurélio]. Neste tempo reavivou-se com maior violência em algumas partes da terra a perseguição contra nós e, pelos ataques de habitantes das cidades, pode-se conjecturar que foram milhares os mártires que se distinguiram se levamos em conta o ocorrido em uma só nação, que por ser realmente digno de lembrança imorredoura, foi transmitido por escrito à posteridade (2005, Livro V - prólogo- 1, p.151).

No início do terceiro século, sob o reinado de Sétimo Severo, este, promulgou uma nova onda de perseguição aos cristãos. Os judeus e os cristãos sofreram por não aderirem ao sincretismo e “o resultado de tudo isto foi o recrudescimento da perseguição no estilo do século anterior e, ao mesmo tempo, perseguição mais intensa dirigida contra os novos convertidos e seus mestres. Portanto, o ano de 202, data do edito de Sétimo Severo, marca um novo fato na história das perseguições” (GONZÁLEZ, 2011, p.86). Seu modo de perseguir era igual ao do século anterior, mas para os novos cristãos a severidade aumentava.

Eusébio de Cesaréia relata sucintamente sobre a perseguição de Severo, localizando-a principalmente em Alexandria:

E como também Severo suscitou uma perseguição contra as igrejas, em todas as partes consumaram-se esplêndidos martírios dos atletas da religião, mas multiplicaram-se especialmente em Alexandria. Os atletas de Deus foram enviados para lá, como ao maior estádio, desde o Egito e de toda a Tebaida, e por sua firme paciência em diversos tormentos e gêneros de morte, cingiram-se com as coroas preparadas por Deus (EUSÉBIO, 2005, Livro VI, I, 1, p.193).

Depois de Severo a perseguição deu uma trégua. Embora o reino fosse sincretista, não havia a obrigação dos judeus e dos cristãos aderirem a isso. Mas o risco era iminente, qualquer questão poderia acarretar numa perseguição novamente. Foi o que aconteceu no reinado de Máximo (Máximo) “sob o governo de Máximo, desatou a perseguição em Roma, e tanto o bispo Ponciano como seu rival Hipólito foram exilados e enviados a trabalhar nas minas” (GONZÁLEZ, 2011, p.89).

O que é relevante nessa perseguição é o motivo pelo qual ela foi instaurada: um conflito familiar. Máximo foi colocado como imperador depois do assassinato do então imperador Alexandre Severo, porém havia um ressentimento entre essas famílias. Como a família de Alexandre aderiu a fé cristã, ao assumir o império, Maximino promulgou uma perseguição aos cristãos, ordenadamente a seus líderes. “Este, por ressentimento contra a família de Alexandre, que era composta de muitos fiéis, suscitou uma perseguição ordenando que somente fossem eliminados os chefes das igrejas, como culpados pelo ensino do Evangelho” (EUSÉBIO, 2005, Livro VI, XXVIII, 1, p.216).

Em meio a declinação da glória de Roma, eis que surge o imperador Décio querendo restabelecê-la. Esse era o objetivo principal de seu reinado e ele não tinha uma desavença particular com o cristianismo, mas sim com todas as religiões que não existiam nos tempos de glórias do império romano. Sua estratégia principal era restaurar os velhos cultos e seus deuses.

Não era uma perseguição local visando mártires e sim uma campanha religiosa visando apóstatas que voltariam as antigas práticas e rituais dos cultos antigos. Por isso o imperador Décio promulgou um edito em que todos deveriam oferecer sacrifícios para os deuses e queimar incenso ante a estátua do imperador. Essa perseguição universal, embora não tenha derramado sangue como as perseguições de Nero e de Marco Aurélio, causou um impacto deveras destrutivo na Igreja posteriormente.

Como era de supor. Essa ordem imperial tomou os cristãos de surpresa. As gerações que se sucederam sob o perigo constante da perseguição já tinham passado, e as novas gerações não estavam preparadas para enfrentar o martírio. Alguns correram a obedecer ao edito imperial tão logo se informaram dele. Outros permaneceram firmes por algum tempo, mas quando foram levados diante dos tribunais ofereceram sacrifícios diante dos deuses. Outros, talvez mais astutos, valeram-se de artimanhas e do poder do ouro para obter certificados falsos sem ter sacrificado nada. Outros, enfim, permaneceram firmes, e se dispuseram a enfrentar as torturas mais cruéis que seus carcereiros pudessem impor. Desde que o propósito de Décio era obrigar as pessoas a sacrificar, foram relativamente poucos os

que morreram durante essa perseguição. O que mais se fazia era deter os cristãos e, mediante a uma combinação de promessas, ameaças e torturas, fazer todo o possível para obriga-los a abjurar sua fé (GONZÁLEZ, 2011, p.90).

Depois de Décio, houve mais uma curta perseguição com Valeriano, mas somente com Diocleciano que a perseguição aos cristãos voltou à tona com força total. “Diocleciano ordenou o fim das reuniões cristãs, a destruição das igrejas, a deposição dos oficiais da Igreja, a prisão daqueles que persistissem em seu testemunho de Cristo e a destruição das Escrituras pelo fogo” (CAIRNS, 2009, p.80).

Eusébio de Cesaréia confirma em seus escritos como essa perseguição universal assolou a igreja por todas as partes diante dos editos impostos pelo imperador Diocleciano:

Era este ano dezenove do império de Diocleciano e o mês Distro – entre os romanos se diria o de março – quando, estando próxima a festa da paixão do Salvador, por todas as partes estenderam-se editos imperiais mandando arrasar até o solo as igrejas e fazer desaparecer pelo fogo as Escrituras, e proclamando privados de honras aqueles que delas desfrutavam e de liberdade aos particulares se permanecessem fiéis em sua profissão de cristianismo (EUSÉBIO, 2005, Livro VIII, II, 4, p.275).

Entre o fim do reinado de Diocleciano (305) até o primeiro edito de tolerância ao cristianismo com Galério (311), ainda havia grande tensão entre os cristãos sobre perseguição, tensão que perdurou até 313 com o Editto de Milão promulgado pelo imperador Constantino, que garantiu a liberdade religiosa para qualquer religião (CAIRNS, 2009).

Mas com isso podemos ver a facilidade que se tinha para oprimir e perseguir os cristãos. Qualquer motivo era válido para acusa-los e qualquer pretexto era cabível para o Estado colocar a culpa no cristianismo, desde a decadência do império, como no caso de Marco Aurélio, até implicância familiar, no caso de Maximino.

As consequências não foram apenas mortes, mas posteriormente pode-se ver o que essas perseguições causaram internamente no cristianismo. Problemas internos, como por exemplo, o tratamento com os “traidores” ou “caídos”, que abdicaram da fé mediante a perseguição de Décio ou Diocleciano. Houve problemas também com os livros do cânon do Novo Testamento, pois

se necessitava da certeza de que os livros pelo qual eles estavam dispostos a morrer eram sagrados ou não. E ainda havia as indagações e as dificuldades no tratamento que os cristãos deveriam ter com o governo (CAIRNS, 2009).

Contra as religiões pagãs

Além da cultura grega e suas filosofias (nas quais falaremos adiante), o cristianismo teve que enfrentar outros sistemas de pensamentos pagãos que haviam no império romano, e sua forma de refutar tais pensamentos era fazendo apologia contra esses sistemas, demonstrando a superioridade do cristianismo sobre eles. Sua luta, no entanto, não era exatamente, nesse momento, conflitar contra essas religiões e sim demonstrar para o governo a superioridade cristã, por isso esse nicho se localiza entre os apologistas.

A superioridade cristã é posta em contraste com o sistema corrompido e imoral das religiões pagãs, com o intuito de elevar o movimento cristão ante as autoridades romanas. Essa foi a estratégia de muitos apologistas.

Aristides foi um apologista filósofo que mostrou o contraste das religiões pagãs com o cristianismo, revelando a supremacia deste ao sistema corrupto, errôneo e desviado que eram as demais religiões professadas no império romano. Em 1889 foi descoberta uma versão completa da obra de Aristides (138 d.C.), destinada ao imperador Antonino Pio, no Mosteiro de Santa Catarina, no Monte Sinai. “Os primeiros catorze capítulos comparam as formas do culto cristão, caldeu, grego, egípcio e judeu para provar a superioridade da maneira cristã de cultuar. Os últimos três capítulos pintam o quadro nítido dos costumes e da ética dos primeiros cristãos” (CAIRS, 2009, p.91). Segundo Justo González, Aristides demonstra a superioridade dos cristãos contra os judeus, gregos e bárbaros, enaltecendo o costume e o amor: “Os cristãos são uma nova nação que tem uma mescla divina, e esta nova raça é conhecida por seus costumes elevados e pelo amor que seus membros trazem entre si” (2004, p.99).

Como já citado, o intuito de Aristides era demonstrar os erros das religiões pagãs, como os caldeus, gregos e egípcios, e ainda os desvios dos judeus em contraste com a grandeza da religião cristã, aqui estão algumas demonstrações desse pensamento de Aristides:

Os caldeus, por não conhecer a Deus, se extraviaram atrás dos elementos e começaram a adorar as criaturas ao invés de aquele que os havia criado. Fazendo certas representações deles, os chamaram de imagens do céu e da terra, do sol, da lua e dos outros elementos ou luminárias;

trancando-os em templos, os adoram, dando-lhes nome de deuses, e os guardam com toda a segurança, para que não sejam roubados por ladrões, sem perceber que aquele que o guarda é maior do que o guardado e que aquele que o fabrica é maior do que sua própria obra. Se os deuses deles são impotentes para sua própria salvação, como poderão dar salvação a outros? (ARISTIDES, Cap.3).

Sobre os deuses gregos Aristides diz que se diziam sábios, mas foram os mais ignorantes por acreditar e adorarem um panteão de deuses iníquos em seus próprios relatos:

Eles mesmos contaram que seus deuses foram adúlteros e assassinos, coléricos, invejosos e rancorosos, parricidas e fraticidas, ladrões e roubadores, coxos e corcundas, feiticeiros e loucos. Alguns deles morreram, outros foram fulminados, outros serviram aos homens como escravos, outros andaram fugitivos, outros bateram no peito e se lamentaram, e outros se transformaram em animais. Daí vemos, ó rei, como são ridículas, insensatas e ímpias as palavras que os gregos introduziram (ARISTIDES, Cap.8).

Em relação aos egípcios, Aristides os qualifica como pior que os caldeus e os gregos, e de qualquer outra nação:

Quanto aos egípcios, que são mais torpes e ignorantes do que os gregos, erraram mais ainda do que todas as nações. Não se contentaram com o culto dos caldeus e dos gregos, mas introduziram como deuses animais irracionais, tanto da terra, como da água, e ainda árvores e plantas. Com isso, sujaram-se em toda loucura e impudicícia, mais ainda do que todas as outras nações sobre a terra (ARISTIDES, Cap.12).

Com isso fica evidente a contribuição de Aristides ao cristianismo ao refutar com tantos argumentos sólidos as religiões pagãs, colocando o tom certo de superioridade do Deus que o cristianismo crê em vista dos outros deuses.

O bispo dos cristãos em Antioquia, Teófilo, é considerado o último dos apologistas do segundo século, escreveu três livros *A Autólico* (180 d.C.), um magistrado pagão (OLSON, 2001, p.63). Sua discussão com Autólico tinha um tom mais filosófico, onde ele, Teófilo, tinha o objetivo de trazer o cristianismo através de argumentos racionais. Porém não deixou de ser apologista, defendendo a superioridade da fé cristã sobre as demais crenças. “No primeiro

livro, Teófilo discute a natureza e a superioridade de Deus. No segundo, compara a fragilidade da religião pagã com o cristianismo” (CAIRNS, 2009, p.93).

Na luta contra o paganismo Teófilo em seu primeiro livro revela a soberania em grandiosidade e poder ante os deuses pagãos. Com isso mostra que um dos conflitos que o cristianismo enfrentava era o de “defender” a soberania e existência de Deus, desafio levantado pelo próprio Autólico com a pergunta “Mostra-me teu Deus”, e ainda de “defendê-lo” diante dos outros deuses:

Tu me causaste estupor com palavras vãs, vanglorianto-te dos teus deuses de pedra e madeira cinzelados e fundidos, esculpidos e pintados, deuses que não veem nem ouvem (de fato, são imagens de obras de mãos humanas); além disso, tu também me chamas zombeteiramente de cristão, como se eu portasse um nome infame. Quanto a mim, confesso que sou cristão e trago esse nome de bom grato a Deus, para supores que seja difícil ter o nome de Deus, talvez porque, sendo inútil para Deus, tu pensas dessa maneira sobre Deus (TEÓFILO, A Autólico – livro I, Cap.1).

Por isso, praticamente esse livro todo, foca seu pensamento em demonstrar a soberania de Deus, sua transcendência e sua compreensão possível, em parte, pela razão.

No segundo livro Teófilo rebate o paganismo grego ridicularizando os procederes dessas religiões e diminuindo o valor e poder dos seus deuses:

Com efeito, parece-me ridículo que cortadores de pedra, oleiros, pintores e fundidores modelem, pintem, esculpam, fundam e fabriquem deuses, os quais, enquanto estão nas mãos dos artífices, não são de maneira nenhuma apreciados; contudo, quando alguém os compra e os expõe no que chamam de templo ou alguma casa, então são adorados não somente por aqueles que os compraram, mas aqueles mesmos que os fabricaram e venderam acorrem com grande fervor. (TEÓFILO, A Autólico – livro II, Cap.2).

O cristianismo conflitava contra o paganismo engrandecendo seu Deus com argumentos fortes e coerentes e utilizava das mesmas artimanhas para diminuir e ridicularizar os deuses pagãos.

Em *Contra Celsum*, Orígenes refutou o pensamento pagão de Celso, que distorcia as práticas cristãs, doutrinas e Escrituras sagradas em *O Verdadeiro Verbo*. “Como Orígenes não refutou os argumentos de Celso um

por um, esta obra não tem um princípio de unidade interna. Apesar disto, ela é de grande importância para a história do conflito do Cristianismo com o paganismo nos primeiros séculos de nossa era” (GONZÁLEZ, 2004, p.205). Roger Olson (2001) diz que na obra que Orígenes refutou as acusações de Celso, ele praticamente mostrou a superioridade das Escrituras sobre qualquer outra filosofia pagã helenística e romana. “Mais do que qualquer outra apologia cristã, essa obra de Orígenes derrotou um Golias da oposição do cristianismo e introduziu a jovem religião em uma nova era de respeitabilidade, a despeito da contínua perseguição” (OLSON, 2001, p.103).

Contra a cultura grega

Embora o império fosse o Romano, o modo de pensar, as ideologias e a cultura era praticamente helenística em todo o território, com isso, muito se teve que lutar contra a filosofia grega em geral entre 100 d.C e 313 d.C., assim como foi no primeiro século.

O maior perigo para a pureza doutrinária da fé cristã veio da filosofia grega. O número de gentios convertidos ao cristianismo foi muito maior que o de judeus. Entre estes estavam muitos filósofos que queriam combinar cristianismo com filosofia, ou vestir a filosofia pagã com uma roupagem cristã. (CAIRNS, 2009, p.83).

O modo de conflitar a cultura e a religião grega, foi basicamente a que utilizaram para refutar as demais religiões pagãs: denegrindo e desmoralizando-a, porém com pensamentos mais amplos e mais fundamentados, pois não era qualquer oponente. Entre os conflitos que o cristianismo enfrentou, a de maior escala foi contra a cultura grega, pois até dentro do próprio cristianismo, como citado por Earle Cairns, eles se infiltraram.

Clemente de Alexandria, um filósofo cristão, também teve sua contribuição para o pensamento de superioridade do cristianismo contra as outras filosofias e pensamentos, tendo ainda, uma visão missionária. “Seu *Protrepticus* ou *Exortação aos Gentios* é um documento missionário de cunho apologético escrito por volta de 190 d.C. para provar a superioridade do cristianismo como a verdadeira filosofia e assim levar os pagãos a aceitá-lo” (CAIRNS, 2009, p.95). Apesar de considerar Jesus o exemplo de toda a sabedoria, com isso resumindo que o cristianismo é fonte da verdadeira sabedoria, Clemente utiliza diversos pensamentos da cultura grega “Todavia, mesmo nesta obra de caráter apologético, Clemente demonstra apreço pelos

valores da cultura helenística e afirma que a verdade também se encontra nos antigos filósofos e poetas” (GONZÁLEZ, 2004, p.188).

Taciano (120-180 d.C) foi um apologista, discípulo de Justino, que defendeu superioridade cristã sobre a cultura um intelectual de forma irônica procurando “ridicularizar a cultura pagã afirmando que apesar de toda a filosofia clássica a única religião que eles apresentaram foi a do Olimpo onde os deuses viviam enciumados uns com os outros” (ALMEIDA, 2012, p.91). A contribuição desse apologista erudito para o cristianismo, segundo Earle Cairns (2009), foi a obra *Discurso aos Helenos* que foi dirigida à todo povo grego. De forma sátira Taciano ridiculariza grandes nomes da cultura grega como Aristóteles, Zenão, Heráclito, Diógenes entre outros. Eis um exemplo de sua forma de ataque aos gregos:

Os que se interessam por essas questões dizem que o poeta trágico Eurípedes foi lá, leu o livro e propagou de memória e com todo empenho as trevas de Heráclito. Mas o que pôs em evidencia a sua ignorância foi o modo como morreu: atacado de hidropisia, e tratando a medicina como a filosofia, envolveu-se com estrume de boi e, quando este endureceu, produziu convulsões em todo o seu corpo e ele morreu de espasmo. (TACIANO, *Discurso aos Helenos*, Cap.3).

Taciano afirmava que o cristianismo é mais antigo do que a religião e a filosofia grega, e que, Moisés, é anterior a Homero e por isso serviu de inspiração para os autores gregos nas seguintes palavras:

Concedamos que Homero tenha vivido, não após a guerra de Tróia, mas no próprio tempo da guerra e que até tenha combatido no exército de Agamenon e que, se alguém se compraz com isso, tenha nascido antes da invenção do alfabeto. Ficará claro que o dito de Moisés é, em muitos anos, mais antigo que a tomada de Tróia, muito anterior à própria fundação da cidade, a Tros e a Dárdano. Para demonstrar isso, valer-me-ei de testemunhos caldeus, fenícios, egípcios e... para que mais? (TACIANO, *Discurso aos Helenos*, Cap.36).

Com esses argumentos de superioridade moral e religiosa, e de antiguidade, Taciano chega a conclusão de que os cristãos mereciam, do povo romano, um melhor tratamento que os gregos.

Tertuliano em sua obra *Prescrição contra os hereges* faz uma crítica a qualquer ensino tirado da literatura e do pensamento grego que não concordassem com as Escrituras. “Sua ‘prescrição’ contra todos os tipos de heresia que apareciam em Roma e arredores era que os cristãos deviam

evitar terminantemente a tentativa de racionalizar as crenças cristãs pelo uso de categorias e conceitos filosóficos gregos estranhos à verdade bíblica” (OLSON, 2001, p.94).

Contra os judeus

Nessa época talvez não tenha havido uma perseguição aos judeus como no primeiro século, porém ainda havia um mal-estar entre esses dois movimentos. O conflito era ideológico onde se colocava que a lei de Cristo extinguiu a antiga Lei e que, não acreditar nisso, fazia do judaísmo uma religião pagã.

Justino Mártir em seu *Diálogo com Trifo* procura convencer os judeus de que Jesus era o Messias prometido nas Escrituras, por isso ele enfatiza essa verdade usando as Escrituras e dá muita ênfase nas profecias (CAIRNS, 2009). “Para os rígidos judeus os cristãos eram perigosos deformadores da religião inalterável revelada a Moisés. Os cristãos consideravam as exigências mosaicas como uma disciplina temporária, não devendo ser tomada como a única palavra de Deus” (ALMEIDA, 2012, p.90).

Aristides também refutou contra o judaísmo, não o afrontando como ele fez com os caldeus e egípcios, mas ainda assim não deixou de rebatê-los de forma firme, alegando que a não crença em Jesus, faz deles iguais aos pagãos:

Eles, de fato, ainda adoram um só Deus onipotente, mas não tem conhecimento completo, pois negam a Cristo, Filho de Deus. São semelhantes aos pagãos, ainda que pareçam, aproximar-se da verdade, da qual realmente se afastaram. Basta isso sobre os judeus... (ARISTIDES, Cap.14).

Contra as injustiças sociais

Um dos grandes fatores da perseguição dos cristãos, como já foi citado, eram as diversas acusações sobre a moral e a ética dos cultos e da doutrina cristã, como ensina Gonzalez (2009, p.80,81): “Os rumores se baseavam geralmente em algo que os pagãos ouviam dizer ou viam os cristãos fazer, e então o interpretavam erroneamente”, e, “Outra estranha opinião que alguns sustentavam, era que os cristãos adoravam um asno crucificado”, referindo-se ao próprio Cristo ressurreto.

Acusações sérias eram colocadas contra ao cristianismo como, incesto, imoralidades sexuais, antropofagia (canibalismo), assassinato, desobediência ao governo, ateísmo (que será tratado de forma particular), entre outros.

Justino Mártir, considerado pela maioria dos escritores como o maior apologista do segundo século, em sua Primeira Apologia, destinada ao imperador Antonio Pio, na maior parte de sua obra (14-60) relata a moral, a doutrina e o Fundador do cristianismo, Jesus. “Justino argumenta que uma análise demonstraria que os cristãos eram inocentes das acusações que lhes faziam, devendo, portanto, ser suspensa a perseguição contra eles” (CAIRNS, 2009, p.91).

Atenágoras, embora sua luta principal fosse contra a acusação de ateísmo, em alguns capítulos de sua obra, rebate a acusação de incestos e de comer seus filhos em banquetes sacrificiais (CAIRNS, 2009, p.93). Atenágoras combateu essas acusações graves contra os cristãos. Ainda contra a acusação de incesto e relações imorais Atenágoras refuta tais acusações colocando em pauta a atitude dos deuses dos acusadores em contraste do Deus dos cristãos. Enquanto os deuses pagãos além de permitir esses atos impuros e imorais também os praticavam, em contrapartida, o Deus dos cristãos além de ir contra esses preceitos é rigoroso em relação ao relacionamento patrimonial, pureza e moral de seus filhos. Assim se expressa Atenagoras:

Contudo se querem apresentar como crime o unir-se livre e indiferentemente, teriam de começar a rejeitar Zeus, que teve filhos com sua mãe Rea e com sua filha Coré e cuja mulher é sua própria irmã, ou rejeitar Orfeu, o inventor de todos esses contos que tornou Zeus mais ímpio e abominável do que Tiestes; com efeito, este se uniu com a própria filha através de um oráculo e pelo desejo de chegar a reinar e vingar-se. Nós, porém, estamos tão longe de ver isso com indiferença que não nos é lícito sequer olhar com intenção de desejo. De fato, a Escritura diz: “Aquele que olha para uma mulher a fim de desejá-la já cometeu adultério em seu coração” (ATENÁGORAS, Petição Em Favor dos Cristãos, Cap.32).

Já contra as acusações de antropofagia e assassinato o apologista faz dos acusadores os assassinos em seus espetáculos de horror com gladiadores, feras e mortes:

Quem, em plena razão, poderia dizer que, sendo assim, somos assassinos? Não é possível saciar-se de carne humana, se antes não matamos alguém. Se eles mentem quanto ao primeiro ponto, mentem também quanto ao segundo. Com efeito, se lhes é perguntado se viram o que dizem, não

existe ninguém tão sem vergonha que diga ter visto. Entretanto, temos escravos, alguns mais outros menos, para os quais não é possível ocultar-nos. No entanto, nenhum deles chegou a caluniar-nos com semelhantes coisas. De fato, os que sabem que não suportamos ver uma execução com justiça, como vão nos acusar de matar e comer homens? Quem de vós não se entusiasma em ver os espetáculos de gladiadores ou de feras, principalmente os que são organizados por vós? Nós, porém, que consideramos que quem ver matar está próximo do próprio matar, nos abstermos de tais espetáculos (ATENÁGORAS, *Petição Em Favor dos Cristãos*, Cap.35).

Portanto, as acusações feitas contra o cristianismo eram sem fundamentos e totalmente incoerentes com que era ensinado na Escritura pelo Deus dos cristãos no que se refere a crença e estilo de vida. Por isso eram facilmente rebatidas e se transformavam em “armas” contra os próprios acusadores que normalmente seguiam um estilo e sistema religioso corrupto e imoral.

Tertuliano é considerado um dos mais importantes polemistas, onde suas principais obras são *Contra Práxeas* e *Contra Marcion*, onde ele conflita contra os ensinamentos heréticos desses pensadores. Porém, ele também é escalado como um apologista por sua obra em meados dos anos 200 d.C., *Prescrição contra os hereges*, onde, em linguagem jurídica, argumenta contra os perseguidores do cristianismo alegando as injustiças dos oficiais romanos contra esse movimento. Além disso, explica a vida, adoração e crença cristã que vai além do que muitos outros apologistas que o precederam (OLSON, 2001).

Teófilo de Antioquia em seu terceiro livro destinado a Autólico também defendeu o cristianismo ante as falsas acusações de incesto e imoralidade sexual e também de antropofagia. Diante de tais acusações ele demonstra a superioridade do cristianismo. Esse apologista refuta tais ideias porque acredita que seu correspondente está cedendo às calúnias que fazem ao cristianismo, e por isso resolve debater tais acusações mostrando através das Escrituras, que o Deus dos cristãos, ensina um modo de conduta totalmente contrário ao que eles pensam e ao que eles e seus deuses praticam, com argumentos:

Considera, portanto, se aqueles que recebem tais ensinamentos podem viver indiferentemente ou manchar-se com uniões ilegítimas, ou então, o que supera toda impiedade, alimentar-se de carnes humanas. Na verdade, somos proibidos até de assistir aos espetáculos de gladiadores, a fim de não participarmos e não nos tornarmos cúmplices daquelas mortes. Também não devemos ver os outros espetáculos, para que nossos olhos e ouvidos não fiquem impuros ao participar do que ali se canta. De fato, se se

fala de antropofagia, ali são devorados os filhos de Tietis e Tereu; se se fala de adultério, ali se representam tragédias em que não só os homens as cometem, mas também os próprios deuses. Coisas que são contadas em versos melodiosos e não sem honras e prêmios (TEÓFILO, A Autólico, Cap.15).

Eusébio de Cesaréia argumenta que o motivo pelo qual a população, até de pagãos, se voltara contra os cristãos acusando-os falsamente por pressão do governo e ameaças, cindiu uma hostilidade ferrenha pelo movimento cristão:

Estes, pelas insídias de Satanás, temendo os tormentos que viam padecer os santos e forçados a isto pelos soldados, acusaram-nos falsamente de ceias canibais, de promiscuidades edípicas e de tantas outras coisas que para nós não é lícito nem dizer nem pensar, nem mesmo crer que tais coisas tenham ocorrido entre homens. Quando este rumor se espalhou, todos se revoltaram como feras contra nós, tanto que, se a princípio alguns se comportaram com moderação por amizade, começaram então a mostrar-se muito hostis e raivosos contra nós. Estava se cumprindo o que dissera nosso Senhor: Virá um tempo em que todo aquele que vos matar pensará estar prestando culto a Deus (2005, Livro V, I, 14, p.153).

Contra o “ateísmo” dos cristãos

Na sua primeira apologia, Justino Mártir provou que os cristãos não eram ateus nem idólatras (4-13) “Eram ateus só no sentido de que consideravam os deuses pagãos demônios indignos de não serem cultuados” (ALMEIDA, 2012, p.89).

Atenágoras de Atenas, também foi um apologista que defendeu, principalmente, o cristianismo contra a acusação de ateísmo. Em sua obra *Petição a favor dos cristãos* destinada ao imperador Marco Aurélio ele alega o erro de tal acusação e revela o Deus que ele acredita:

Não é irracional chamar-nos de ateus? Com efeito, se pensássemos como Diágoras, tendo tantos argumentos para a crença em Deus – a ordem, a harmonia universal, a grandeza, a cor, a figura, a disposição do mundo -, então sim teríamos com razão a fama de ímpios e haveria motivo para sermos perseguidos. Mas a nossa doutrina admite um só Deus, criador de todo este mundo, e ele não foi criado – pois não se cria o que existe, mas o que não foi criado -, e sim ele é criador de todas as coisas por meio do Verbo que dele procede. Portanto, sofremos ambas as coisas sem motivo, a má fama e a perseguição (ATENÁGORAS, *Petição Em Favor dos Cristãos*, Cap.4).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com um breve compilado de apologistas foi possível assinalar diversos conflitos que o cristianismo enfrentou e que foi fortemente debatido com uma clara oposição por partes destes homens. Embora haja seis divisões de conflitos é possível ver que cada sub-item gera certa complexidade, tornando o conflito algo extenso e de multífaces. Portanto, é certo concluir que os apologistas tem papel importante na história do cristianismo, por defenderem a fé cristã em seus diversos, complexos e extensos conflitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Joãozinho Thomaz de. *Guia de patrística: as marcas de Cristo na história dos primeiros séculos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

ATENÁGORAS. *Petição em favor dos cristãos* in Padres Apologistas. São Paulo: Paulus, 1995.

CAIRNS, Earle Edwin. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

EUSÉBIO. *Histórias Eclesiásticas* in Histórias Eclesiásticas. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

GONZÁLEZ, Justo L. *História ilustrada do cristianismo: a era dos mártires a era dos sonhos frustrados*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

¹ Rafael da Silva França é bacharel em teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP), mestrando em teologia na Pontifícia Universidade Católica (PUC) e foi vencedor da VII Jornada Científica realizada pela FTBSP com a pesquisa *Teologia de Favela*. Além da formação teológica, é graduado em Petróleo e gás pela Universidade Paulista (UNIP).

A ESTRUTURAÇÃO DO ATEÍSMO NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI – PARTE 2

Renato Leon Bourdon¹

RESUMO

Este trabalho procura mostrar de que forma e com quais argumentos autores ateus na última década do final do século XX e na primeira do século XXI estão organizando o combate às religiões do mundo, não limitados apenas aos ataques à religião cristã, mas a todas as religiões. Organizações eufemisticamente chamadas humanistas, ou mais claramente ateias, estão se formando ao redor do mundo e o pensamento ateu está sendo, de muitas formas, formalizado, estruturado e divulgado com especial ênfase no uso das ferramentas de comunicação modernas como as mídias sociais, vídeos divulgados pela internet, mas também por meios mais convencionais como livros, palestras e debates públicos. Não pretendemos aqui dar uma resposta a estes ataques, mas alertar às igrejas do perigo que lhes bate à porta.

Palavras chave: Ateísmo, Apologética, Ataques à religião.

ABSTRACT

This work shows how, and using what arguments, atheist authors in the last decade of XX century and first decade of XXI century are organizing their fight against all religions, not limited to Christian religion only, but including all other religions in the world. Organizations self-declared humanists, or to be more clear, atheists, are being structured all over the world and the atheist thinking is being, in many ways, formalized, structured and shared through modern tools, social media, video sharing websites but also through more conventional media, such as books, congresses, lectures and public debates. We don't have the intention here to answer all these attacks, but to alert the churches about the danger knocking on their doors.

Keywords: Atheism, Apologetics, Attacks against religions.

PRINCIPAIS ARGUMENTOS

Continuando nosso artigo anterior sobre ateísmo, neste vamos examinar quais são os principais argumentos utilizados por autores contemporâneos contra as religiões.

É fácil encontrar na literatura dos autores atuais textos que direta ou indiretamente fazem referência aos princípios de Russell. Dawkins, 2008) é um dos que mais faz referências ou pelo menos utiliza seus mesmos princípios e ideias, como no capítulo que trata da formação da vida (Dawkins, *The God Delusion*), quando usa o argumento da primeira causa, ainda que não cite a Russell (1961) diretamente. O argumento da lei natural e o do design também são vistos em toda obra de Dawkins. Sendo ele um biólogo, é quase um apologista de Darwin e sua Teoria da Evolução das Espécies, pois utiliza esta teoria como premissa em praticamente todos os seus argumentos.

O argumento moral, que trata da questão do bem e do mal, também é mencionado e ampliado nas obras de quase todos os autores analisados, que alegam a inutilidade, e mesmo os malefícios, de haver uma entidade superior ditando valores morais para a humanidade. Dawkins alega que não apenas o deus cristão no antigo testamento não é bom, mas extremamente mau e sádico, entre outras características pouco elogiosas.

Os quatro cavaleiros colocam Cristo ora como uma pessoa boa, sendo ele um bom professor de valores morais e com algum valor para a humanidade (Hitchens, 2007), ora como um humano desprezível que com seus ensinamentos foi fonte de muito sofrimento (Harris (2008), Russell (1961) e Dawkins, 2008).

Todos usam o argumento do retardo do progresso. Dawkins (2008) e Harris (1961) são bastante enfáticos citando muitos exemplos de como a igreja católica e a religião em si retardaram o progresso científico punindo ideias novas ou contrárias ao ensino das igrejas. Harris gasta um capítulo todo apenas criticando a forma como o Islamismo é prejudicial não apenas à ciência, mas ao progresso da humanidade. Russell (1961) foca nos aspectos morais, citando exemplos práticos condizentes com sua época e local. Outros autores recentes usam exemplos mais amplos ao longo da história.

O fator emocional e uso do medo como ferramentas para que uma pessoa seja religiosa também são mencionados por todos os autores, invariavelmente com críticas severas. Todos eles mencionam a inquisição como exemplo de controle religioso sobre a sociedade e especialmente Harris

(1961) e Dawkins (2008) trazem exemplos atuais, como as guerras no oriente médio, Balcãs e Irlanda como consequências do medo do diferente, reforçado pelas religiões. Alegam que o medo da morte ou a incapacidade de lidar com questões sobre as quais não temos controle também servem de forte influência para que a pessoa se torne religiosa.

Além das referências aos textos e ideias de Russell (2008), é muito frequente entre os quatro cavaleiros, referências e citações cruzadas entre eles, como a menção que o Harris (1961) faz à teoria dos memes de Dawkins (2008), ou a citação direta que este autor faz a uma frase de Dennet e uma passagem inteira do Hitchens (2007).

Por fim, o que vemos na prática, especialmente nos últimos vinte anos, é que a conclamação feita por Russell (2008) para que os ateus e agnósticos se unissem e levantassem a bandeira do pensamento livre das ideias religiosas e supersticiosas, da liberdade de expressão e, da libertação mundial dos males das religiões, tem dado bastante resultado e sua mensagem tem sido difundida aos quatro ventos.

Nos Estados Unidos religiosos e ateus são mais radicais, promovendo manifestações, campanhas, debates e, não raramente, o confronto direto. No Brasil os ânimos ainda estão mais calmos, mas isso não impede os ateus de atacarem frontalmente cristãos apenas por sua fé, que segundo eles, é ridícula e prejudicial e só é praticada por “gente estúpida”, como já ouvi mais de uma vez ². Precisamos organizar as igrejas munindo-as com conteúdo textual ou divulgando vídeos que mostrem como contra-atacar à investida ateia. Precisamos gastar algum tempo olhando pra fora das paredes e pensando meios de combater no campo das ideias os absurdos “pregados” pelos evangelistas da “boa nova” de que deus não existe.

Bertrand Russell (2008) é, em muitos aspectos, um dos “fundadores” do ateísmo moderno. Muitos falaram contra deus e as religiões, em especial a cristã, mas Russel não apenas critica, mas conclama outros ateus e agnósticos a agir contra a religião e suas ideias. Suas propostas são usadas até hoje como referência e citadas em outros textos e livros modernos. Estes são os argumentos que ele cita em seu artigo “Porque não sou cristão” (RUSSELL, 2008, p. 566).

- **O Argumento da Primeira Causa:** Se tudo tem um causa, porque Deus não teria uma? Se Deus não tem um causador, porque outras coisas teriam?

- **Argumento da Lei Natural:** Se Deus criou as leis da natureza sem nenhum propósito, então é possível encontrar coisas na natureza que também não têm um propósito. Caso as leis tenham uma razão, então o próprio Deus estaria sujeito às leis da natureza já que alguma delas deve ser anterior a Ele. Assim Deus perde o sentido já que não seria o supremo criador das leis.

- **Argumento do Design:** o argumento do Design diz que todas as coisas foram feitas como são para acomodar a vida humana, mas na verdade ocorre o oposto: todos os organismos é que se acomodam ao ambiente em que vivem.

- **Argumento Moral:** Se o bem e o mal são feitura de Deus, então para Ele não há diferença e não podemos dizer que Deus é bom. Se não foram feitura de Deus, então são anteriores a Deus, portanto Deus não é o ser supremo.

- **O caráter de Cristo:** Cristo é o melhor e mais sábio dos homens? Cristãos não pensam assim. Não seguem ensinamentos básicos, como virar outra face, não julgar e dar aos pobres.

- **Problemas no ensino de Cristo:** Cristo acreditava que sua segunda volta era iminente e que aconteceria antes mesmo que seus discípulos morressem. Nesse aspecto ele não era mais inteligente que outros homens e certamente não era o mais sábio

- **O Problema Moral:** Cristo insistia no ensino do fogo eterno e parecia ter prazer nisso, condenando pessoas que não acreditavam em seu ensino ao fogo eterno. A doutrina do fogo do inferno é cruel.

- **O Fator Emocional:** Pessoas não aceitam a religião por motivos racionais, mas por emoção. Quanto mais intensa foi a religião em algum período, maior foi a crueldade. Durante a chamada idade da fé, houve a inquisição, onde milhares de pessoas sofreram e morreram em nome da religião.

- **Igrejas retardaram o progresso:** há muitos exemplos de situações onde a insistência da moral da igreja causa sofrimento desnecessário às pessoas. A mulher que casa com um homem sífilítico e não pode se separar é um.

- **A religião é baseada em medo:** O medo é a base da religião. Medo do mistério, da derrota, da morte. Medo é parente da crueldade, por isso a religião é tão cruel. A ciência pode nos ajudar a criar um mundo onde não precisamos inventar aliados no céu e nos livrar do medo que a humanidade vive a tantas gerações.

- **O que devemos fazer?** “Devemos nos levantar e ver o mundo como ele é, com sua beleza e seus defeitos, vê-lo como é, sem medo. A ideia de Deus vem de uma concepção oriental de despotismo e não é condizente com homens livres. Devemos fazer o mundo tão bom quanto possível e, mesmo se não ficar tão bom, será melhor que “os outros” fizeram nos últimos séculos.”³

Em diversos livros sobre o tema religião, os autores neo-ateus frequentemente recorrem à mesma linha de raciocínio e os argumentos são, muitas vezes, repetidos. Estes são os mais comuns:

1. Deuses são criação humana: Deuses, no plural, não existem e são criação de mentes humanas, geralmente problemáticas. Deuses foram criados para resolver problemas que os humanos não são capazes, como providenciar chuva e alimento, evitar desastres naturais, proteger familiares, ajudar a vencer batalhas impossíveis, etc. Para Dawkins (2008), em sua teoria dos memes, deuses são apenas uma ideia que deu certo e foi levada de geração em geração, se modificando, adaptando à cultura local e ao ambiente. Os deuses são uma representação da cultura, e não o contrário. Ele cita como exemplo o próprio deus cristão, que era violento e restritivo enquanto era exclusivo do povo judeu e foi se adaptando quando trazido para Roma para se tornar um deus bondoso e amoroso na cultura ocidental.

2. Ciência x Religião: Há uma ênfase na ideia de que a ciência é completa e totalmente oposta à religião e que as duas matérias não podem coexistir em hipótese alguma. Desprezam completamente o estudo teológico, textos históricos e até mesmo que artefatos arqueológicos tenham algum valor religioso, julgando tudo como fruto de mito e da imaginação. Mencionam frequentemente as diversas limitações que a religião já colocou para impedir ou reduzir os avanços da ciência, como o julgamento de Galileu e outros. A religião não é nem mesmo um tema que mereça ser estudado. Dawkins (2008) dá um passo além questionando como é possível que alguém seja mestre ou doutor em teologia já que essa não é nem mesmo uma matéria possível de estudo.

3. Qualquer pessoa que siga uma religião é intelectualmente fraca:

Apenas pessoas fracas ou preguiçosas seguem uma religião, seja ela qual for. Os mais inteligentes ou com mais capacidade de julgamento obviamente chegarão à conclusão que as religiões são perniciosas e inúteis causadoras de sofrimentos desnecessários. Russel afirma que aquelas pessoas que ficam nas igrejas repetindo “*sou um pecador miserável*” não são humanos merecedores de respeito (RUSSELL, (1961) p. 578). Os neo-ateus também querem ser chamados por “livre-pensadores” (*freethinkers*), ainda que este termo esteja em disputa mesmo entre eles.

4. Religiões são as fontes de todas as guerras e muito sofrimento:

Segundo os autores mais radicais, todas as guerras já lutadas foram causadas em grande parte por motivos religiosos, incluindo aí as guerras modernas. Naturalmente todos os autores citam de alguma forma as cruzadas e a inquisição, mas Dawkins vai mais longe e cita as disputas recentes entre católicos e protestantes no Reino Unido, e até mesmo a primeira e segunda guerras mundiais como causadas por motivos fortemente religiosos. Ateus frequentemente mencionam também a “guerra ao terror”, incluindo aí o ataque às torres gêmeas, bombas na Espanha e na Inglaterra, e as guerras do Iraque e Afeganistão como causadas exclusivamente por motivos religiosos, mencionando a religião como a causa de todos os males da humanidade e reforçando a ideia de que religiões devem ser extirpadas da humanidade. Vários autores também mencionam sofrimento psicológico motivado pelas obrigações e proibições impostas pelas religiões, como a falta de “liberdade sexual”, obrigações de datas e horários entre outros. Alegam que as obrigações e imposições das religiões geram stress desnecessário na vida humana, tanto para o religioso como para quem convive com ele. Apenas Dawkins admite ainda que casualmente que em algumas situações o pensamento religioso pode reduzir o stress, mas mesmo isso não é um efeito comprovado e pode ser comparado de alguma forma ao efeito placebo.

5. Todos são ateus para os deuses dos outros: Este é um dos argumentos mais repetidos não apenas nos livros, mas nas mídias sociais. A ideia é que se você não acredita em Thor, você é ateu para os nórdicos, o mesmo se você não acredita em Shiva, é ateu para os hindus, e assim sucessivamente. Outro argumento nessa mesma linha é a inversão lógica da ideia de que há um só deus. Como a maior parte das religiões cultua algum deus e diz que o(s) dela é(são) o(s) único(s) verdadeiro(s), e não é logicamente possível que esta proposição seja verdadeira em mais de um caso, então todas as religiões que afirmam que seu deus é o único deus verdadeiro são mentirosas ou falsas, portanto nenhuma está correta e não há nenhum deus.

6. Deus não cura amputados: A afirmação deriva da ideia de que não há prova científica conclusiva de que há algum deus, já que nunca foi provado cientificamente que um deus curou direta ou indiretamente um amputado e que os ditos milagres são invariavelmente fruto do acaso, coincidências, do efeito de remédios ou pura e simplesmente charlatanismo.

Cabe às igrejas conhecer este “novo” desafio, e digo entre aspas, pois em nossa missão de evangelizar o mundo nosso objetivo sempre foi o de levar Deus aos que não O conhecem, mas nunca antes tivemos ataques tão frontais, enfáticos e estruturados como nos últimos 20 anos.

Conforme sugerido por Dawkins (2008, p.44), os ateus estão se organizando formalmente. O discurso entre eles tem sido afinado e depurado e sua mensagem tem sido levada ao mundo pelas mídias modernas, ultrarrápidas. Uma ideia nova se espalha como fogo em palha seca pela Internet e em segundos alcança todo o planeta, muitas vezes já traduzido em dezenas de idiomas. Muita gente não sabe, mas a própria ideia dos “Memes”, aquelas figurinhas com frases curtas amplamente divulgadas na Internet deriva diretamente da teoria dos Memes de Dawkins. Um fragmento de pensamento é compartilhado e difundido de forma a se tornar parte integrante do pensamento humano.

Enquanto nós discutimos se o véu de Moisés é uma alegoria ou um tipo, eles estão incentivando ações voluntárias diretas contra as religiões, em especial o cristianismo. Os autores ateus estão provendo munição fácil e frases de efeito para a população em geral utilizar em conversas ou nos meios sociais sem precisar pensar muito e nós não estamos preparando nossas igrejas para enfrentar essa nova fase da humanidade, em que a religião passa a ser tratada como mito ou motivo de piada, por gente que não gastou muito tempo pensando a respeito e com um alcance e velocidade que até dez ou vinte anos atrás parecia impossível.

BIBLIOGRAFIA

ARMSTRONG, Karen. *A History of God*: London: Vintage, 1999.

DAWKINS, Richard, *The God Delusion*, Houghton Mifflin Harcourt, 2008

FEUERBACH, Ludwig. *Essência do cristianismo*. 2ª ed. Campinas: Papiro, 1997.

HARRIS, Sam, *Letter to a Christian Nation*, Random House, Inc., 2008

HARRIS, Sam. *An Atheist Manifesto*. Truthdig. Artigo postado em 07/12/2005. http://www.truthdig.com/dig/print/200512_an_atheist_manifesto. Página visitada em 17/Setembro/2014

HARRIS, Sam, *The end of faith: religion, terror, and the future of reason*, W. W. Norton & Company, 2005

HITCHENS, Christopher, *God Is Not Great: How Religion Poisons Everything*, Allen & Unwin, New Zealand, 2007

RUSSELL, Bertrand, *The Basic Writings of Bertrand Russell: Why I am not a Christian*, Routledge, Londres e Nova Yorque, 1961

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Formado em 2014.

² A pessoa que me disse isso não sabe que essa ideia deriva dos escritos de Russell, no começo do século XX. Ele viu um meme sobre isso na internet.

³ Tradução do autor

SUICÍDIO E O MINISTÉRIO PASTORAL

Adrielly Machado Araujo Santos¹

RESUMO

Esse trabalho tratará sobre o ministério pastoral ou liderança em um aspecto frágil, em que muitos pastores têm sofrido de tamanho stress que os tem levado a quadros depressivos e até ao suicídio. Tentaremos identificar suas causas e encontrar um método preventivo para evitar chegar a esse estágio. E principalmente, tentar mostrar, através das escrituras sagradas, que o ministério pastoral, tem suas responsabilidades com momentos bons e ruins não sendo uma exclusividade e uma regra apenas os momentos difíceis, mas ajudar os pastores a enxergar que situações adversas são mais comuns do que se imagina. Entregar-se ao suicídio certamente não é a melhor escolha. Temos a alternativa de entender com Jesus a deixar esse fardo mais e leve e assim poder viver graciosamente esse chamado tão especial.

Palavras chave: *Stress, Suicídio, Depressão, Descanso, Igreja.*

ABSTRACT

This work will deal with pastoral ministry or leadership in a fragile aspect, in which many pastors have suffered from so much stress that has led them to depressive conditions and even suicide. We will try to identify its causes and find a preventive method to avoid reaching this stage. And above all, try to show through the holy scriptures that the pastoral ministry has its responsibilities with good and bad moments, not being an exclusivity only the difficult moments, but to help pastors to see that adverse situations are more common that can imagine. Surrendering to suicide is certainly not the best choice. We have the alternative of understanding with Jesus to leave this burden more light and thus able to gracefully live this special call.

Keywords: *Stress, Suicide, Depression, Rest, Church.*

INTRODUÇÃO

Vivemos dias difíceis em que cada vez mais pessoas estão se sentindo sobrecarregas, cobradas e cansadas. Muitos têm vivido dias de fraqueza e desânimo ímpar. Pastores e líderes enfraquecidos em sua fé diante de um cenário não favorável, muitas vezes desistindo de viver o seu chamado e até desistindo de suas próprias vidas, se achando incapazes chegando a questionar se de fato são chamados por Deus para um ministério, por não conseguirem administrar o stress que têm sido submetidos.

Infelizmente, já não tem sido novidade lermos notícias de pastores se suicidando, apostatando de sua fé, caindo em adultério e deixando de viver o propósito pelo qual foram chamados devido a uma carga de *stress* já insuportável para muitos. Diversos são os fatos que contribuem para tal surto: cobrança excessiva dentro das igrejas, dupla jornada de trabalho, uma carga tal de cobrança sobre o líder e toda a sua família, questões financeiras, falta de cooperação e comprometimento dos liderados, grande cobrança para lidar com homossexualismo nas igrejas, pressões psicológicas e sociais e muitos outros fatores ainda podem ser citados.

Ainda nos dias de hoje vemos comunidades cristãs que encaram a depressão, por exemplo, como sendo impossível para um cristão, e não enxergam a depressão como de fato uma patologia.

Quando olhamos para as escrituras sagradas, encontramos um modelo perfeito que se humaniza em Jesus, um modelo que se fez homem e passou pelas mesmas dificuldades que qualquer homem esta sujeito, e por isso se tornou o maior exemplo de conduta, ética, sabedoria e mansidão. E será que Jesus também passou por esses momentos em seu ministério? Muitas vezes criamos uma imagem de Jesus como sendo uma pequena ovelha indefesa e ingênua no seu dia a dia, mas ao analisarmos as sagradas escrituras, notamos que Jesus também ficou nervoso no seu ministério, sentiu o peso da traição, desânimo, cansaço, solidão, nervosismo e também foi submetido ao *stress*. Porém Ele nunca perdeu o foco do seu propósito. Através desse projeto quero tentar entender e expor como Jesus lidava com essas situações que nos parecem tão cotidianas, bem como procurar auxiliar líderes, a apesar das adversidades, administrarem essas crises, superá-las e seguir em frente.

Entendendo a realidade - Cenário

O Suicídio de pastores e líderes tem crescido de maneira preocupante. Nas sagradas escrituras existem alguns registros de líderes e pessoas comuns que se suicidaram, Sansão (Juízes 16: 29-31), Saul e o escudeiro (1 Samuel 31:3-6), Aitofel (2 Samuel 17:23), Zinri (1 Reis 16:18), Judas (Mateus 27:5); exceto o caso de Sansão, que é bem particular, todos os outros casos tem uma imagem bem negativa nas escrituras sagradas.

Vemos registros de pessoas tementes a Deus que experimentaram sofrimentos que hoje chamamos de depressão, como por exemplo, o profeta Elias que demonstrou um grande desânimo quando fugiu de Jezabel para o monte Horebe (1 Rs 19. 1-15). Também temos um exemplo em Noemi, que viveu um luto muito forte e sentiu uma profunda tristeza (Tt 1. 20-21).

Infelizmente, nos últimos anos, vários pastores americanos tiraram suas vidas e esse fato tem se tornado frequente inclusive no Brasil tornando-se uma preocupação frequente entre os líderes, como vemos no site da OPBB¹ (Ordem dos Pastores Batistas Brasileiros), SEPAL² (Servindo aos Pastores e Líderes) além de outras entidades.

O que está acontecendo com aqueles que foram chamados para cuidar, mas não conseguem administrar suas próprias crises? O que leva pessoas que já ajudaram a tantos, a desistirem da própria vida?

O Fato de ultimamente haver um aumento dos casos de Depressão, para muitos estudos, não é coincidência: isso está relacionado ao mal-estar da sociedade atual, especialmente à desconsideração dos ritmos necessários a uma vida com qualidade. (...). Por isso é preciso compreender as causas da depressão nas várias dimensões da vida humana, incluindo aspectos biológicos, psicológicos, espirituais, filosóficos e também sociais econômicos. (MIRANDA, J. (org.) e KEPLER, K; (ed.). Bíblia de Estudo Conselheira. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015, p.1253)

De acordo com o Instituto Schaeffer, uma pesquisa realizada com a igreja cristã americana, concluiu que 70% dos pastores lutam constantemente contra a depressão, 71% se dizem esgotados, 80% acreditam que o ministério pastoral *afetou* negativamente suas famílias e 70% dizem não ter um amigo próximo³.

A associação brasileira de psiquiatria (ABP), confirma que a depressão juntamente com a síndrome do pânico serão o mal do século 21. Embora não haja um numero exato, estima-se que 30% da população mundial sofram da doença depressiva. Segundo esta instituição, nos próximos 20 anos os casos de depressão irão superar as doenças cardíacas e câncer e também será a doença que mais gerará gastos econômicos e sociais para os governos⁴.

A Universidade do Rio Grande do Sul UNISINOS⁵, realizou uma pesquisa demonstrando que o pastor, líder carismático, o ser intitulado como “homem de Deus” na comunidade, sempre deve estar pronto e disponível para as atividades pastorais. Essa disponibilidade constante associada à falta de um horário fixo para as atividades pastorais é apontada como uma das causas predisponentes a doenças. Essas atividades levam o pastor/líder a uma variância de emoções que expõe o ser humano a um desequilíbrio perigoso, por exemplo: o pastor realiza um velório pela manhã, reunião com a diretoria no período da tarde, e para fechar a noite realiza uma cerimônia matrimonial; ou seja, a vivência, num mesmo dia, da dor e do luto, o exercício da preocupação e planejamento, a celebração de momento de alegria em menos de 24 horas; e todas essas emoções associadas diretamente ao chamado religioso, ao sagrado.

Causas

A causa divulgada para o suicídio de pastores e líderes é a depressão associada a desgaste físico e emocional, baixos salários, disputas desonestas pela liderança, e isolamento por falta de amigos.

Muitos pastores têm poucos amigos ou em alguns casos nenhum. Esse fato é fácil identificar, por exemplo, em um simples encontro ou reunião de pastores em que muitas histórias, conquistas, crescimento e destaques se dão na primeira pessoa, muitas vezes com um clima de concorrência e competição em uma autoafirmação do seu êxito ministerial. Porém, quando a conversa é íntima, o sofrimento é mostrado. Muitos estão desanimados, cansados, chateados com a igreja e com a liderança. Vários com dificuldades no relacionamento com a família e a vida financeira em desequilíbrio.

Uma das causas possivelmente esteja no fato de que pastores contemporâneos são cobrados a todo o momento como se fossem executivos, que precisam oferecer resultados numéricos às suas empresas, com metas tangíveis a serem cumpridas. Caso contrário, estarão fadados a perder seu emprego, salário, membros, moradia e sustento da família. É uma pressão enorme

sobre os ombros de um ser humano.

Compreendendo o que é depressão

A Organização mundial da saúde (OMS) define depressão como um transtorno mental comum, caracterizado por tristeza, perda de interesse, ausência de prazer, oscilações entre sentimentos de culpa e baixa autoestima, além de distúrbios do sono ou do apetite⁶.

Segundo a Bíblia Conselheira, (MIRANDA e KEPLER, 2015, p.1252), “Depressão é um quadro clínico complexo, em que se destaca principalmente uma queda acentuada de humor e perda de energia nas tarefas habituais.” A depressão é um quadro multifatorial, que é demonstrada em muitos sintomas diferentes, que se caracteriza por irritação ou tristeza e até a perda de vontade de viver. Muitas vezes, até as atividades mais prazerosas perdem o seu brilho, dificuldade de dormir (ou sono exagerado), sensação de agitação ou vagarosidade, sentimento de culpa, falta de energia, dificuldade para tomar decisões e pensamentos repetitivos sobre a morte. Os autores concluem dizendo que “Na depressão este conjunto de sofrimentos- ou parte dele- esta presente na maior parte do dia, em quase todos os dias.” (MIRANDA e KEPLER, 2015, p.1253)⁷.

O psiquiatra Pêrsio Ribeiro realizou um *estudo da depressão em pastores protestantes*⁸ onde define que a depressão é compreendida atualmente pelas ciências médicas como uma desordem do funcionamento cerebral que afeta e compromete o funcionamento normal do organismo, com reflexos ou consequências na vida pessoal em seus aspectos emocionais ou psicológicos, familiares e sociais.

A depressão é uma doença e deve ser examinada dos pontos de vista biológico, genético, cognitivo, social, considerando ainda as histórias pessoal, econômica e espiritual do indivíduo. A depressão pode ser identificada como sintoma, manifestando-se nos mais diversos quadros clínicos, como na demência, no alcoolismo, no estresse, e pode ser secundária diante de outras doenças clínicas, por exemplo, na hipertensão, no hipotireoidismo, no diabetes, no reumatismo, no câncer, nos quadros dolorosos crônicos e em várias outras doenças. Pode ainda ser compreendida como síndrome, incluindo as alterações de humor (tristeza, irritabilidade, falta de capacidade em sentir prazer, apatia) e alterações cognitivas, psicomotoras e vegetativas, como as alterações de sono e apetite; por fim, compreendida como doença.

Consequências da Depressão

A depressão trás muitas consequências, que tendem a ser desastrosas, para o indivíduo acometido da patologia e para os que o cercam.

FAMÍLIA Desagregação, incapacitação para as relações familiares e para o cuidado com os demais membros.

TRABALHO Diminuição da capacidade produtiva e aumento de faltas.

SAÚDE Aumento da procura por atendimento e dos gastos com medicamento e hospitalização.

Adaptado: MIRANDA, J. (org.) e KEPLER, K. ; (ed.). Bíblia de Estudo Conselheira. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015, p. 1254

Suicídio

De acordo com a OMS, o suicídio é considerado um problema de saúde pública em países de alta renda e um problema emergente em países de baixa e média renda sendo uma das principais causas de morte no mundo, com maior frequência entre os jovens. Mais de 800 mil pessoas se suicidam no mundo a cada ano, o que equivale a uma morte a cada 40 segundos. “Para cada suicídio, há muito mais pessoas que tentam a cada ano. A tentativa prévia é o fator de risco mais importante para o suicídio na população em geral”, disse a organização⁹.

Segundo Solomon (2014, p.237), pessoas que estão deprimidas são 5% mais predispostas a cometer suicídio do que pessoas que não estão deprimidas, com a estatística de que pacientes deprimidos tem uma taxa de suicídio 25 vezes maior que a norma social.

Para o autor Andrew Solomon:

Há diferenças sutis, mas importantes entre querer estar morto, querer morrer e querer se matar. A maioria das pessoas tem, de tempos em tempos, o desejo de estar morto, anulado, além da dor. Na depressão, muitos querem morrer, fazer uma passagem concreta do estado em que se encontram para se libertar das aflições da consciência. Querer se matar, contudo, requer um nível extra de paixão e uma certa violência direcionada. O suicídio, não é o

resultado da passividade; é o resultado de uma ação. Requer uma grande quantidade de energia e uma vontade forte, além de uma crença na permanência do momento atual e pelo menos um toque de impulsividade (SOLOMON, ANDREW. 2014, p.233).

A internet está repleta de sites que orientam e incentivam ao suicídio, ensinando técnicas de como fazê-lo e justificativas para tal ato. É curioso notar que em grande parte desses sites existe uma isenção e transferência da culpa para familiares ou pessoas mais próximas. Por isso ao menor sinal, familiares devem estar atentos, pois as consequências serão percebidas quando o ato for concretizado, e aí, já não haverá mais o que fazer.

Tirar a vida de qualquer pessoa, incluindo a própria vida, de forma intencional, **é pecado** e é um ato de rebeldia contra o Autor da Vida, Deus. Suicídio não é vontade de Deus para a sua criação. Mas infelizmente, acontece de algum cristão se suicidar, e quando isso acontece muitas perguntas e anseios ficam no ar, sem resposta, da parte daqueles que ficam e que sofrem pela perda.

Uma das principais perguntas que sempre surge é se o cristão que se suicidou era salvo ou não. Apenas Deus, que é onisciente, sabe com certeza absoluta quem é verdadeiramente salvo ou não. A Bíblia, contrariamente ao que se crê, não condena explicitamente os suicidas ao Inferno, por isso não cabe ao homem julgar ou querer definir o futuro eterno de alguém.

A Bíblia diz que se alguém é verdadeiramente salvo, o amor de Deus por ele/ela está garantido em qualquer circunstância. O Apóstolo Paulo disse que nada, incluindo nós mesmos, nos poderá separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus (Romanos 8.38-39). Podemos então concluir que para alguém que realmente era salvo, mas que em um momento de desespero tomou sua própria vida, nem mesmo esse seu último pecado vai separá-lo do amor de Deus.

Muitos debates teológicos acontecem sobre o suicídio, mas o mais importante e fundamental é lembrar que Deus nos ama e que enquanto há vida sempre haverá esperança de recomeço através do sangue de Jesus, mesmo apesar de todo o desespero que possamos sentir.

Como já foi dito, a depressão é uma doença e como tal precisa ser tratada com o auxílio de um médico psiquiatra e/ou psicólogo podendo ser medicada devidamente.

Esse trabalho tem o objetivo de identificar as causas que tem levados pastores e líderes ao suicídio e encontrar um método preventivo para evitar chegar a esse estágio. E principalmente, mostrar, através das escrituras sagradas, que o ministério pastoral tem suas responsabilidades com momentos bons e ruins não sendo uma exclusividade e uma regra apenas os momentos difíceis, mas auxiliar os pastores e líderes a enxergar que situações adversas são mais comuns do que se imagina. Largar o ministério nem sempre é a única saída. Temos a alternativa de tentar entender com Jesus a deixar esse fardo mais leve e assim poder viver graciosamente esse chamado tão especial.

Jesus, o modelo perfeito

Sem dúvidas, Jesus é o nosso melhor e maior modelo em perfeição. E assim como homem, também exerceu seu ministério aqui nessa terra passando por dificuldades e sendo exposto ao stress que o causa.

Nas sagradas escrituras encontramos o próprio Cristo entregando sua vida para a morte, e de maneira consciente se entregando a morte, como consta em João 10.17-18 *“Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai.”*

Tal atitude de Jesus não o torna um suicida, mas sim um mártir, pois Ele tinha uma missão em sua morte, entregou-se por coragem a fim de cumprir o plano da salvação para a humanidade. Sem ter culpa ou sequer obrigação para tal ato, em obediência a Deus, teve a coragem de cumprir o seu chamado até o fim, mesmo que lhe custasse à própria vida. Já um suicida, procura a morte a fim de fugir de uma missão, de isentar-se de responsabilidades que lhe causam medo, stress, insegurança e uma série de frustrações, sejam ministeriais, sociais ou familiares.

Existem nas sagradas escrituras homens que foram levados à morte de maneira cruel por terem permanecido firmes no chamado do Senhor Jesus. Além dos 12 discípulos, dos quais muitos foram mortos por causa do evangelho podemos citar o apóstolo Paulo que morreu decapitado em Roma¹⁰ e outros nomes mencionados na bíblia.

Por mais difícil que seja viver o ministério de Cristo, vale a pena permanecer firme, pois podemos contar com Ele em qualquer circunstância e ainda com a promessa de *“Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse*

será salvo.” Mateus 24.13.

Stress no Ministério

Vamos analisar algumas passagens em que Jesus, o Mestre, teve reações que demonstram a realidade em que muitos ministros vivem em seus ministérios:

Irritabilidade: Jesus no Pátio do templo com os mercadores: *“Tendo Jesus entrado no templo, expulsou todos os que ali vendiam e compravam; também derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas.” Mateus 21.12 ARA*

Para muitas pessoas imaginar Jesus irritado, é uma imagem que choca. “A atitude enérgica de Jesus contrasta com a imagem de um meigo e inofensivo pregador, alienado da realidade que o cercava.” (Bíblia de estudo Conselheira- Novo testamento. Barueri, SP; Sociedade Bíblica do Brasil, 2011, p. 52).

Não temos como afirmar categoricamente se Jesus agiu sem pensar direito ou não, se Ele naquele momento cogitou o que pensariam sobre a sua atitude, mas sabemos que naquele momento Ele demonstrou que homens então sujeitos a irritação, quando enxergam algo que não está como gostariam. Essa atitude de Jesus, certamente estava ligada a um acúmulo em irritações que o mestre já vinha vivenciando com perseguições políticas e na sociedade, com questionamentos e até porque não, em saber o que estava por vir a cumprir no calvário.

Solidão e tristeza: Jesus no Getsêmani, e os discípulos dormindo: *“Então, lhes disse: A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo.” Mateus 26.38 ARA*

Jesus seguiu até o Jardim do Getsêmani na companhia de seus três mais íntimos discípulos. Confessou a eles tamanha tristeza e angústia que estava sentindo, mas de nada adiantou. Jesus sabia o que estava por vir, o que o aguardava, qualquer mente humana entraria em profunda agonia em imaginar terrível dor que estava para suceder. Ainda assim Jesus, o Mestre, demonstra sua “fraqueza” a seus amigos, e não obtém ajuda alguma, tendo somente a Deus a quem recorrer. Quantos pastores e líderes têm sentido essa profunda solidão por não terem um amigo a recorrer, um amigo para poder chorar e declarar suas ansiedades e mazelas. Até mesmo Jesus

experimentou esse cálice amargo.

Cansaço e indignação: Jesus acalma a tempestade: *“Por que é que vocês são assim tão medrosos? - respondeu Jesus - Como é pequena a fé que vocês tem.” Mateus 8.26 NTLH.*

Vamos nos ater apenas ao momento de Jesus. Ele estava cansado, pois estava em ritmo acelerado a pregar para multidões. Provavelmente quando Jesus subiu ao barco, tendo seus pés, mente e voz já cansados, imaginou que aquele momento seria de descanso, pois Ele sabia que ao chegar a região de Gadara muito trabalho o esperava. E assim o fez, porém, seu sono foi interrompido por seus discípulos amedrontados com uma tempestade. Jesus fica indignado com a falta de fé daqueles homens, pois eles viviam lado a lado com o Mestre, eram testemunhas oculares dos milagres já realizados e do poder de Deus para operar milagres inclusive através deles. Quantos pastores e ministros têm se decepcionado com a liderança de sua igreja justamente por essa falta de fé, pela falta de credulidade e falta de apoio e entendimento da necessidade de descanso do Pastor. Muitos líderes só querem extrair o máximo de seus pastores, não respeitando ao menos seu momento de descanso.

Luto, choro e tristeza: Jesus chorou a morte de seu amigo Lazaro. *“Jesus chorou”. João 11.35.*

Esse versículo, mesmo tão pequeno, nos mostra a grande humanidade de Jesus. Mesmo para nós, cristãos, que cremos na ressurreição, a morte não é algo fácil de ser encarado, não conseguimos sentir tanta beleza em seu fato, pois a dor e a tristeza são inevitáveis. Atualmente, tudo que se espera de um pastor é a imagem de “superior” às fraquezas humanas, muitos pastores não tem coragem de chorar pois, para muitos e até para si mesmos, é um sinal de fraqueza ou de falta de fé.

A igreja é uma célula social em continuo movimento, onde seus membros compartilham uma só fé e convivem diariamente em busca do fortalecimento de ideais comuns. Nessa convivência as pessoas interagem com o seus sentimentos e a suas emoções. A alegria e a tristeza são fontes de irradiação e transmissão entre o seus membros. (...) O bom líder apresenta-se à comunidade ou igreja de forma translúcida em relação ao seus sentimentos e as suas emoções. (...) Um líder transparente em seus sentimentos ajuda a cultivar uma comunidade mutuamente espontânea e uma igreja saudável e feliz (BÍBLIA CONSELHEIRA- NOVO TESTAMENTO, 2011, p.378).

Em Jesus podemos enxergar que o ser humano é limitado sim e que carrega uma série de sentimentos, fraquezas e limitações que o tornam humano.

A exemplo de Jesus, o que fazer?

Dentro da agenda de Jesus ele separava momentos para recarregar suas energias vitais, dando tempo para a reflexão e descanso da fadiga gerada pelas pregações e confrontos. É de grande importância que o ministro saiba desfrutar também de tempos para renovação física e mental afastando assim alguns motivos que desencadeiam a depressão.

Jesus não sofria de depressão, porém tinha seus momentos, como qualquer pastor, de tristeza, solidão, incompreensão e amargura. Não é necessário tirar a própria vida para poder lidar com esses sentimentos, alternativas estão ao alcance e principalmente Jesus sempre estará pronto para confortar e direcionar, inclusive podemos aprender com o próprio mestre a administrar melhor nossa vida como ministros buscando viver como Ele viveu e lidando com as adversidades como Ele lidou.

Vida social: Jesus vai ao casamento. *“Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galiléia, achando-se ali a mãe de Jesus. Jesus também foi convidado, com os seus discípulos, para o casamento.” João 2:1-2.*

Um dos fatores externos que leva a depressão ou ao pico de estresse é o distanciamento social. Jesus demonstrou muitas vezes estar envolvido com eventos sociais saudáveis.

Jesus não era avesso à vida social. Ele compareceu à festa onde estava sua família e levou seus amigos consigo. Naquele momento festivo, participou ativamente dos acontecimentos, mostrando desembaraço e atenção às pessoas. (...). A presença de Jesus com aquelas pessoas nos diz que a nossa presença física com as pessoas é importante. (...) Jesus marcou presença (BÍBLIA DE ESTUDO CONSELHEIRA- NOVO TESTAMENTO, 2011, p.191).

Paz ao tomar decisões: Jesus vai orar. *“Naqueles dias, retirou-se para o monte, a fim de orar, e passou a noite orando a Deus.” Lucas 6.12.*

Várias são as passagens que nos mostram Jesus separando um tempo para orar. Porém, essa em especial, demonstra um momento antes de uma

tomada de decisão de Jesus faria. Após essa noite de oração, Jesus chama seus discípulos e escolheu doze deles para andar juntamente em seu ministério. É curioso notar que o próprio Jesus menciona que Ele e o Pai são um, e mesmo assim Ele separa momentos para conversar intimamente com o Pai. Jesus sabia que precisamos nos manter a todo tempo dependentes de Deus. Muitas vezes somos bombardeados de compromissos, elogios, multidões ao redor que nos afastam e nos impedem de escutar a voz do Pai. Não escutar a voz Deus sempre nos leva a tomar decisões erradas trarão consequências que futuramente vão tirar a nossa paz.

Amizade: Jesus compartilhava sobre seu ministério *“Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João e os levou, em particular, a um alto monte.” Mateus 17.1 ARA.*

Jesus tinha pessoas de sua confiança no atuar do seu ministério, e dentre eles haviam três em que havia uma maior intimidade. Muitos pastores hoje atuam na singularidade e se esquecem da importância de ter amigos ao seu lado.

Descanso: Deus descansou! *“No sétimo dia Deus acabou de fazer todas as coisas e descansou de todo o trabalho que havia feito.” Gênesis 2.2.*

Deus, o criador, descansou. Até mesmo o onipotente nos ensinou o quanto é importante separar um momento para o descanso. Hoje, em nossa cultura, somos muito preocupados com o lazer e com ter uma agenda cheia de momentos com distrações, mas pouco nos preocupamos com o descanso, com aquele momento de não termos atividades e repousarmos a nossa mente e o nosso coração.

A importância de se descansar após a tarefa cumprida é visivelmente terapêutica. Deus nos dá o exemplo na construção do mundo. É claro que Deus não precisaria de descanso, mas Ele o fez porque esta é a melhor forma de viver: alegrar-se contemplando os resultados e também, explicitando a necessidade de se repousar após o trabalho cumprido. A negligência com o descanso ocorre mais frequente mente nos grandes centros urbanos, onde a compulsão pelo trabalho tem se tornado um problema de saúde pública. (...). O descanso é tão importante para Deus que Ele separou um dia na semana para esse fim e o santificou. Por analogia, a pessoa que não descansa após a conclusão de um bloco de tarefas semanais é forte candidato a doenças físicas e psíquicas, vivendo em estresse, adoecendo a alma e o corpo. (MIRANDA, J. (org.) e KEPLER, K.; (ed.). Bíblia de Estudo Conselheira. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015, p. 1269).

PREVENÇÃO

A prevenção é um forte aliado para não chegar ao ponto do suicídio. Para percorrer o caminho da prevenção, é importante que os pastores e líderes coloquem em prática algumas atividades:

Faça algo que traga alegria, que dê prazer: Pescar, caminhar, praticar algum esporte, nadar, viajar, assistir filmes. Atividades que o façam se sentir mais humano; Encontrar um amigo que o aceite como é, com seus defeitos e bobagens, com quem se possa jogar conversa fora e não se saiba explicar o porquê da amizade. Melhor ainda se for fora da sua igreja local. Encontrar um terapeuta ou conselheiro de confiança para se abrir sem receio. Pessoas de confiança são imprescindíveis nas horas difíceis, diante das lutas da vida que parecem invencíveis.

Deus pode usar pessoas, muitas vezes qualificadas na área, associada a medicamentos para curar essa doença. Não perca sua fé em Deus e no que Ele pode fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estado suicida não escolhe classe social nem idade, e todos nós estamos sujeitos a um dia ter que lidar com essa questão. Não podemos afirmar que um cristão não pode sofrer de depressão, ou que somente a fé é o suficiente para vencê-la. Assim como não podemos afirmar que a presença da depressão se dê pela falta de fé. Porém a espiritualidade, certamente é uma aliada muito forte para vencer o desânimo e a tristeza.

Ter um relacionamento saudável e consistente com Deus pode ajudar muito a inibir a sensação de solidão e falta de importância do indivíduo. Não vendo Deus como um carrasco pronto a nos punir ao menor deslize, mas nos lembrando de que Ele é amor, perdão e sempre nos dará oportunidade de recomeçar. Ter um relacionamento com a família, com a igreja e consigo mesmo trará muitos benefícios e evitará futuros prejuízos emocionais e físicos.

A medicina evoluiu e muitos métodos eficazes auxiliam a nossa vida, tanto na prevenção, diagnóstico e tratamento. Não deixe de recorrer a essa ajuda. É de suma importância que os ministros estejam atentos para esses sinais, pois a prevenção e o diagnóstico precoce é o melhor remédio e caminho para a cura. Viva sua vida, seu ministério, seu chamado e sua fé de maneira plena. E Deus, que pode todas coisas, irá restaurar seu vigor.

(...)” eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância”. João 10.10

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BIBLIA SAGRADA. Bíblia de estudo Conselheira- Novo testamento. Barueri, SP; Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

A BÍBLIA SAGRADA. Bíblia anotada expandida. Cidade Dutra, SP; Mundo Cristão. 2006.

A BÍBLIA SAGRADA. Bíblia de estudo de Genebra. Barueri, SP. Cultura Crista e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BBC. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/09/090902_depressao_oms_cq.shtml> Acesso em: 19 de dezembro de 2016 às 18:13hrs.

DEUS G. RIBEIRO, Pérsio. Um Estudo da Depressão em Pastores Protestantes. Disponível em:<<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/viewFile/1134/849>>. Acesso em: 19 de dezembro de 2016 às 19:12hrs.

IVANCKO, Silvia. Depressão, o mal do século 21. Disponível em: <<http://abp.org.br/portal/clippingsis/exibClipping/?clipping=3343>>. Acesso em 26 de dezembro de 2016 às 14:26.

LOTUFO NETO, F. Psiquiatria e religião. A prevalência de transtornos mentais entre ministros protestantes. 1977. Tese (Livre-Docência)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

MIRANDA, J. (org.) e KEPLER, K. ; (ed.). Bíblia de Estudo Conselheira. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

OPAS lança nova publicação com estratégias das Américas para a prevenção do suicídio. Disponível em:

http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5222:opas-lanca-nova-publicacao-com-estrategias-das-americas-para-a-prevencao-do-suicidio-&Itemid=839> acesso em 27 de dezembro de 2016 às 13:16hrs.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Classificação de transtornos mentais e de comportamento do CID 10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. UNISINOS. Stress na vida religiosa.

Pagina 1534, Judiciário. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/98803486/trt-18-judiciario-27-08-2015-pg-1534>> Acesso em 26 de dezembro de 2016 às 16:12hrs.

QUARESMA, Marcos. Suicídio de pastores e líderes - uma reflexão necessária. Disponível em: < <http://sepal.org.br/blog-sepal/suicidio-de-pastores-e-lideres-uma-reflexao-necessaria/>> Acesso em 26 de dezembro de 2016 às 12:15hrs.

QUARESMA, Marcos. Suicídio de pastores e líderes - uma reflexão necessária. Disponível em:< <http://www.opbbpioneira.org.br/single-post/2016/07/18/Suic%C3%ADdio-de-pastores-e-l%C3%ADderes-%E2%80%93-uma-reflex%C3%A3o-necess%C3%A1ria.>> Acesso em 26 de dezembro de 2016 às 13:03hrs.

R. J. Krejcir Ph.D. Francis A. Schaeffer Institute of Church Leadership Development. Disponível em: <<http://www.intothyword.org/apps/articles/default.asp?articleid=36562&columnid=3958.>> Acesso em: 19 de dezembro de 2016 às 21:15hrs.

SOLOMON, Andrew. O demônio do meio dia: uma anatomia da depressão. 2 edição. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

¹ Adrielly Machado Araujo Santos. Formada em Publicidade e Propaganda pela Faculdade Editora Nacional; Pós Graduada em Marketing Estratégico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; Pós graduada em estudo e exposição da bíblia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

² Quaresma, Marcos. Suicídio de pastores e líderes - uma reflexão necessária. Disponível em: < <http://www.opbbpioneira.org.br/single-post/2016/07/18/Suic%C3%ADdio-de-pastores-e-l%C3%ADderes-%E2%80%93-uma-reflex%C3%A3o-necess%C3%A1ria> > Acesso em 26 de dezembro de 2016 às 13:03hrs.

³ Quaresma, Marcos. Suicídio de pastores e líderes - uma reflexão necessária. Disponível em: < <http://sepal.org.br/blog-sepal/suicidio-de-pastores-e-lideres-uma-reflexao-necessaria/> > Acesso em 26 de dezembro de 2016 às 12:15hrs.

⁴ R. J. Krejcir Ph.D. Francis A. Schaeffer Institute of Church Leadership Development. Disponível em: <<http://www.intothyword.org/apps/articles/default.asp?articleid=36562&columnid=3958>> Acesso em: 19 de dezembro de 2016 às 21:15hrs.

⁵ IVANCKO, SILVIA. Depressão, o mal do século 21. Disponível em: <<http://abp.org.br/portal/clippingsis/exibClipping/?clipping=3343>>. Acesso em 26 de dezembro de 2016 às 14:26.

⁶ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Classificação de transtornos mentais e de comportamento do CID 10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. UNISINOS. Stress na vida religiosa.

⁷ Página 1534, Judiciário. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/98803486/trt-18-judiciario-27-08-2015-pg-1534>> Acesso em 26 de dezembro de 2016 às 16:12hrs.

⁸ MIRANDA, J. (org.) e KEPLER, K. ; (ed.). Bíblia de Estudo Conselheira. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

⁹ Deus G. Ribeiro Pérsio. Um Estudo da Depressão em Pastores Protestantes. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/viewFile/1134/849>>. Acesso em: 19 de dezembro de 2016 às 19:12hrs

¹⁰ OPAS lança nova publicação com estratégias das Américas para a prevenção do suicídio. Disponível em: http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5222:opas-lanca-nova-publicacao-com-estrategias-das-americas-para-a-prevencao-do-suicidio-&Itemid=839 acesso em 27 de dezembro de 2016 às 13:16hrs.

¹¹ BÍBLIA ANOTADA EXPANDIDA. 2006. Mundo Cristão.p.1086, comentário 28:30

RESENHA:

LUEPNITZ, Debora Anna. **Os Porcos-espinhos de Schopenhauer: A intimidade e seus dilemas. Cinco Histórias de psicoterapia.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

Silas Molochenco¹

Nome estranho para um livro que vai se desenrolar falando sobre psicoterapia. Ele vem de uma fábula que narra que um grupo de porcos-espinho, numa noite muito fria, não sabiam como aquecer-se. Resolveram, então, se agruparem para que juntos se aquecessem. Quando juntos, um picava o outro, então se afastavam. Com frio se juntavam. E assim passaram o tempo do frio.

O livro trata exatamente deste comportamento, não dos porcos-espinho, mas do ser humano. Cada um deles quer os seus limites. Ninguém consegue tolerar uma aproximação íntima demais do próximo. Reconhecer isto pode ser desconcertante, mas teríamos menos probabilidades de conflitos entre casais, pais e filhos, entre membros da igreja, enfim, em todas as relações intersubjetivas.

A partir das premissas acima, Deborah Anna Luepnitz começa a contar as cinco histórias de terapia.

Ao ler o livro, quero destacar que a leitura não fique na superficialidade. O livro tem muito a nos ensinar. Deborah, ao atender estes casos, não é uma terapeuta experimentada, com vivência em atendimentos. Ela está começando a sua carreira e os erros, os temores, as dúvidas e os desafios são paralelos ao início, e não só o início, mas por toda carreira por um chamado de Deus para um ministério.

A primeira história é de um casal que busca o recurso da terapia porque viviam em constantes discussões. Marido e Mulher, pelo desenvolvimento da vida, estavam tão próximos que os espinhos machucavam. Para eles não havia um 'entre' o 'eu' e o 'você'. Um sufocava o outro e não havia espaço para respirar nem para pensar. Vale a pena ler o texto em um paralelismo entre o pastor e a igreja.

A segunda história é de uma família judia, em que o pai era rabino e dirigia a casa como um ‘rabino’ deve fazer. O atendimento psicanalista muito cedo foi percebendo o que se passava na família. A menina, única filha, que estava em tratamento, sofria de uma glicemia ultralabil² e o médico que a acompanhava levou-a para a terapeuta. Esta descobriu que também a mãe tinha dificuldades de saúde. Aparentemente os homens da casa não tinham problemas. Aqui é que entra a fábula dos porcos-espinho. O rabino tinha um processo educacional e marital com o qual espetava profundamente a esposa e a filha. Os espaços em uma família são vitais para a saúde de cada participante dela.

A terceira história é de um homem que vivia no frio, segundo a fábula, literalmente no frio. A maioria dos contatos não passam de uma noite. Vivia distante da realidade dos relacionamentos porque tinha medo deles.

A quarta história é de uma doutora, chefe de departamento de uma das maiores Universidades do país. Marcou e desmarcou inúmeras vezes a entrevista com medo de se defrontar consigo mesma. Nascera humilde e vencera em sua carreira, porém estas duas qualidades inconscientemente batalhavam dentro dela. Quando uma se sobrepunha, a outra se agarrava nela. Ambas faziam parte da identidade da doutora. Dentro dela, dois porcos-espinho lutavam entre si tirando-lhe sempre a paz e o gosto de viver.

A quinta história é de uma trabalhadora braçal que tem uma filha pequeninha e seu objetivo maior era eventualmente praticar o suicídio. A terapeuta estava desconsertada e em um primeiro momento considerou, irracionalmente, que se ela desaparecesse seria melhor. No entanto o contrário aconteceu. A terapeuta se apegou a ela e começou a sofrer com ela. Aqui é terapeuta representa o porco-espinho, não dando espaço devido à jovem mulher.

Recomendo a leitura deste livro porque ele pode enriquecer a sua vida e talvez levá-lo a reorganizar alguns pensamentos. É um livro de leitura fácil e a escritora tem um modo de escrever que enreda o leitor.

Aprendi muito com o livro principalmente por tê-lo lido de forma diferente. Quando o li fiz metáforas, paralelos, abordagens além da escrita do texto.

¹ Doutor em Psicologia, Mestre em Teologia—Aconselhamento, Psicanalista Clínico. Professor na Teológica.

² Este tipo de glicemia é altamente instável. Varia rapidamente e a pessoa precisa estar em constante vigilância



REVISTA TEOLÓGICA

Diretrizes para autores

Submissão de trabalhos:

- Os trabalhos entregues para publicação serão avaliados quanto à cientificidade e a fidelidade a estas diretrizes bem como às normas da ABNT.
- Os trabalhos devem ser inéditos e não devem estar concomitantemente sendo submetidos à avaliação em outros periódicos ou veículos de publicação. Se, porventura, for enviado um texto já publicado, o lapso de tempo da publicação deverá ser de, no mínimo, um ano e que o novo artigo tenha sido submetido a uma revisão e atualização.
- A Comissão editorial se reserva ao direito de não aceitar um artigo ou de pedir adequações para a sua publicação.
- A Teológica não se responsabiliza pelas opiniões, ideias e conceitos que venham a fazer parte do conteúdo dos textos, que são de inteira responsabilidade de seu autor.
- Os textos serão submetidos à leitura de dois pareceristas estabelecendo-se o sigilo e anonimato dos mesmos.
- Os trabalhos devem ser enviados para a Faculdade Teológica Batista de São Paulo no endereço de e-mail da Coordenação Acadêmica: **cademica@teologica.br**
- Os trabalhos enviados terão um prazo de 6 meses a partir do recebimento, para aceite ou não dos pareceristas, para fins de publicação.

Formatação:

1. **Geral:** O arquivo deverá ser formatado em Word; fonte Arial; corpo 12; espaçamento entre linhas 1,5, justificado, com recuo de parágrafos e sem espaço entre parágrafos (1,5). Devem conter: título, resumo, abstract, palavras chave e referências.
2. **Título** em negrito e centralizado.
3. As partes: Resumo, Abstract, Introdução, Considerações finais e Bibliografia em Maiúscula no canto esquerdo
4. **Subtítulos:** em negrito, em minúsculas à esquerda.
5. **Nome do (s) autor (s):** à direita, com nota de rodapé indicando resumidamente a formação principal do autor. Abaixo do nome do autor, a identificação da instituição (se estiver vinculado).

Resumo

1. Em Português e em Inglês.
2. Alinhamento justificado; espaçamento simples entre linhas, margens superior/ esquerda 3 cm; inferior/ direita 2 cm.
3. No máximo 1.500 caracteres (na versão em Português).
4. No mínimo 3 palavras-chave (*keywords*).

Texto

1. Fonte Arial; corpo 12; espaçamento entre linhas 1,5, justificado, sem recuo de parágrafos e com espaço entre parágrafos (1,5), margens superior/ esquerda 3 cm; inferior/ direita 2 cm.
2. Tamanho: entre 14 e 15 mil caracteres.
3. Notas de rodapé são utilizadas somente para explicações ou esclarecimentos.
4. Citações utilizam a sequência AUTOR, data, p. (Ex.: NASCIMENTO, 2012, p.2)

5. As referências às fontes são colocadas ao final do texto em ordem alfabética e devem obedecer as normas da ABNT.
6. Palavras estrangeiras devem ser figuradas em *itálico*. Línguas originais como grego e hebraico ou com outro sistema alfabético devem ser transliteradas.
7. Neologismos, termos técnicos e acepções incomuns devem vir entre aspas.

Observação: a não observância das regras impedirão o aceite do artigo.